

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras



Estácio, *Aquileida*: introdução, tradução e notas

David Alexandre Alves Pereira

Mestrado em Estudos Clássicos

Dissertação especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre,
orientada pelo Professor Doutor Luís Manuel Gaspar Cerqueira

2024

Índice

| | |
|-------------------------------|-----|
| Resumo..... | 5 |
| Abstract..... | 7 |
| Prefácio..... | 9 |
| Introdução..... | 11 |
| Texto latino e tradução | 50 |
| Bibliografia..... | 166 |

Resumo

A presente dissertação consiste numa introdução e tradução anotada da *Aquileida*, de Estácio. Na introdução, abordam-se as principais questões em torno da obra: a uma breve resenha biográfica acerca do seu autor, segue-se uma síntese da história do mito em que se funda a parte extante do poema, bem como uma análise às suas fontes e modelos. Em seguida, procura-se situar a *Aquileida* no panorama genológico da literatura antiga, abordando, para tal, a problemática questão da sua hipotética continuação. Por fim, é feita uma análise às personagens e aos principais temas presentes na narrativa. Nas notas, expomos questões de crítica textual, assinalando as principais dificuldades de interpretação e fixação de texto, prestamos esclarecimentos mitológicos e geográficos, e notamos passos de relevo linguístico, estilístico ou intertextual.

Palavras-chave: Estácio, *Aquileida*, poesia épica, literatura latina.

Abstract

This dissertation consists of an introduction and an annotated translation of Statius' *Achilleid*. In the introduction, the main topics surrounding the work are addressed: after a brief biographical summary on its author, a synthesis on the history of the myth on which the extant poem is grounded follows, as well as an analysis to its sources and models. Subsequently, we try to situate the *Achilleid* within the generic landscape of ancient literature, and tackle, with that in view, the problematic issue of its hypothetical sequel. A final analysis is dedicated to the characters and the major themes found in the narrative. In the footnotes, we focus on textual issues and point out the main problems regarding interpretation and text-fixation. We also clarify mythological and geographical matter, and remark on passages of linguistic, stylistic or intertextual interest.

Keywords: Statius, *Achilleid*, epic poetry, latin literature.

Prefácio

A escolha da *Aquileida* como objecto da presente dissertação decorre de um acrescido interesse, desenvolvido ao longo do meu percurso enquanto estudante e enquanto ser humano, pela poesia épica, o mais sublime palco para actualização da grandeza anímica que cada um de nós possui, ainda que meramente em potência. Influuiu, ainda, na minha decisão a vontade de dar à nossa língua uma obra acessível apenas no original ou em traduções estrangeiras, insuficiência que se vê, agora, colmatada.

Seguimos a edição de Dilke, cujo texto incluímos na dissertação, a par da tradução. A adopção de lições divergentes será devidamente referida em nota de rodapé. Além do comentário elaborado pelo referido editor, tivemos em consideração o de Ripoll-Soubiran. Autores e obras antigas, assim como periódicos e obras de referência, são citados de acordo com as abreviaturas e siglas estabelecidas no *Oxford Classical Dictionary* (1996).

Agradeço a todos os meus professores, passados e presentes, particularmente ao meu orientador, o Professor Luís Cerqueira, pela paciência e pelo conselho sempre disponível, e ao Professor José Pedro Serra, por me fazer pasmar perante a magnanimidade e a dolorosa nobreza do espírito épico. Ao Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa devo a disponibilidade de todos os materiais necessários à investigação, assim como a atribuição de uma bolsa, sem a qual a execução deste trabalho seria muito dificultada. À minha família, agradeço o apoio incondicional, e à minha mulher, Daphne, o amor e o incessante incentivo.

Introdução*

I – Estácio: vida e obra

Públio Papínio Estácio nasceu em Nápoles, entre 40 e 50 d.C.¹ Seu pai, de nome igual, originário de Eleia/Vélia, mudara-se para essa cidade, com o intuito de abrir uma escola e exercer a sua actividade enquanto poeta profissional. Enquanto *grammaticus*, o pai de Estácio adquirira um estatuto prestigioso, que se depreende do facto de atrair para a sua tutela discípulos de regiões distantes². Estácio enumera exhaustivamente os poetas gregos estudados na sua escola: desde Homero, Hesíodo e Epicarmo, os líricos Píndaro, Íbico, Estesícoro, Safo e Álcman, até aos alexandrinos, Calímaco, Lícofron, Sófron e Corina³. Eis a formação literária de Estácio, o filho, fundamentalmente grega, assim como grego era o berço de Nápoles, cidade helénica no seio da Itália, que conservava a língua e as instituições gregas, administrada que era, ainda, por demarcos e arcontes⁴, motivo por que tende a ser considerado “um poeta grego de língua latina”⁵. Por outro lado, enquanto poeta, os sucessos do pai de Estácio não foram menores, e constituíam, em larga medida, o principal motivo para a prosperidade da sua carreira educativa, conforme infere o seu filho⁶: terá ganho prémios nos *Augustalia*, e também nos Jogos Píticos, Nemeus e Ístmicos⁷, resultado da sua hábil criatividade em diversos géneros e da sua proficiência nas línguas grega e latina⁸. Estácio atribui-lhe um poema épico, o *Bellum Capitolinum*, acerca do incêndio do Capitólio e da Guerra Civil de 69 d.C., uma celebração, em suma, da nova dinastia flaviana⁹, bem como a intenção de um poema sobre a erupção do

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020 (<https://doi.org/10.54499/UIDB/00019/2020>).

¹ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 4-5. Segundo Dilke, 50 d.C. é o ano mais provável (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 3).

² Stat., *Silv.*, V, 3, 162-175.

³ Id., V, 3, 146-158.

⁴ Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, p. 4.

⁵ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 4.

⁶ Stat., *Silv.*, V, 3, 162.

⁷ Id., V, 3, 141-145. Dilke questiona a veracidade das suas visitas à Grécia e das vitórias nos referidos jogos gregos (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 3), mas Delarue declara-as “quase-certas”, apresentando como prova a existência de uma base de estátua, encontrada em Elêusis, provida de uma inscrição com as letras Πόπλιον Παπίνιον Στ... (cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, p. 5).

⁸ Stat., *Silv.*, V, 3, 90-103.

⁹ Id., V, 3, 194-202.

Vesúvio, em 79 d.C.¹⁰, o que constitui o *terminus post quem* para a sua morte, aos 65 anos, que deve ter sucedido no início da década de 80 d.C.¹¹.

Estácio cresce, então, num ambiente literário, e a sua veneração perante a figura paterna iria, certamente, moldar a sua formação de orientação poética. Ainda jovem, terá ido para Roma, com vista a completar a sua formação literária. Lá, participa em declamações públicas, até que, em 80 d.C., é chegado o segundo grande momento da sua carreira literária, após uma vitória nos *Augustalia* de Nápoles, em 78 d.C.: com a orientação de seu pai, Estácio começa a compor a sua *Tebaida*¹², poema épico em torno da guerra dos Sete contra Tebas, tema para o qual Estácio terá os tragediógrafos, sobretudo Eurípides, como principal fonte, não obstante a *Tebaida* de Antímaco de Cólofon, composta no século V a.C.¹³ A composição desta primeira obra levará a Estácio doze anos, e culminará numa épica repleta de sangue, *pathos* e paroxismo, em nada alheia à realidade política contemporânea de Roma. Ao diálogo intertextual com Vergílio, junta-se, como traços fundamentais da *Tebaida* de Estácio, o influxo de Séneca (na psicologia e tonalidade trágicas) e de Lucano¹⁴ (nos elementos paroxísticos e fratricidas)¹⁵.

“Na flor da idade”¹⁶, Estácio tomara Cláudia como esposa, uma viúva romana com quem vem a partilhar um casamento feliz. Não tendo tido filhos com Cláudia, encontrava, no entanto, as suas figuras filiais na enteada, filha do anterior casamento da sua esposa, e num jovem escravo que Estácio adoptara, e cuja morte o poeta lamenta profundamente, na última *Silva*. A partir de 89 d.C., Estácio dedica-se, paralelamente à composição da *Tebaida*, a escrever livros de poesia ocasional, de tema e forma vária, de onde provém a maioria do nosso conhecimento biográfico a seu respeito. Entre 92 e 95 d.C., publica cinco livros de *Silvas*, em que dedica poemas a amigos e patronos, entre os quais o imperador Domiciano, cujos feitos na Germânia e na Dácia constituíram o tema de um panegírico de Estácio, vencedor dos Jogos Albanos de 90 d.C. Além do imperador, encontramos nas *Silvas* outras figuras da alta sociedade romana (notavelmente, Polião Félix, Cláudio Etrusco e Vitério Marcelo), o que nos permite contemplar a ampla rede de patronato que Estácio terá estabelecido ao longo da sua carreira, e que pode ajudar a

¹⁰ Id., V, 3, 205-208.

¹¹ Cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, p. 39.

¹² Stat., *Silv.*, V, 3, 233s.

¹³ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 6-7.

¹⁴ Sobre a hipotética frequência dos Papínios no círculo dos Aneus, cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, pp. 22-33.

¹⁵ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 6-7.

¹⁶ Stat., *Silv.*, III, 5, 23.

explicar parte da sua fama e sucesso¹⁷. No que diz respeito ao universo literário, encontramos, nas *Silvas*, poemas dedicados a Argentária Pola, viúva de Lucano¹⁸, e ao historiador Víbio Máximo¹⁹, que terá auxiliado Estácio na publicação da sua *Tebaida*²⁰. Apesar das várias amizades em comum com Marcial, é interessante notar o silêncio mútuo entre ambos os poetas.

Em 94 d.C., Estácio sofre um desaire, no seu insucesso nos Jogos Capitolinos, momento sentido de tal forma que ocasiona, pelo menos em parte, o seu regresso a Nápoles, ainda que parcial, por compromisso com Cláudia, que desejava permanecer em Roma²¹. É então que começa a compor a sua última obra, a *Aquileida*, a que já aludia nos dois últimos livros de *Silvas*, compostos em 94 e 95 d.C., inicialmente, apenas enquanto projecto²² e, posteriormente, considerando já uma recitação pública²³, colocando-a a par da *Tebaida*²⁴. A morte de Estácio, em 95 ou 96 d.C., seguramente antes da morte de Domiciano, em Setembro de 96 d.C.²⁵, é, quase certamente, o motivo do não acabamento do seu último poema, cuja parte extante acreditamos, no entanto, ter sido minuciosamente revista pelo seu autor.

¹⁷ Cf. Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, pp. 4-5.

¹⁸ Stat., *Silv.*, II, 7.

¹⁹ Id., IV, 7, 53ss.

²⁰ Id., IV, epist.

²¹ Id., III, 5.

²² Id., IV, 4, 93s.; 7, 21-24.

²³ Id., V, 2, 160-163.

²⁴ Id., V, 5, 36-37.

²⁵ Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 6. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 8.

II – O mito

A faceta amorosa de Aquiles, amplamente descurada na *Ilíada*, terá sido abordada nas perdas Épicas Cíclicas. Sabe-se, por exemplo, que a *Etiópica* refere o amor de Aquiles por Pentesileia²⁶, e que a *Cípria* menciona o desejo de Aquiles de ver Helena²⁷, assim como o episódio de Ifigénia e do falso pretexto de casamento²⁸. Ciros é mencionada neste último poema, numa referência ao casamento entre Aquiles e Deidamia²⁹, e, na *Pequena Ilíada*, é lá que Ulisses recruta Neoptólemo³⁰, o que nos permite retirar sentido da informação, na *Ilíada*, segundo a qual Neoptólemo está a ser criado em Ciros³¹. Em parte alguma, no entanto, encontramos menção ao disfarce de Aquiles. Será este um acrescento pós-homérico, ou estaremos perante uma omissão deliberada, com vista a salvaguardar o decoro épico do herói?

Séculos mais tarde, Pausânias afirma que Homero “fez bem” em representar Aquiles como tendo conquistado Ciros³², em oposição à versão, já predominante no tempo do geógrafo, segundo a qual o herói lá vivera disfarçado de mulher, como forma de escapar à guerra³³. Embora Pausânias atribua a Homero intencionalidade nesta omissão, temos bons motivos para acreditar que tal versão do mito não era conhecida pelo poeta. No seu epítome das Épicas Cíclicas, Proclo refere que a *Cípria* representa o momento em que Aquiles atraca em Ciros e se casa com Deidamia, filha de Licomedes³⁴; a *Pequena Ilíada*, por sua vez, refere apenas a chegada de Aquiles a Ciros, devido a uma tempestade³⁵ – nada, no entanto, acerca de disfarce ou de evasão à guerra. Um escólio existe que refere o mito do disfarce e o atribui à *Cípria*³⁶, mas a crítica é consensual em declará-lo implausível e pós-homérico³⁷. Será aceitável, então, concluir que a forma arcaica do mito não coexistia com a versão do disfarce; pelo contrário, de uma amálgama

²⁶ PEG *Aethiopsis* argumentum, 4-8 (Procl., *Chrest.*).

²⁷ PEG *Cypria* argumentum, 58-60 (Procl., *Chrest.*).

²⁸ Id., 41-49.

²⁹ Id., 39s.

³⁰ PEG *Iliades parvae* argumentum, 10s. (Procl., *Chrest.*).

³¹ *Il.*, XIX, 326.

³² *Il.*, IX, 668.

³³ Paus., I, 22, 6.

³⁴ PEG *Cypria* argumentum, 39s. (Procl., *Chrest.*).

³⁵ PEG *Iliades parvae* fr. 24.

³⁶ PEG *Cypria* fr. 19 (Σ D *Il.* 19.326).

³⁷ Fantuzzi, M., *Achilles in Love: Intertextual Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. 24-27.

Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 203-205.

das referências a Ciros presentes na *Ilíada*, na *Cípria* e na *Pequena Ilíada*, retiramos uma narrativa segundo a qual Aquiles, já então membro da expedição contra Tróia, aporta involuntariamente em Ciros, saqueia a ilha e toma Deidamia como mulher. Ora, é este silêncio generalizado a propósito do disfarce de Aquiles que nos permite considerá-lo uma invenção pós-homérica e pós-cíclica.

Ainda que a dimensão amorosa de Aquiles seja mais extensamente tratada na poesia lírica grega, por nomes como Íbico³⁸, Estesícoro³⁹, Baquilídes⁴⁰ e Simónides⁴¹, também aí é inexistente qualquer menção a um Aquiles travestido. É de Eurípides que nos chegam as primeiras palavras acerca dessa versão do mito; nos *Círios*, o tragediógrafo estabelece a versão que se tornará o padrão do episódio de Ciros: o ardil de Tétis; o disfarce de Aquiles; a sedução e gravidez de Deidamia; a missão de Ulisses e Diomedes em busca do herói; o ardil da trombeta e a revelação de Aquiles⁴². Questionar-se-á, então, o porquê de, na Atenas do século V a.C., surgir uma tão singular versão do mito, atendendo, em particular, ao facto de que, ao longo da tradição homérica e cíclica, em momento algum ela é referida. Pode uma resposta ser esboçada recuperando o nome de Pausânias, acima invocado. Quando o geógrafo louva Homero por ter escolhido omitir o disfarce de Aquiles, fá-lo a propósito de uma pintura que representa Aquiles saqueando Ciros, da autoria de Polignoto, pintor que tinha Címon como patrono. Ora, na década de 470 a.C., o estadista ateniense leva a cabo uma invasão à ilha e coloniza-a, fazendo uso de propaganda mitológica: Teseu havia sido morto por Licomedes, o que é avançado como *casus belli* para a invasão. É nesta altura que o mito de Aquiles travestido chega a Atenas, provavelmente inventado pelos *Círios*, cujo orgulho não conviveria bem com a versão predominante de um saque à ilha levado a cabo por Aquiles⁴³. Independentemente das motivações para a criação de versões divergentes da dominante, é certo que é neste momento que um Aquiles disfarçado entra na tradição mitológica enquanto elemento convencional, concebido pelos *Círios* e disseminado e promovido pelos Atenienses⁴⁴.

³⁸ *PMGF*, 291, 307.

³⁹ *PMGF*, S137.

⁴⁰ *Bacchyl.*, XIII, 138.

⁴¹ *PMG* 558.

⁴² Cf. a hipótese dos *Círios* de Eurípides, editada em Jouan, F., Van Looy, H. (eds.), *Euripide, Tragédies*. vol. 8. Paris, 2002, pp. 72-74.

⁴³ Sobre esta conjectura a propósito da introdução do mito de Aquiles disfarçado em Atenas, cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 199-201.

⁴⁴ A título de curiosidade, notamos que, ainda hoje, a ilha de Ciros celebra um carnaval cuja etiologia faz remontar ao episódio do disfarce de Aquiles (a esse respeito, cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 228-229).

No Período Helenístico, encontramos duas representações do episódio: a de Lícofron e a de Bión. Na sua *Alexandra*, Lícofron refere, pela voz de Cassandra, o disfarce de Aquiles em Ciros, num tom depreciativo que reflecte o viés anti-aqueu de uma personagem troiana⁴⁵. Por sua vez, Bión, no *Epitalâmio de Aquiles e Deidamia*, ainda que evidencie o carácter não-heróico do episódio, não confere à sua obra um tom pejorativo, celebrando, pelo contrário, o triunfo do amor sobre a guerra⁴⁶. A exacerbar a desonra de um Aquiles disfarçado de mulher está o facto de ambos estes poemas omitirem a agência de Tétis, o que, em Lícofron, serve para imputar totalmente a situação a um desígnio do herói, decorrente do seu medo da guerra e de Heitor, e, em Bión, para tornar Aquiles numa personagem exclusivamente erótica, dedicada por completo à satisfação das suas tendências voluptuosas e perfeitamente confortável no seu disfarce, contanto que tal lhe permitisse uma aproximação furtiva à esfera feminina, ideia que, no mundo romano, não seria totalmente rejeitada pelos poetas elegíacos, que celebravam com ligeireza a sua gesta amorosa (com efeito, na Roma augustana, que reclamava descendência troiana, não era usual louvar os feitos marciais de Aquiles, herói grego). É, provavelmente, Ovídio, na *Arte de Amar*, que introduz a violação de Deidamia por Aquiles (não podemos, contudo, estar certos, visto que o relato de Bión é cortado nos momentos que antecedem a consumação da sedução: teria o Aquiles de Bión, também, recorrido à força?), e apresenta o acontecimento como prova exemplar de que os homens devem fazer uso da força para alcançar os seus desejos eróticos e de que as mulheres, no fundo, desejam deixar-se dominar⁴⁷.

É Estácio o primeiro a adaptar o mito à forma épica – o disfarce de Aquiles terá atraído Estácio pela sua obscuridade, em particular na literatura latina, que o tornava apto a integrar o conjunto de episódios não abordados por Homero, que o nosso poeta se propõe tratar, tendo, para tal, contactado com obras que abordassem a juventude de Aquiles. Vem à mente a *Cípria*, mas sabemos que o poeta não a poderá ter lido, pois ter-se-á perdido entre os séculos V e II a.C.⁴⁸ No que à obra Eurípides diz respeito, o profundo conhecimento da sua obra por Estácio é atestado por ambas as suas épicas, o que, no entanto, não equivale a uma correlação narrativa certa entre os *Círios* e a *Aquileida*, assim como a *Tebaida* não segue em absoluto os dramas extantes de Ésquilo e Sófocles em

⁴⁵ Lycoph., *Alex.*, 186-201.

⁴⁶ Bion, II.

⁴⁷ Ov., *Ars am.*, 689-704.

⁴⁸ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 10.

torno do ciclo tebano. Algumas inovações e acrescentos ao mito têm lugar na *Aquileida*, e certamente continuariam a ter na sua continuação: perante Eurípides, a inclusão das irmãs de Deidamia e, provavelmente, o estratagema de Ulisses (nos *Círios*, Deidamia é filha única, o que tornaria desnecessário o ardil de Ulisses, havendo apenas duas raparigas); perante Bión e Ovídio, a alteração do local da violação, do quarto para um rito báquico, bem como a exploração de dimensões afectivas não sexuais, isto é, um amor não estritamente carnal e instintivo de Aquiles por Deidamia.

III – Fontes e modelos

Uma análise às fontes e aos modelos da *Aquileida* revelará aquilo a que Hinds chamou “o dinamismo da épica romana”⁴⁹ e a sua “abertura à apropriação”⁵⁰, características que, na segunda épica de Estácio, atingem o seu auge. Um poeta que escreve acerca da vida de Aquiles, uma das mais importantes figuras mitológicas, tem necessariamente em consideração a vasta tradição literária que o precede, o que ela tenha de convergente e de divergente, o que nela seja célebre e pormenorizado, ou obscuro e abstruso. A esta contemplação segue-se uma tomada de posição, e é precisamente neste ponto que Estácio inova: não se limita a encaixar-se nos espaços vagos da tradição literária, nem a entendê-la como herança cristalizada; pelo contrário, assume-se como criador dessa mesma tradição, por um lado tomando-a como elemento activo para a sua criação, e, por outro, atribuindo-lhe novos sentidos e interpretações, retroactivamente.

A referência explícita a Homero na proposição da *Aquileida* (I, 3s., *cantu Maeonio*) pode ser entendida como sinal da deferência de Estácio perante a tradição épica. Contudo, pode argumentar-se, também, que o influxo homérico, embora inevitável, se dá a um nível negativo, isto é, surge como ponto de demarcação. E, de facto, aquilo que Estácio se propõe fazer é precisamente um tratamento dos episódios não-homéricos da vida de Aquiles (I, 4, *sed plura uacant*) – é esta distância deliberada que torna a *Aquileida* forçosamente não-homérica. Certamente, a narrativa iniciada por Estácio e a *Iliada* cruzar-se-iam em alguns momentos, mas é justamente na distância em relação a Homero que reside o projecto da *Aquileida*. No entanto, ao abordar um ciclo mitológico cuja principal fonte é Homero, Estácio não pode deixar de englobar no seu poema elementos de origem homérica, não apenas a nível temático e narrativo, nomeadamente, os temas da vontade de Zeus, as núpcias de Tétis e Peleu, o concurso das deusas e o rapto de Helena, como também a propósito do estilo e da linguagem, de que são exemplo a equivalência entre *magnanimus* e o *μεγάθυμος* homérico, e a semelhança fonética entre *magnanimus Aeaciden* e *μῆνιν ἄειδε θεὰ*, que introduz um contraste entre os objectos de cada obra – por um lado, a cólera de Aquiles; por outro, a grandeza anímica do herói, que Estácio se presta a tratar e que denota uma mais lata abordagem à vida da personagem.

⁴⁹ Hinds, S., “Do-it-yourself literary tradition: Statius, Martial and others”, *Materiali e discussion per l’analisi dei testi classici* 39, 1997, p. 188.

⁵⁰ *Ibid.*

Abundantes ecos de Homero há, ainda, em certos lugares-comuns de que Estácio se apropria, como sejam a parceria de Ulisses e Diomedes, que remontava já à Doloneia homérica, a proverbial astúcia de Ulisses, as súplicas de Tétis, a cena em que Deidamia joga na praia, junto das companheiras, reminescente da Nausícaa de Homero. Por outro lado, também abundam os pontos de divergência: na proposição da *Aquileida*, o herói é referido pela sua descendência de Éaco, e não de Peleu, como na *Ilíada*, escolha deliberada por parte de Estácio; em parte alguma encontramos o nome de Fénix, o preceptor homérico de Aquiles, substituído por Quíron, na *Aquileida*; em ambos os poemas, a presença de Aquiles é considerada imprescindível para o sucesso na guerra, mas, ao passo que, na *Ilíada*, a sua integração na expedição se dá após um apelo de Nestor, na Ftia, e com o consentimento de Tétis, na *Aquileida*, tal sucede sem o consentimento da deusa, o qual, aliás, tornaria a parte principal da *Aquileida* injustificada – a saber, o episódio de Círos, que Homero parece desconhecer.

No século V a.C., Eurípides estabelece aquela que se tornará a versão convencional do disfarce de Aquiles em Círos, na sua tragédia *Os Círios*. Estácio, profundo conhecedor da obra do tragediógrafo, dela retira numerosos elementos e, de um modo geral, a linha narrativa. Na relação intertextual entre *Os Círios* e a *Aquileida*, dois pontos são de salientar, um de convergência, outro de divergência. Por um lado, a referência à ama como única confidente na gravidez de Deidamia, que Heslin caracterizou como nota de rodapé remetendo para *Os Círios*⁵¹, surge-nos como evidência do inconfundível influxo de Eurípides, que atribuiu à ama, personagem-tipo da tragédia, a mesma função⁵². Por outro lado, Estácio, ao acrescentar à narrativa as irmãs de Deidamia, inexistentes em Eurípides, introduz um particular enfoque no ardil de Tétis e na missão, também ela ardilosa, de Ulisses e Diomedes, visto que, n’*Os Círios*, o facto de figurarem no gineceu apenas Aquiles e Deidamia não coloca a Ulisses qualquer dificuldade na identificação do herói. Como tal, conclui-se que Estácio, embora retire de Eurípides todo o conteúdo temático da *Aquileida*, confere à sua narrativa uma direcção distinta, já não totalmente centrada no conflito interno de Aquiles, mas principalmente nos enredos adjacentes, proporcionados pelas personagens secundárias de Tétis e Ulisses, motores fundamentais para o decorrer da acção. Mais do que elementos específicos, o que Estácio retira d’*Os Círios* é, então, o tratamento dramático do conteúdo, isto é, momentos de

⁵¹ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, p. 197.

⁵² Jouan, F., Van Looy, H. (eds.), *Euripide, Tragédies*. vol. 8. Paris, 2002, pp. 72-74.

peripécia e reconhecimento, construções retóricas plenas de sugestividade visual e *enárgeia*, bem como uma tendência psicologizante na apresentação das motivações das personagens, aspectos que o poeta adapta devidamente à forma e ao registo épicos. Outras obras de Eurípides se encontram presentes na *Aquileida*, embora de modo pontual: as *Bacantes*, que, a par do *Hino Homérico a Dioniso*, inspiram Estácio na sua representação do ritual dionisiaco e de um Aquiles disfarçado de ménade, remanescente de Penteu; de *Ifigénia em Áulide*, o ardor bélico dos Aqueus e os relatos das núpcias de Tétis e Peleu, o concurso das deusas, o rapto de Helena e a educação de Aquiles, assim como o *furor* profético de Calcas.

Quanto ao mundo romano, os principais modelos para a composição da *Aquileida* são de Vergílio, Ovídio e Séneca. Poucos seriam os momentos em que o poema de Estácio se cruzaria com a *Eneida*, do ponto de vista cronológico, pois Vergílio escreve sobre acontecimentos que sucedem à morte de Aquiles. Todavia, a obra-prima de Vergílio foi de tal forma influente no panorama da épica romana que todos os poemas épicos que se seguiram surgem como respostas a esse paradigma, desde a ruptura antagónica de Lucano à continuidade aparentemente servil da *Tebaida* – uma épica romana pós-vergiliana assumia necessariamente uma posição perante a *Eneida*, e pode-se, por isso, afirmar que o género orbitava em torno desse modelo principal. Como tal, ainda que não possa ser classificada como fonte, a *Eneida* é inegavelmente um dos principais modelos para a *Aquileida*.

O influxo de Vergílio neste poema dá-se sobretudo a nível formal, no uso da linguagem, nos adornos estilísticos (nos símiles e nas descrições, em particular), no uso de certas situações-tipo da épica. No entanto, a forma superficialmente paralela esconde uma intenção subversiva e lúdica perante aquele grande modelo, o que se traduz num “jogo de reapropriação”⁵³ e de ambigüização que resulta frequentemente num efeito de *decrecendo* dramático⁵⁴. O mais claro exemplo desta conduta poética surge logo no início da narrativa, em que encontramos um contexto semelhante ao da *Eneida*: em ambas as obras, uma deusa intervém junto de um deus, de modo a alterar o rumo dos acontecimentos por meio de uma tempestade. O diálogo entre Juno e Éolo, no primeiro canto da *Eneida*⁵⁵, e entre Vénus e Neptuno, no quinto⁵⁶, marcam um importante ponto

⁵³ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 28.

⁵⁴ Id., pp. 27-30.

⁵⁵ Verg., *Aen.*, I, 50-80.

⁵⁶ Id., V, 779-815.

de contacto entre as duas obras, na medida em que a postura das deusas, isto é, o paradigma épico de uma Juno vingativa e de uma Vénus maternal, é, em momentos distintos, atribuída por Estácio a Tétis: respectivamente, na sua ira inicial, de que surge a ideia de devastar a frota de Páris (I, 48-51), e na sua súplica a Neptuno (I, 61-76). Trata-se, no entanto, de uma imitação quase paródica, deliberadamente votada à subversão por parte do autor, visto que, quando Tétis se dirige a Neptuno com vista a provocar a tempestade, o papel épico que adopta é o de Vénus, que, na *Eneida*, é o papel usado para o contrário – para acalmar uma tempestade. Para cumprir os seus desígnios, conviria a Tétis o papel de Juno, que, em Vergílio, consegue efectivamente persuadir Éolo a encapelar os mares.

Como se vê, Estácio faz uso do modelo vergiliano para infundir e posteriormente derrotar as expectativas da audiência, com a qual estabelece uma relação de cumplicidade com base na alusão intertextual⁵⁷. É esta a atitude geral de Estácio perante Vergílio, mas a relação não se esgota aí, visto que muitos outros pontos de contacto surgem ao longo do poema, entre os quais a rede intertextual que Estácio estabelece em diálogo com a *Eneida*, que liga os símiles Diana/Apolo e Dido/Eneias a Aquiles/Deidamia⁵⁸; a Camila vergiliana como modelo para um Aquiles sexualmente ambíguo⁵⁹; a persuasão de Tétis a Quíron, em muito inspirada no diálogo entre Dido e Ana; a personagem de Licomedes, que tem por modelo o rei Latino de Vergílio; a representação do amor materno de Tétis, em boa medida importado da Vénus vergiliana; a *relicta* Deidamia, próxima de Dido (embora esse modelo provenha mais claramente das *Heroides* de Ovídio, como se verá). Por fim, de um ponto de vista métrico e linguístico, não será irrelevante o facto de a sequência dáctilo-espondaica dos primeiros versos da *Eneida* e da *Aquileida* coincidir, assim como coincide a sequência vocálica das primeiras palavras (a-a-i-u).

Se a influência de Vergílio na *Aquileida* é mais forte a nível formal, no caso de Ovídio, estamos perante um influxo que se reflecte no ambiente que envolve a obra. É certo que o tema do texto extante da *Aquileida* coincide com o dos livros XII e XIII das *Metamorfoses*, e que o episódio de Ciro é narrado na *Arte de Amar*, o que, por si só, torna estas três secções de obras, em grande medida, aparentadas. Naqueles livros das

⁵⁷ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 23.

⁵⁸ Sobre esta rede de símiles, cf., em particular, McNelis, C., “Símiles and Gender in the *Achilleid*”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 189-204.

⁵⁹ Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, pp. ix-xii.

Metamorfoses, surge-nos uma pequena biografia de Aquiles, pelas palavras de Ulisses, que descreve o herói como *magnanimus*⁶⁰. A coincidência temática com a *Aquileida* reflecte-se numa relação de grande afinidade lexical (a maior, entre os seus intertextos)⁶¹, e não é por acaso que encontramos *magnanimus* como primeira palavra escolhida por Estácio. No entanto, ao passo que a proximidade lexical pode ser explicada pela coincidência temática, o tom e o gosto marcadamente ovidianos não podem derivar senão de uma declarada intenção de afiliação, ideia que é reforçada por abundantes elementos caracteristicamente ovidianos, como sejam a exploração da ambiguidade e da fluidez da identidade, a autoconsciência literária das personagens, o gosto pela ironia, o carácter fortemente alusivo da obra e a criação de uma relação de cumplicidade entre a personagem e o leitor, elementos que, entendidos em conjunto, denunciam a irrefutável presença de Ovídio⁶². É a exploração dos limites do género épico que mais intimamente liga a *Aquileida* às *Metamorfoses*, assim como o facto de a parte extante da épica de Estácio narrar aquilo que, no fundo, é a metamorfose de Aquiles. Abundam, ainda, outros elementos pontuais de cariz ovidiano: palavras como *deducere* (I, 7) e *depleuimus* (I, 8); um hexâmetro de quatro palavras (o primeiro verso da *Aquileida*); orações parentéticas (I, 4, 5, 122, etc.) – todos estes elementos sugerem o influxo de Ovídio.

Da poesia elegíaca de Ovídio, temos a *Arte de Amar* como principal modelo para a relação entre Aquiles e Deidamia; no entanto, Estácio diverge dessa representação na medida em que lhe acrescenta uma dimensão afectiva, rejeitando a noção ovidiana de um *stuprum* exclusivamente carnal. Ainda assim, maiores são as convergências: em ambos os poemas, a consumação dá-se pela força (e em ambos o seu relato é ornado pela aliteração do som *u*⁶³) e a motivação de Aquiles é sobretudo o receio pela masculinidade comprometida. As *Heroides*, por sua vez, constituem o principal modelo para o discurso final de Deidamia, que, nesta ocasião, não pode ser entendida senão como uma *relicta* ovidiana: pervade esta secção o tema da mulher abandonada, marcado pelo receio da morte do amado e pela humilhação de se ser trocada por outra mulher, a escassez de tempo para fruir do amor jovem, o pedido para participar no combate (influxo de

⁶⁰ Ov., *Met.*, XIII, 298

⁶¹ Heslin, P.J., “Lemmatizing Latin and Quantifying the *Achilleid*”, in *Intertextuality in Flavian Epic Poetry* (eds. Coffee, N., Forstall, C., Galli Milić, L., Nelis, D.). Berlin: De Gruyter, 2020, pp. 389-407.

⁶² Sobre o carácter ovidiano da *Aquileida*, cf, em particular, Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994, pp. 5-61. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 22-30. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 57-103.

⁶³ Ov., *Ars am.*, 700. Stat., *Achil.*, I, 642-643.

Propércio, IV, 3, principal modelo para as *Heroides* de Ovídio) e, por fim, o momento em que a abandonada contempla o navio do amado partindo, cada vez mais distante. Neste sentido, pode-se afirmar que Deidamia é concebida, em particular, à imagem das ovidianas Laodamia, Penélope, Fílis, Medeia e Hipsípile. Aos *Fastos*, Estácio deve ainda um retrato de Quíron, a sua índole paternal e a sua natureza dual⁶⁴.

O contacto da *Aquileida* com Séneca surge no seguimento de um profuso entrelaçamento entre a *Tebaida* e as suas tragédias de tema tebano. Na segunda épica de Estácio, o principal influxo provém das *Troianas*, em particular, do terceiro acto dessa obra. Denunciam este contacto a utilização de vocabulário semelhante e de *topoi* análogos, principalmente a nível retórico, mas, no entanto, é um paralelismo situacional que mais aproxima as duas obras: em ambas, uma mãe procura esconder o filho, usando de persuasão para o fazer. Perante o risco iminente para a vida de Astíanax, Andrómaca persuade-o a aceitar a desonra de se esconder no sepulcro do pai, assim como Tétis persuade Aquiles a esconder-se desonrosamente, disfarçando-se de mulher. Para a caracterização do seu protagonista, Estácio retira não apenas elementos do Aquiles senequiano, como também de Astíanax, personagem com quem partilha o perfil de uma criança em perigo, cuja ocultação será desvendada por Ulisses⁶⁵. Não obstante o tratamento de um episódio mitológico análogo, é curioso verificar que os ecos das *Troianas* na *Aquileida* se reflectem numa tonalidade diametralmente oposta: Estácio integra elementos provenientes do trágico e do patético senequiano num ambiente de ligeireza, sensualidade e ambiguidade, a que não é alheio um certo erotismo⁶⁶.

Esboçados os principais modelos para a composição da *Aquileida*, cumpre, ainda, fazer referência aos modelos de cariz pontual ou circunstancial. Destes, destacam-se Apolónio de Rodes e Catulo, particularmente no que diz respeito à dimensão argonáutica do poema. De Apolónio, os eventos narrados na canção de Aquiles (I, 188-194) e o seu carácter episódico e etiológico, que denuncia uma forte influência alexandrina; a referência às tentativas de Tétis para imortalizar Aquiles⁶⁷. De Catulo, o lamento de Átis, no *carmen* 63, reminiscente do monólogo de Aquiles, que antecede a violação de

⁶⁴ Ov., *Fast.*, V, 379-414.

⁶⁵ Sobre a relação entre a *Aquileida* e as *Troianas* de Séneca, cf. Fantham, E., “Statius’ Achilles and his Trojan Model”, *The Classical Quarterly* 29, 1979, pp. 457-462.

⁶⁶ Cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, pp. 169-173.

⁶⁷ Três referências a este episódio, ao longo do poema: I, 133s., 269s., 480s.

Deidamia (I, 624-639); todo o contexto do *carmen 64*, de que a *Aquileida* pretende ser seqüela (ao casamento de Tétis e Peleu, segue-se uma biografia do filho do casal); as profecias das Parcas⁶⁸, que ecoam nas do Neptuno de Estácio (I, 80-94); novamente, os episódios narrados na canção de Aquiles, também tratados no *epyllion* de Catulo; o verso I, 960 da *Aquileida*, quase idêntico ao 59 do *carmen 64*, semelhança que Estácio utiliza para estabelecer analogia entre o abandono de Ariadne e o de Deidamia, e para anunciar a vanidade das promessas de Aquiles, levadas pelo vento, tal como as de Teseu. Certos pormenores a propósito das núpcias de Tétis e Peleu e, de um modo geral, o retrato da infância e da educação física e moral de Aquiles sob Quíron, reportam-se à *III Nemeia* de Píndaro, o primeiro poeta extante a colocar o herói sob a tutela do centauro. A propósito do poema de Bión em torno do episódio de Ciro, pouco se pode dizer – ainda que o tema coincida com o de Estácio, nada nele encontramos que não possa ter provindo de Ovídio⁶⁹. Na *Aquileida* pode ainda ter influído a obra de Horácio, nomeadamente as referências à estadia de Aquiles em Ciro⁷⁰ e a representação de Quíron no *XIII Epodo*, e, em curta medida, a de Lucano, particularmente no que diz respeito aos símiles envolvendo leões⁷¹.

Por fim, encontramos na *Aquileida* momentos em que as outras obras de Estácio constituem importantes intertextos. Nas *Silvas*, é sobretudo o quarto poema do terceiro livro que nos permite afirmá-lo. Tanto aqui quanto na *Aquileida*, estamos perante protagonistas que pairam num espaço de liminaridade de género e de idade, presos que estão entre criança e adulto, masculino e feminino; ambos resguardados por mães protectoras; ambos levados a uma feminização que acabam por repudiar em frente a um espelho. Quanto à *Tebaida*, é nas cenas de tema bélico da *Aquileida* que o influxo mais nitidamente se verifica, isto é, nas preparações dos Aqueus em Áulide, cena em que Estácio reutiliza material dos livros III e IV da *Tebaida*: as regiões, os chefes e as actividades enumeradas são as mesmas, o que pareceu a certos críticos um fastio do poeta na composição de cenas bélicas⁷²; a interacção entre Protesilau e Calcas, por sua vez, é modelada pela de Capaneu e Anfiarau. A súplica de Tétis a Neptuno é semelhante à de

⁶⁸ Catull., LXIV, 323-381.

⁶⁹ Fantuzzi, M., *Achilles in Love: Intertextual Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 173.

⁷⁰ Nomeadamente, Hor., *Carm.*, I, 8, 13-16.

⁷¹ Em particular, Luc., IV, 237-242, 437-444.

⁷² Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 10.

Vénus a Marte, assim como a recepção de Licomedes a Ulisses e Diomedes evoca a de Adrasto a Polinices e Tideu; ambos os reis acabam por casar uma filha, que é forçada a uma despedida precoce do marido, que parte para a morte, entre promessas e consolos. Por último, são flagrantes os paralelos entre Tétis e Atalanta, e entre Aquiles e Partenoheu. As duas mães, atormentadas por premonições funestas, procuram dissuadir os filhos da participação na guerra; estes, todavia, semelhantes pela aparência, pelo estatuto efébio e pela precoce impaciência por combater, entregam-se à irredutibilidade do destino, rejeitando as advertências maternas.

IV – Natureza da obra e sua continuação

O estatuto genérico da *Aquileida*, pela sua abundância em elementos “anti-épicas”, tem sido, ao longo das últimas décadas, alvo de extenso debate entre os críticos. Atente-se no prólogo da obra e verificar-se-á que elementos “épicas” e “anti-épicas” coexistem: por um lado, a solenidade do estilo, a invocação a uma deusa (I, 3), ao estilo da *Ilíada*, uma prótase de sete versos, ao estilo de Vergílio e Lucano, a utilização de um patronímico (I, 1) e de vocábulos com conotação homérica; por outro, elementos alexandrinos, como um hexâmetro de quatro palavras (I, 1), duas orações parentéticas (I, 4, 5), o motivo da fonte como inspiração para a poesia (I, 8s.), e pertencentes ao *topos* da *recusatio*, de que são exemplo a menção directa a Homero (I, 3s.) e a referência a variantes míticas extra-homéricas (I, 4); de resto, vêm ainda intrinsecar a intenção genérica anunciada pelo prólogo a invocação a Apolo (I, 8-11), um deus não associado à actividade bélica e tipicamente dissuasor da poesia épica⁷³, assim como as palavras *proferre* (I, 6) e *deducere* (I, 7), que tornam o poeta participante activo na narrativa, tropo comum na poesia não-épica, *depleo* (I, 8), verbo mais frequentemente usado em contextos agrícolas, *amor* (I, 5) e *iuuenis* (I, 7), por oposição a *uir*. A tudo isto se junta, já fora do prólogo, o tratamento de um tema não particularmente épico, isto é, Aquiles disfarçado de mulher, assim como diversas concessões à elegia e à comédia, que nos levam a pôr em questão o estatuto épico da obra. Ora, perante esta aparente multiplicidade de intenções, procurar-se-á entender de que forma Estácio concebia o seu projecto da *Aquileida*.

Estácio, um poeta frequentemente considerado “de secretária”, derivativo e excessivamente literário, não prescindia, no entanto, da oralidade como elemento importante para a sua obra. Juvenal atesta a sua presença em *recitationes*⁷⁴, o que nos permite concluir que, mesmo para um poeta épico literário e secundário, a oralidade e uma certa teatralidade eram tão importantes quanto para os rapsodos dos poemas homéricos, considerados “épicas orais”⁷⁵. A informação que Juvenal nos transmite contribui, ainda, para um melhor entendimento da *Aquileida*, uma vez que a participação

⁷³ Nas *Bucólicas* (*Ecl.*, VI, 3-5) e no prólogo dos *Aetia* (*Aet.*, I, 21-24), é Apolo que dissuade o poeta de escrever poesia épica.

⁷⁴ *Juv.*, VII, 82-87.

⁷⁵ Sobre esta questão, cf. Johnson, W.R., “Information and form: Homer, Achilles and Statius”, in Oberhelman, S., Kelly, V., Golsan, R.J. (eds.), *Epic and Epoch. Essays on the Interpretation and History of a Genre*. Lubbock, 1994, pp. 25-39.

de Estácio em declamações públicas, aliada ao exemplar polimento do texto extante da sua segunda épica, aponta para uma apresentação dos 1127 versos nesse tipo de evento. Entender-se-á a relevância deste facto após uma referência ao longo debate académico em torno do tom geral da *Aquileida*.

Qual o tom do poema, na sua hipotética completude? Como visto, o texto que nos chegou está repleto de elementos idílicos, elegíacos e cómicos, mas o mesmo se verificaria na sua continuação? Trata-se de entender, com base no texto que temos, se Estácio pretenderia seguir no mesmo registo, ou, pelo contrário, proceder a uma viragem mais tradicional. Destacaremos, aqui, algumas respostas que têm surgido. Jannaccone defende que a *Aquileida* seria um poema mais bucólico, após a violência da *Tebaida*⁷⁶; Koster entende que o elemento amoroso suplantaria o marcial, isto é, que a ênfase no motivo elegíaco da *militia amoris*, pela qual seriam representados os vários contactos de Aquiles com mulheres e com a esfera feminina, viria a tornar o poema abertamente anti-homérico⁷⁷ – ambos sustentam, portanto, que Estácio projectava uma espécie de paródia da épica. Schetter desenvolve uma posição segundo a qual a parte idílica do texto extante serviria de contraste ao tom épico e trágico que se seguiria⁷⁸, e que, segundo Méheust, acabaria por se assemelhar à *Tebaida*⁷⁹. Aricò segue, em traços gerais, esta mesma linha, objectando, em polémica contra a interpretação de Koster, que os elementos elegíacos tendem a ser sobrevalorizados⁸⁰. Rosati, por sua vez, estabelece uma posição intermédia, em que nenhuma dimensão suplanta a outra, sustentando que se trata de uma penetração da elegia na épica, com vista a mais adequadamente representar *todo* o herói, isto é, todas as suas dimensões, e não exclusivamente a bélica – uma redução do paradigma épico iliádico-vergiliano, já levada a cabo por Ovídio, e uma focalização do *eros* enquanto elemento constitutivo, e não meramente contingente e exclusivo ao primeiro livro⁸¹. Hinds declara que o poema comporta ambas as possibilidades, e fica-se pela aporia que

⁷⁶ Jannaccone, S. (ed.), *Staius, L'Achilleide*. Florença: Barbera, 1950, *passim*.

⁷⁷ Koster, S., “Liebe und Krieg in der *Achilleis* des Staius”, *Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft* 5, 1979, pp. 189-208.

⁷⁸ Schetter, W., *Untersuchungen sur epischen Kunst des Staius*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1960, pp. 127-152.

⁷⁹ Méheust, J. (ed., tr.), *Stace: Achilléide. Texte établi et traduit*. Paris, 1971, pp. xvi-xxi.

⁸⁰ Aricò, G., “‘L’Achilleide’ di Stazio: tradizione letteraria e invenzione narrativa”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II*, 32.5, 1986, pp. 2925-2964.

⁸¹ Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994, pp. 5-61.

advém da sua irremediável incompletude⁸². Delarue defende que o tom do texto que nos chegou pudesse ser mantido na continuação, e que tal não destoaria de uma “épica verdadeira”, apontando para a eticidade do projecto de Estácio, equivalente em natureza ao da *Odisseia*⁸³. Por fim, Heslin sustenta que o desígnio de Estácio era precisamente uma sensação de aporia, com vista a suscitar o interesse da audiência contemporânea em relação a uma possível continuação⁸⁴. Se interpretações bucólicas e elegíacas da *Aquileida* se afiguram excessivas, o facto é que as que se lhes opõem, que procuram justificar a prevalência do elemento idílico por meio das exigências narrativas inerentes ao momento específico que está a ser narrado, isto é, o episódio de Ciros, caem no erro de negligenciar o texto extante em favor da parte que nunca foi escrita. Então, na complexidade desta questão, tentaremos situar o poema de Estácio focando três principais aspectos: a índole ovidiana da sua obra; o carácter ético do seu projecto; a *Aquileida* enquanto *prospectus*.

A tendência “extra-épica” do proémio parece convidar a uma interpretação não-épica da *Aquileida*, no entanto, basta invocar o nome de Ovídio e do seu poema épico para nos afastarmos de tal interpretação. A reificação da distinção entre épica e não-épica, e o posterior desmoronamento de tal fronteira, torna-se, pela mão de Ovídio, num tropo épico⁸⁵, e a natureza aglutinante das *Metamorfoses* coíbe qualquer leitor de Estácio de declarar a *Aquileida* um poema não-épico. Tal como Ovídio, Estácio pretende criar a sensação de novidade, e, para tal, adopta uma estratégia de apropriação da tradição, que se traduz numa poética pautada por uma distância crítica, reflexiva e, frequentemente, irónica, distância que é compartilhada com a audiência por meio de uma relação de cumplicidade. O uso da alusão convoca a memória literária do ouvinte, que se torna parte activa na interpretação do poema: o irónico, o implícito e o subversivo são insinuados como que num piscar-de-olho do poeta à audiência, cuja adesão se afigura indispensável para o sentido geral do texto. Tal é o ambiente de familiaridade criado pela técnica narrativa de Estácio, de origem ovidiana. Por vezes, estas alusões dão-se por meio de personagens autoconscientes, isto é, conscientes do seu próprio passado literário, das

⁸² Hinds, S., “Do-it-yourself literary tradition: Statius, Martial and others”, *Materiali e discussion per l’analisi dei testi classici* 39, 1997, pp. 187-207.

⁸³ Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, pp. 191-251.

⁸⁴ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 57-103.

⁸⁵ Hinds, S., “Essential epic: genre and gender from Macer to Statius”, in Depew, M., Obbink, D. (eds.), *Matrices of Genre: Authors, Canons, and Society*. Cambridge, 2000, pp. 224s.

obras e autores pelos quais foram tratadas; em outras ocasiões, consistem numa recuperação e posterior rejeição das formas tradicionais, como o caso da tempestade, acima referido, ou instâncias em que o poeta opta por não se demorar na descrição de certas situações (e.g., I, 29, *angustum dominas non explicat aequor*), que, em épicas convencionais, seriam minuciosamente exploradas.

As *Metamorfoses* subsumem os eventos da *Ilíada* e da *Eneida*, prestando-se-lhes como um suplemento, e é também assim que Estácio pretende posicionar a sua *Aquileida*, apresentando-a como suplemento à narrativa principal em torno da vida de Aquiles, a *Ilíada*, poema perante o qual a segunda épica de Estácio surge como variante – assim se pode entender *sed plura uacant* (I, 4), isto é, como um desígnio de se situar à margem daquilo que constitui o cânone. É o intermédio de Ovídio que integra Estácio numa corrente neo-alexandrina, da mesma forma que é a proximidade entre a *Aquileida* e as *Metamorfoses*, ambos poemas ávidos de originalidade, de continuidade e de comunicação com os antecessores, que faz da segunda épica de Estácio uma espécie de compêndio alusivo da tradição precedente, que não fixa o seu lugar sem antes contemplar nitidamente o espaço envolvente. É, por último, devido à forte influência ovidiana que a *Aquileida* tem tido dificuldades em afirmar-se como verdadeiramente épica⁸⁶: a *Aquileida* nunca se tornaria canonicamente épica, uma vez que a predominância do código épico vergiliano impediu que a sua principal fonte de influxo, as *Metamorfoses*, se tornasse canonicamente épica, no mundo romano.

O texto da *Aquileida* abunda em elementos não convencionalmente épicos, mas, se, no contexto romano, o influxo ovidiano é suficiente para sustentar o seu estatuto enquanto poema épico, uma mais abrangente conceptualização do género épico permitirá dispensar Ovídio desse papel. Em busca de uma definição genológica da *Aquileida*, Fernand Delarue aponta pertinentemente para a distinção, já constatada por Aristóteles, entre dois tipos de epopeia: o patético e simples, e o ético e complexo⁸⁷. O registo patético, de que a *Ilíada* é o melhor exemplo, deve inspirar medo, indignação e piedade; convêm-lhe a paixão, a violência e o paroxístico; a guerra é o seu pano de fundo, e a sua simplicidade reside num bloco de acção uno. Pelo contrário, a épica ética, associada ao *genus medium*, representada pela *Odisseia*, pretende deleitar a audiência, mostrar-lhe um

⁸⁶ Sobre esta tese, cf. Hinds, S., “Do-it-yourself literary tradition: Statius, Martial and others”, *Materiali e discussion per l’analisi dei testi classici* 39, 1997, pp. 187-207.

⁸⁷ Arist., *Poet.*, 1459b, 12-16.

mundo de aventura mais próximo da humanidade média; centra-se em temas de cariz privado e familiar, pelos quais deve inspirar simpatia e benevolência nos ouvintes; o seu esquema narrativo é repleto de situações de peripécia e reconhecimento. A *Eneida*, por exemplo, integra ambos os registos, aludindo à sua distinção por meio das suas duas primeiras palavras, *arma uirumque*, pertencendo *arma* ao registo bélico e patético, e *uirum* ao ético e privado. Ora Estácio já compusera uma épica patética, a sua *Tebaida*, e talvez pretendesse, então, escrever uma épica ética, a *Aquileida*, procedendo como Homero na medida em que a epopeia de registo ético sucede à de registo patético – faz do protagonista patético de Homero o seu protagonista ético, substituindo, no processo, a *μῆνις* pela *magnanimitas* – já não um estado, mas um carácter, um *ethos*.

Com efeito, a *Tebaida* e a *Aquileida* situam-se em universos diferentes; a violência tumultuosa e colérica do primeiro poema é suplantada pela graça benevolente do segundo. Ao pai Édipo, abjecto e atormentado, a *Aquileida* contrapõe a mãe Tétis, terna e demasiado humana nas suas inquietações. As preocupações morais da *Tebaida* dissipam-se por completo na *Aquileida*, e qualquer plano universal, metafísico ou subversivamente político presente no primeiro poema, que pretende desenrolar-se nos extremos, torna-se, na *Aquileida*, individual e estritamente material, satisfeito por se cingir aos espaços médios da experiência humana. E, de facto, as angústias de Tétis não são senão individuais e materiais – o medo pelo seu próprio filho –, e esta medianidade acaba por se traduzir num esmorecer, por um lado, dos valores morais exaltados nas épicas patéticas, em particular, a glória, e, por outro, do plano divino, que, na *Aquileida*, se resume a uma deusa sobremodo humana e a um Neptuno embriagado e cordial. É certo que, na *Aquileida*, também encontramos momentos como a violação de Deidamia, mas, no entanto, esta violência não pode ser integrada no patético, visto que se segue uma reparação e um casamento, o que a aproxima mais de uma situação-tipo da comédia⁸⁸. Do mesmo modo, a Guerra de Tróia está, a todo o momento, iminente, o que, todavia, não torna a narrativa mais sombria e pesadosa, uma vez que, por um lado, ela é sempre adocicada por uma perspectiva materna (o sonho de Hécuba e as premonições de Tétis), e, por outro, ela é sempre apresentada como justa e legítima, e como decorrente de um erro, e não de um crime. Ao passo que a *Tebaida* apresenta uma atmosfera de violência e sufoco, a *Aquileida* surge como um espaço amplo e de aventura, em que o mar, elemento

⁸⁸ Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, p. 211.

ausente na primeira épica, vem reclamar para a obra um ambiente odisseico, fantástico e deleitoso⁸⁹.

Na proposição, Estácio anuncia a sua ambição de cobrir todo o tempo de vida de Aquiles, o que constitui uma manifesta rejeição da norma aristotélica segundo a qual o poeta épico deve optar por um âmbito temporal reduzido⁹⁰ e pela não-linearidade da acção⁹¹. No entanto, essa rejeição não se vem a verificar na totalidade e, quando a narrativa começa, estamos *in medias res*. O aparente desprezo pelos preceitos da crítica literária antiga e sua posterior adopção devem coibir o leitor de levar demasiado a sério as afirmações programáticas do próemio da *Aquileida*. Dos três episódios que Estácio menciona no próemio, apenas a referência a Ciros é significativa, uma vez que *tota Troia* se afigura demasiado vago, e a menção ao arrasto de Heitor é negativa (não vai parar nesse episódio, mas não vai tratá-lo necessariamente). Heslin põe em relevo o facto de a proposição da *Tebaida* deixar especificados todos os acontecimentos por que a narrativa passará, o que aponta para a sua revisão posterior ao término da composição da obra⁹². Na *Aquileida*, não encontramos semelhante planificação, pelo que se pode deduzir o carácter provisório do próemio que nos chegou. No seio de uma instituição literária baseada no mecenato e com forte ênfase nas *recitationes*, um poeta era forçado a integrar na sua obra elementos que atraíssem o interesse do público e do seu patrono, o que nos permite explicar o carácter ambicioso e excessivamente vago da intenção estabelecida por Estácio: procurava, por um lado, captar o interesse e a admiração do seu financiador, e, por outro, manter em aberto o curso da sua composição, para acomodar eventuais alterações na evolução do poema⁹³. Ora, é precisamente em virtude das intenções traídas no próemio – a de captar atenção e a de ser deliberadamente vago – que a natureza da obra nos surge como indecifrável. Se o estado incompleto do poema constitui já um óbvio entrave à sua apreciação geral, dificuldades adicionais decorrem do seu carácter provisório.

Ver na *Aquileida* um *prospectus* permite-nos explicar, por um lado, a ambiguidade e paradoxalidade tão singulares num poema épico – alimentar curiosidades e contradições

⁸⁹ Para uma mais ampla exploração da dualidade épica aqui referida, cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, pp. 191-231.

⁹⁰ Arist., *Poet.*, 1459a-b.

⁹¹ Id., 1451a.

⁹² Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, p. 83.

⁹³ Ibid.

era precisamente o que Estácio pretendia –, e, por outro, o tão elevado grau de acabamento, inconcebível no fragmento de um esboço. É que, afinal, a *Aquileida* não é um esboço, nem, tão-pouco, um texto fragmentário, mas o início da obra final de Estácio, devidamente polido para apresentação pública, e não bruscamente interrompido pela morte do poeta, como por vezes se pretende. Com efeito, tudo nesta obra é deliberado e coerente: início *in medias res*; estrutura composicional simétrica, A-B-A-B (396vv.-163vv.-400vv.-167vv.), em que A é o plano narrativo principal, e B o adjacente; uma configuração analéptica dinâmica; uma composição circular, alcançada pelas últimas palavras do texto (*scit cetera mater*), que transportam a audiência, novamente, para o início da narrativa⁹⁴. Acresce, ainda, que esta estrutura, de procedimento quiasmático, traduz dois pontos de vista opostos e fundamentais para a intriga: o de Tétis, que reflecte os valores privados e familiares; o heroísmo e o primado dos valores colectivos representados pelos Aqueus⁹⁵. A forma não é, então, aleatória ou alheia ao significado, mas seu veículo, ponto em que Estácio se aproxima em muito de Vergílio.

Na continuação da *Aquileida*, que episódios abordaria Estácio, e até onde levaria a sua narrativa? Certos pormenores do texto extante parecem apresentar-nos pistas para responder a estas questões. A partir da proposição, dois factos são seguros: Estácio iria preferir episódios não-homéricos, e trataria acontecimentos posteriores à morte de Heitor. As *Troianas* de Séneca, importante modelo para Estácio, como se viu, podem, talvez, ajudar-nos a responder a esta questão. Nos versos 210-243 da tragédia, Pirro menciona vários episódios não-homéricos em torno da vida de seu pai: depois de Ciro, refere o episódio de Télefo, as várias cidades tomadas por Aquiles, as mortes de Mémnon e de Pentésiléia. Eis um padrão que Estácio poderia ter seguido, e ao qual se junta o atractivo de uma relativa obscuridade e o potencial para a originalidade tão almejada na sua segunda épica. De resto, Estácio tinha ao seu dispor um extenso leque de episódios: Áulide e o sacrifício de Ifigénia, o combate contra Cicno, o amor por Políxena, entre outros. Por outro lado, certos episódios já abordados por Homero poderiam ser reescritos em referência a versões divergentes, ou apresentados sob uma outra luz: Briseida, por exemplo, personagem muda na *Ilíada*, poderia agora possibilitar uma nova compreensão sobre os acontecimentos que a envolvem, em particular, a disputa entre Aquiles e Agamémnon.

⁹⁴ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 48-51.

⁹⁵ Id., p. 49.

No que diz respeito à extensão cronológica do poema, existem interpretações minimalistas, como a de Schetter⁹⁶, que vê na morte do protagonista o fim da narrativa, e maximalistas, como a de Rosati, que apontam para a existência pós-morte do protagonista, mais especificamente, para o amor entre Aquiles e Helena, nos Campos Elísios⁹⁷, versão atestada pela *Andrómaca* de Eurípides⁹⁸, e sugerida pelos versos I, 945-946 da *Aquileida* (*aut ipsa placebit Tyndaris*). Por sua vez, as referências ao Cafereu colocam a hipótese de virem a ser tratados os *vόστωι* dos heróis, mas não a necessidade, visto que essas alusões podem constituir apenas breves prolepses internas. É, na verdade, por meio de prolepses e alusões que as interpretações minimalista e maximalista podem coexistir: certamente, Estácio não narraria todos os episódios com o mesmo nível de detalhe, e os episódios posteriores à morte de Aquiles poderiam ser mencionados em profecias semelhantes à de Neptuno perante Tétis, pela qual ficamos a saber que o herói será divinizado e que a sua morte será vingada (I, 91, *crederis peperisse Ioui; nec inulta dolebis*).

No seu conjunto, os três aspectos analisados permitem retirar relevância à questão do não acabamento da *Aquileida*. O ovidianismo do poema afasta da sua continuação o ónus de conter uma “verdadeira epicidade” – não havia Ovídio abordado temas bélicos de forma não convencionalmente épica? Podemos, então, esperar o mesmo de Estácio, em lugar de pressupor uma viragem tradicional e sombria, totalmente destoante do texto que nos chegou, viragem que, se entendermos a *Aquileida* como projecto ético, se torna ainda mais remota, já que “épica tradicional” nunca fora senão um paradigma duplo, representado pela dicotomia de modelo iliádico e odisseico. Ao longo do tempo, o primeiro suplantou o segundo, de tal modo que este ficou em vias de deixar de ser considerado épico⁹⁹. Antecipar na continuação da *Aquileida* uma viragem bélica e iliádica é conformar-se e contribuir para esta menorização do modelo odisseico, que Estácio parece pretender recuperar e reabilitar. Mais uma vez, o não acabamento da obra torna-se menos relevante, uma vez que o registo ético deveria manter-se ao longo de toda a obra, não obstante a diversidade de temáticas sucessivamente exploradas: no primeiro livro, encontramos um episódio erótico e um tanto cómico; no início do segundo, é nítido

⁹⁶ Schetter, W., *Untersuchungen sur epischen Kunst des Statius*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1960, pp 147-148.

⁹⁷ Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994, pp. 56s.

⁹⁸ Eur., *Andr.*, 1253-1263.

⁹⁹ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 21.

o surgimento da temática bélica, o que não deve implicar uma transfiguração drástica do tom – certamente, não seria tão ligeiro e jocoso quanto o do primeiro livro, em virtude do episódio narrado, mas não temos motivos para acreditar que a tonalidade geral fosse tornar-se totalmente diferente. Por último, entender a *Aquileida* como um *prospectus* põe fim à questão, visto que, segundo esta perspectiva, a obra não estaria, propriamente, inacabada. Agora, eximido de tanto esforço de prospecção a propósito daquilo que lhe está vedado saber, e que talvez nem Estácio soubesse, o leitor é livre para olhar retrospectivamente a partir da *Aquileida*, o que talvez se aproxime mais do intuito inicial de Estácio¹⁰⁰: os episódios suplementares que o poeta nos apresenta não mudam, porventura, a nossa perspectiva sobre o Aquiles da tradição precedente? Depois da *Aquileida*, não será o Aquiles homérico visto com outros olhos? Eis o desígnio de Estácio, a sua originalidade, o seu conceito de literatura.

¹⁰⁰ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, pp. 297-299.

V – As personagens

Como convém a um poema épico de registo ético, os caracteres das personagens, assim como as suas motivações, são-nos apresentados de forma transparente. Às representações familiares, que, na *Tebaida*, são votadas ao ódio e ao incesto, é devolvido o amor e o respeito, e a psicologia das personagens surge-nos de forma nítida: está-se a par das considerações que levam Aquiles, Tétis, Licomedes e Ulisses a agir, motivados tão-somente pela sua razão e carácter, o que destoa da obscuridade do *furor* colectivo que move a acção da *Tebaida*.

O traço distintivo do Aquiles de Estácio é a ambiguidade: estamos perante uma personagem que é simultaneamente criança e adulto, masculina e feminina, humana e divina. Atendendo à intenção manifesta por Estácio, de apresentar *todo* o herói, esta panóplia de dualidades não poderia deixar de se verificar. A caracterização de Aquiles está, portanto, subordinada aos desígnios poéticos e narrativos do autor, e, na verdade, não escapam a Estácio as potencialidades de descrições meta-poéticas em torno do seu protagonista, as quais fazem de Aquiles metáfora para a criação poética (e.g., a ambiguidade do herói, paralela à ambiguidade genérica do poema, como se, indeciso entre o amor e a guerra, coubesse a Aquiles decidir ser personagem elegíaca ou épica)¹⁰¹. Para uma representação totalizante do herói, era, então, necessário o abandono do paradigma exclusivamente bélico em função do qual Aquiles era frequentemente tratado. Ora, Estácio, com vista a uma certa humanização do seu protagonista, apropria-se de uma tradição que havia ganho força em Roma: a de um Aquiles apaixonado e dado a aventuras amorosas, figura muito explorada pelos elegíacos latinos. Ainda que esta sua dimensão erótica seja, naturalmente, mais presente no episódio de Ciros, isto é, no episódio em que Aquiles se encontra apaixonado, verifica-se que, mesmo após a violação de Deidamia e a partida para a guerra, o amor continua a ser um elemento importante na psicologia do herói, nunca totalmente preterido em favor da sua dimensão bélica. O amor é, para o Aquiles estaciano, não uma contingência, mas motor de evolução no seu desenvolvimento psicológico: se, inicialmente, aparenta constituir um obstáculo ao cumprimento do seu destino de glória, acaba por se revelar um factor decisivo na transição de *puer* para *uir*,

¹⁰¹ A propósito da técnica meta-poética, putativa inovação de Estácio, cf. Chinn, C., “Intertext, Metapoetry, and Visuality in the *Achilleid*”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 173-188.

na emancipação do zelo materno e, em última análise, na recuperação do seu próprio destino. Por conseguinte, o amor é, na *Aquileida*, também o motor de impulsão da narrativa, embora o conflito que gera no espírito de Aquiles o faça parecer uma barreira, conflito que encontra a sua mais clara ilustração no momento em que o herói, tendo já embarcado na nau que o levaria para junto dos Aqueus, olha para trás, para o lugar onde deixa a amada¹⁰². O verso I, 852, *at ferus Aeacides*, pela adversativa, pelo adjectivo e pelo patronímico, permite entrever a transição para uma representação épica do herói, que é confirmada pelo livro II; no entanto, talvez não estejamos perante a prevalência da dimensão bélica de Aquiles – como sugerem o pesar pela partida e a reacção irada às palavras de Ulisses, o nosso protagonista pode representar a conciliação entre a dimensão heróica e a afectiva, entre o Aquiles épico e o Aquiles elegíaco, isto é, um guerreiro apaixonado.

Como se viu, perante a ambivalência do passado mítico de Aquiles, isto é, perante a coexistência, na tradição literária, de um Aquiles feroz e belicoso e de um Aquiles afectivo e apaixonado, Estácio opta por integrar ambas as dimensões no seu herói, não fazendo uma suplantar a outra. Ambas são adequadamente exploradas na obra, por meio da relação com Deidamia e da sua conversão às armas, e isso permite que, mesmo nos 1127 versos completos, Aquiles nos surja como verdadeiramente *omnis* – não é necessário imaginar como uma ou outra dimensão do herói seria tratada na continuação do poema, pois ambas nos são mostradas no imediato. A representação totalizante de Aquiles que Estácio nos oferece é alcançada, segundo Ripoll, por uma estrutura bipartida. Aquiles comporta em si uma dimensão erótica e uma dimensão heróica, aparentemente antitéticas: a primeira é dividida entre um pólo masculino e um feminino, tema central do episódio de Ciro; a segunda, por sua vez, subdivide-se na sua quase-divindade e quase-bestialidade, representadas pela sua quase-filiação a Júpiter e pela educação sob Quíron, respectivamente¹⁰³. A integração das dimensões bélica e erótica na figura do protagonista aponta para uma unidade, e não divergência, de tradições historicamente opostas – não se trata, portanto, da frequente contraposição entre amor e guerra, comumente associada à elegia, mas da sua fusão, intenção denunciada também pela ingerência recíproca entre ambos os pólos, isto é, pela militarização do amor e pela erotização da guerra (*amor belli*,

¹⁰² Sobre o amor como elemento constitutivo da *Aquileida* e da figura de Aquiles, cf. Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994, pp. 5-61.

¹⁰³ Sobre a dualidade essencial do Aquiles estaciano, cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 36-38.

dulcibus armorum furiis, ferri properatus amor)¹⁰⁴. A reiterada associação entre Aquiles e Baco não é senão um símbolo desta duplicidade: tal como o deus, o herói concentra em si aspectos masculinos e femininos, bélicos e eróticos; tal como um deus, Aquiles encontra-se fora dos códigos da moralidade humana, como prova a sua impunidade em relação aos seus comportamentos imorais¹⁰⁵.

A personagem de Tétis é de tal modo central na *Aquileida* que Koster chegou a afirmar que o poema deveria ter como nome, antes, *Tetideida*¹⁰⁶. Podemos qualificar semelhante afirmação como exagerada – com efeito, no início do segundo livro, é Aquiles o centro da acção, e é possível que Tétis não torne a aparecer, reduzida que está, agora, a um retardador narrativo já ultrapassado –, mas, no entanto, é sobre a ninfa que versa a maior parte do texto que nos chegou. O primeiro livro da *Aquileida* é, acima de tudo, acerca de Tétis e das suas tentativas de impedir o curso do destino. O controlo sobre a vida de Aquiles surge-nos como uma espécie de obsessão da ninfa, e pode ser entendido como decorrente de uma profunda insatisfação relativa ao casamento com Peleu: a mortalidade do seu filho é, aos olhos de Tétis, um constante lembrete do seu casamento com um mortal, do aviltamento da sua divindade, que a ninfa lamenta rancorosamente¹⁰⁷, como nos é sugerido pela súplica a Neptuno (I, 90) e pelo seu desdém em relação ao Pélion, local das bodas (I, 104). A mortalidade de Aquiles é, então, de certa forma, a mortalidade de Tétis: quando avista a armada de Páris, a ninfa crê ser, ela própria, o alvo (I, 31); nos seus sonhos premonitórios, é o seu corpo, o seu ventre, que sofre violência (I, 131-133). Assim, ao passo que Aquiles nos é apresentado como um mortal semelhante a um deus, Tétis surge-nos como uma deusa demasiado humana e quase-mortal – o vínculo materno a um mortal compromete o seu estatuto divino e a indiferença à morte que costuma caracterizar os deuses¹⁰⁸. A ninfa da *Ilíada* é, pela mão de Estácio, alvo de uma forte humanização psicológica, cujo realismo reside na sua representação enquanto mãe sobre-protectora e ressentida perante o seu casamento. A humanização da deusa tem como resultado a sua transformação em mulher e, como tal, as suas tentativas de proteger o filho falham, em grande parte, pela sua inaptidão no domínio da retórica, característica associada, no mundo romano, ao género feminino. Tal como Aquiles, Tétis falha ao agir

¹⁰⁴ Id., p. 39.

¹⁰⁵ Schetter, W., *Untersuchungen sur epischen Kunst des Statius*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1960, p. 140.

¹⁰⁶ Koster, S., “Liebe und Krieg in der *Achilleis* des Statius”, *WJA* 5, 1979, p. 199.

¹⁰⁷ Cf. Mendelsohn, D., “Empty Nest, Abandoned Cave: Maternal Anxiety in ‘Achilleid’ 1”, *Cl. Ant.* 9, 1990, pp. 295-308.

¹⁰⁸ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, p. 164.

como uma mulher, motivo pelo qual os seus objectivos são constantemente frustrados, o que se verifica, particularmente, na súplica a Neptuno (I, 61-76) e nos *exempla* usados para persuadir Aquiles a aceitar disfarçar-se. O carácter autodestrutivo dos seus argumentos, a inadequação do registo à situação em causa e referências equivocadas à tradição literária, eis o que condena Tétis, nas suas desesperadas tentativas de salvar o seu filho. De facto, Tétis nunca poderia ser bem-sucedida, pois o destino já havia sido escrito, pela mão de outros poetas. Na *Aquileida*, o destino equivale à tradição literária, é incontornável por já estar escrito. Ora, Tétis, ao tentar impedir o curso do destino, está, de certa forma, a tentar apagar a tradição literária, o que resulta, por um lado, no fracasso da personagem e, por outro, no sucesso do poeta em manipular habilmente todos os pormenores dessa mesma tradição¹⁰⁹.

À inadequação de Tétis ao seu papel épico, Estácio contrapõe uma Deidamia perfeitamente apta para o seu papel elegíaco. Esta personagem é praticamente muda até ao seu discurso, no final do primeiro livro, momento concebido por Estácio como uma epístola ao estilo ovidiano. Segundo Ripoll, Deidamia é o *alter ego* de Aquiles no palácio de Licomedes¹¹⁰: tal como Aquiles, Deidamia é frequentemente descrita com referência a elementos do sexo oposto (e.g., I, 297-300), e, nos ritos de Baco, um símile coloca ambos em comparação. Em relação à da *Ars Amatoria* de Ovídio, a Deidamia de Estácio apresenta uma postura mais colaborativa e envolvida, no seu interesse e maravilhamento perante Aquiles, que contrastam com o receio passivo do seu retrato na *Ars*. Daqui se infere um acrescento pessoal de Estácio, no sentido de atribuir à personagem um papel activo no romance com Aquiles: da vítima inerte representada por Ovídio, Deidamia torna-se, na *Aquileida*, uma parte activa e consciente, ainda que confinada ao livro I. Apaixonada por Aquiles, Deidamia representa uma continuação dos desígnios de Tétis, isto é, da manutenção de Aquiles na esfera feminina, privada e afectiva, a todo o momento contraposta à esfera masculina e bélica, pelo que podemos considerar a sua personagem, a par de Tétis, um retardador narrativo.

Como se verá, Estácio parece nutrir grande simpatia pela figura de Quíron e pela sua relação com Aquiles, motivo por que enfatiza o laço afectivo entre os dois e salienta a importância do centauro na grandeza física e espiritual do herói. Quíron serve, em grande medida, para acentuar a essência dual de Aquiles e, com efeito, também ele é dual:

¹⁰⁹ Sobre a inépcia retórica de Tétis, cf., em particular, Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, pp. 105-137.

¹¹⁰ Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 43.

a sua simultânea humanidade e bestialidade é repetidamente enfatizada por Estácio, e a sua aspereza selvagem aliada à sua ternura paterna resulta numa representação particularmente enternecedora. Quanto a Licomedes, o dramatismo das suas reacções é atenuado por Estácio, que o substitui pela exploração da psicologia da personagem. Embora inspirado no Latino de Vergílio e no Adrasto da *Tebaida*, ao Licomedes da *Aquileida* é retirado qualquer elemento trágico – pelo contrário, o velho rei é frequentemente associado a cenas abertas ou implicitamente cómicas e, em geral, a um ambiente de ligeireza. Ulisses, por sua vez, mantém a eloquência e habilidade que o caracterizam ao longo da tradição – é, na verdade, a única personagem cujos discursos surtem efeito. À sua astúcia, Estácio retira, no entanto, a conotação malévola e corrupta que a personagem viera a adquirir na tradição trágica grega, sinal, ainda, de um certo “pró-aqueísmo” do poema, contrastante com a neutralidade homérica e o “pró-troianismo vergiliano”¹¹¹.

¹¹¹ Id., p. 46.

VI – Temas

a) Liminaridade

Essencialmente ambíguo, o Aquiles de Estácio aparece, na *Aquileida*, como uma figura liminar, isto é, representa, em certo sentido, a dissolução de fronteiras pelas quais o mundo é categorizado. Já se viu a forma como Estácio utiliza esta liminaridade para fins meta-literários, e como isso denuncia a ambiguidade genológica que concebe para o seu projecto. Atentemos, agora, na personagem de Aquiles e nas suas diversas camadas de liminaridade. No que diz respeito ao género, o herói é frequentemente descrito pelas suas características femininas (o rubor, a falta de barba, a semelhança física com Tétis), que, aliadas à sua dimensão masculina, exaltada com referência aos seus feitos heróicos e proezas físicas, formam uma personagem marcadamente andrógina; além disso, o disfarce em Ciros torna flagrante o tema da liminaridade de género associado a Aquiles, explorado mais à frente. Quanto à idade, o protagonista situa-se entre *puer* e *uir*, simultaneamente criança e adulto, de grande pujança física, mas ainda sem barba e de aparência *dulcis*. A sua linhagem é, também, ambígua, tendo como pai um homem mortal e por mãe uma deusa imortal, que o torna, indirectamente, interlocutor de Júpiter e, por conseguinte, um degrau acima na escada da divindade. A propósito da sua criação, ela é levada a cabo por Quíron, um ser que se situa algures entre o humano e o bestial. Em todos estes sentidos, Aquiles aparece como símbolo de transgressão, de dissolução de fronteiras, o que explica, novamente, a associação a Baco.

Na proposição, alude-se ao mito, referido, principalmente, por Píndaro (*Isthm.*, VIII, 28-45) e no *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo, segundo o qual Aquiles não descenderia de Júpiter devido a uma profecia que anunciava que Tétis geraria um filho que superaria o seu pai; para assegurar a estabilidade cósmica e evitar um novo destronamento, a imortalidade é arrebatada a Aquiles – também neste sentido ele é quase-imortal. Aquiles é, portanto, filho de uma deusa e de um humano, quase filho de Júpiter e criado pelo centauro Quíron. Na *Aquileida*, Peleu é raramente referido, de modo a acentuar a “desumanidade” de Aquiles, de onde provém grande parte da sua identidade incerta¹¹². Como visto, a dimensão heróica de Aquiles é definida pelo seu aspecto quase-divino e quase-bestial, representados, por um lado, pela descendência de Tétis e pela

¹¹⁵ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, p. 191.

quase-filiação a Júpiter, e, por outro, pela sua criação sob Quíron. É no livro II que a formação quase-bestial de Aquiles nos é revelada: à brutalidade das actividades físicas a que Quíron o submetia, junta-se a sua dieta composta por entranhas cruas de animais, imagem particularmente chocante para a audiência romana, que entendia na cocção da carne a distinção entre humano e animal¹¹³. Aquiles situa-se, então, numa esfera não-humana, estando, por isso, num limiar não tanto humano-divino quanto bestial-divino, simultaneamente sub-humano e sobre-humano, pólos que, em Estácio, não se encontram distantes¹¹⁴. Filho de uma deusa e criado por um centauro, Aquiles carece de um modelo humano, e a *Aquileida* pode ser lida como representação dessa carência, que, segundo Heslin, Estácio entende como símbolo da condição humana, que se contorce entre o bestial e o divino¹¹⁵.

b) Género

A *Aquileida* também se afigura ambígua no que diz respeito ao tratamento do género, tema fortemente problematizado na obra, e posto em evidência, sobretudo, pelo disfarce de Aquiles. Procurar-se-á, agora, entender como Estácio concebe o género e de que modo o apresenta, na sua segunda épica.

Entre as posições essencialista e construtivista, dir-se-ia que a *Aquileida* se situa numa posição equidistante, apresentando, por vezes, sinais contraditórios. Como já visto, Aquiles é uma personagem que combina elementos masculinos e femininos, contraste que Estácio associa, simbolicamente, às cores vermelha e branca, respectivamente: em I, 161-162, a co-presença destas cores no rosto de Aquiles marca a ambiguidade do seu género; no delírio de Calcas, antes da revelação do esconderijo do herói, ambas as cores são contrapostas (I, 515-516); o mesmo sucede na descrição do semblante de Deidamia, também ela um tanto andrógina (I, 297-298); nos ritos báquicos (I, 611); após a violação, a lua, geralmente pálida, enrubesce (I, 643-644); em I, 852-853, no escudo em que Aquiles vê o seu reflexo, ambas as tonalidades se encontram presentes, e é de salientar que no próprio objecto coexiste uma função tipicamente masculina e uma tipicamente feminina, representadas pelo escudo e pelo espelho. Este contraste cromático pode ser

¹¹³ Id., p. 174.

¹¹⁴ A proximidade entre bestialidade e divindade concebida por Estácio encontra outro exemplo em Tideu, que, na *Tebaida*, após a sua aristeia, comete o sacrílego acto de devorar o cérebro de Melanipo (VIII, 751-766).

¹¹⁵ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, p. 191.

considerado uma espécie de *leitmotiv* a assinalar os momentos em que está implicada a ambiguidade do género de Aquiles¹¹⁶. Por outro lado, as reiteradas equiparações e contraposições de *thyrsus* e *hasta/signa* (I, 261, 603, 612, 617s., 949-951), frequentemente acompanhadas de conotações fálicas, também apontam para a intenção, por parte do autor, de um tratamento simbólico desta ambiguidade – de facto, o tirso não é senão uma lança travestida. Dada a prevalência deste motivo, é plausível defender que o poema apresenta o género como algo, de certa forma, flexível, e diversos passos do texto apontam, evidentemente, para isso: em I, 332-334, depois da transformação que Tétis opera em Aquiles, encontramos o símile do artesão que molda a cera, sugerindo que género e identidade são moldáveis por elementos externos; encontramos, ainda, expressões como *tenere sexum* (I, 356), e uma alusão a Ceneu, “não rebaixado por um sexo ambíguo” (I, 264: *nec magnum ambigui fregerunt Caenea sexus*). Também em *Silvas*, III, 4, poema em que a ambiguidade de género constitui um tema central, encontramos uma noção idêntica a propósito do género, pelo que podemos concluir que, para Estácio, e, talvez, para a mentalidade de um romano antigo, o género era algo de dúctil e transitável, isto é, dependia de critérios externos não meramente relacionados com a biologia: certos comportamentos eram intrinsecamente masculinos ou femininos¹¹⁷.

Aquiles é, até certo ponto, bem-sucedido em ser feminino, apenas por ter aprendido a comportar-se como uma rapariga (I, 325-331: relaxar os ombros, o pescoço e os braços; andar em passos curtos; vestir-se, pentear-se e falar de modo feminino e discreto) – até certo momento da narrativa, o domínio dos códigos femininos prevalece sobre a biologia masculina, de tal modo que, mesmo depois da violação, isto é, depois da afirmação da sua natureza masculina, Aquiles continua a viver disfarçado, durante, pelo menos, nove meses. Então, masculino e feminino, biologia e cultura, coexistem no herói, nesta fase recuada da sua vida – o poema de Estácio apresenta-nos o herói em movimento entre esses dois pólos.

Por sua vez, Tétis insinua-se na esfera masculina, em particular, no que diz respeito à oratória, isto é, faz uso de procedimentos retóricos associados ao género

¹¹⁶ Para esta associação cor-género na *Aquileida*, cf. Sfyroeras, P., “Like Purple on Ivory: A Homeric Simile in Statius’ *Achilleid*”, in *Flavian Poetry and its Greek Past* (ed. Augoustakis, A.). Leiden: Brill, 2014, pp. 235-248.

¹¹⁷ Para uma interpretação da *Aquileida* e de *Silv.* III, 4 como textos construtivistas, cf. Russell, C.M., “The Most Unkindest Cut: Gender, Genre, and Castration in Statius’ *Achilleid* and *Silvae* 3.4”, *AJPhil.* 135, 2014, pp. 87-121.

masculino: apresenta uma argumentação complexa, invoca *exempla*, floreia o seu discurso. Além disso, mistura estilos de comunicação masculino e feminino, fazendo uso, por vezes, de imperativos directos, que denotam um discurso senhoril dirigido a súbditos, e, outras vezes, de apelos emotivos e de um tom afectuoso e submisso, elementos associados ao feminino. Deidamia, no seu discurso de despedida, propõe partir para a guerra, juntamente com Aquiles; alega que ele se entregara a actividades femininas e, do mesmo modo, também ela poderá conduzir os estandartes. Ora, segundo Heslin, neste passo, Estácio sugere a transitabilidade entre os géneros, mas apenas provocativamente e com acenos cómicos, uma vez que, devido à importância táctica da sua função e ao peso dos *signa*, o *signifer* era, necessariamente, um dos mais experientes soldados, facto que Deidamia ignora¹¹⁸.

Isto leva-nos a uma interpretação oposta à de um suposto construtivismo da *Aquileida*: Aquiles, Tétis e Deidamia inserem-se, de alguma forma, na esfera oposta à do seu sexo biológico, mas todos acabam por ver esse papel social suplantado pela biologia, que os torna mais ou menos aptos para certas actividades. Não obstante factores externos, é a dimensão tipicamente masculina que prevalece em Aquiles: é o seu desejo por Deidamia que o leva a aceitar disfarçar-se; a violação de Deidamia surge como inevitável, dada a masculinidade do protagonista (e não é de modo arbitrário que este momento tem por cenário um ritual em honra de Baco, deus que simboliza a dissolução das distinções, nomeadamente, a distinção entre masculino e feminino); a guerra e a dimensão heróica acabam por triunfar sobre a dimensão afectiva. Aquiles é, afinal, mais um produto da natureza do que da cultura – apesar da influência externa do factor cultural, é a natureza que tem a palavra final no seu destino. Tétis, por seu lado, revela-se incapaz de se adequar aos comportamentos masculinos, pelo que, também aqui, prima a dimensão biológica. O mesmo sucede com Deidamia, que, sugerindo a possibilidade de desempenhar actividades associadas ao sexo oposto, torna imediatamente manifesta a sua inépcia no que a essas actividades diz respeito. Estácio mantém, portanto, uma certa ambiguidade na sua noção de género, avançando uma visão que não se afigura exclusivamente biológica e essencialista, nem, porém, totalmente cultural e construtivista. Em momentos diferentes da narrativa, ambas estas concepções são enfatizadas, e, na verdade, a *Aquileida* apresenta-nos uma visão sobre o género que não as concebe como mutuamente exclusivas: o género é, simultaneamente, biologicamente determinado e socialmente

¹¹⁸ Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, pp. 139s.

construído, e, por vezes, parece estar unicamente dependente da harmonia e proficiência com que é desempenhado¹¹⁹.

c) A figura paterna

A paternidade e as relações entre pais e filhos são temas que Estácio problematiza na *Aquileida* e que, possivelmente, continuariam a ser representados na continuação da obra, tendo em conta a profusão das secções iliádicas referentes a esse assunto. Dado o conhecido desfecho de tais relações na *Ilíada*, é possível, ainda, entrever a conclusão geral da *Aquileida* a propósito deste tema: como Tétis, Andrómaca, Príamo e Hécuba acabam por compreender, gerar um filho é entregar-se a si próprio às incertezas da vida e às inevitabilidades do destino; a impossibilidade de um pai proteger o seu filho torna a parentalidade tão vulnerável quanto sublime. Devido às *Silvas*, sabemos que este assunto, já tratado na *Tebaida* (Atalanta e Partenopeu) e central na *Aquileida*, era particularmente caro a Estácio. Nos seus poemas ocasionais, por diversas vezes, o poeta aborda a figura paterna, quer em referência ao seu próprio pai, quer em epicédios destinados a consolar um amigo pela morte de um filho¹²⁰. Frequentemente associada à figura paterna está a figura do educador, profissão que Estácio valorizava muito, e que era a do seu pai, em cujo elogio Estácio associa a figuras como Mentor, Fénix e Quíron¹²¹. Além disso, sabemos que Estácio, que não tinha filhos, havia adoptado um rapaz escravo, que morreu prematuramente. Então, relações entre pai e filho adoptivos eram duas das mais marcantes na vida do poeta: por um lado, a relação com o seu pai, que, sendo educador, era, também, como que pai adoptivo de outras crianças; por outro, a relação com o seu filho adoptivo. Segundo Fantham, o herói e o centauro são, para Estácio, símbolos da aspiração a um amor filial, da tristeza que essa falta inflige e, por fim, da mágoa pela sua perda. A relação entre pai e filho era a mais íntima e significativa relação que Estácio havia nutrido, e é devido a este contexto biográfico que a relação entre Aquiles e Quíron, isto é, entre pai e

¹¹⁹ Para o tratamento do género na *Aquileida*, cf. McNelis, C., “Similes and Gender in the *Achilleid*”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 189-204. Russell, C.M., “The Most Unkindest Cut: Gender, Genre, and Castration in Statius’ *Achilleid* and *Silvae* 3.4”, *AJPhil.* 135, 2014, pp. 87-121. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, pp. 105-137, 193-243, 267-295.

¹²⁰ As *Silvas* em que este tema se encontra presente são, em particular, II, 6; III, 3; IV, 7, 8; V, 3, 5.

¹²¹ *Silvas*, V, 3, 193-196.

filho adotivos, é representada de forma tão terna e vívida – enquanto pai adotivo, Estácio via-se como um Quíron¹²².

A acção do primeiro livro da *Aquileida* é posta em movimento pelo desígnio de Tétis, que pretende reter o controlo sobre o filho e impedir o curso daquilo que já sabe estar destinado. Em suma, a ninfa pretende manter Aquiles na sua esfera, materna e feminina, por oposição à esfera de Peleu, bélica e masculina. O herói encontra-se irresistivelmente atraído pelo domínio paterno, e, em I, 173, o facto de já igualar a mãe em altura anuncia a crescente dificuldade que Tétis terá em controlá-lo. Desde o início do poema até ao repúdio do disfarce, Peleu é totalmente removido da vida de Aquiles, e o seu nome nunca é referido a não ser na secção bélica do primeiro livro. Mesmo a entrega de Aquiles a Quíron é atribuída a Tétis, e não a Peleu, como outras correntes avançam¹²³. O herói não carece apenas de um modelo humano, mas de um modelo humano masculino: Tétis negligencia a dimensão masculina; Quíron descarta a dimensão social e humana; Licomedes, velho rei, está apenas apto para educar raparigas. O aparecimento de Deidamia constitui o início do desmoronamento da esfera materna na vida de Aquiles, e, quando se dá a violação, o herói torna-se livre da influência materna e pende para a esfera paterna (segundo certas tradições, como a que segue Ovídio, também Peleu viola Tétis, o que, na *Aquileida*, funciona como correspondência entre pai e filho), embora ainda não esteja completamente integrado nela. Livre da mãe, Aquiles adquire uma identidade própria – não é por coincidência que a sua primeira fala em toda narrativa surja imediatamente depois da violação de Deidamia e inicie com as palavras *ille ego*¹²⁴. No entanto, a transição para a esfera paterna ainda não se encontra concluída – Aquiles não se apresenta a Deidamia enquanto filho de Peleu –, uma vez que o herói ainda carece de uma figura paterna. Essa figura humana e masculina aparece em Ulisses, que aborda Aquiles expondo a sua linhagem, da qual omite Tétis, com vista a incitar a vertente masculina do protagonista. É então que Aquiles se revela enquanto homem, e se apresenta a Licomedes, pela primeira vez, como filho de Peleu. A sua masculinidade encontra-se, agora, totalmente obtida, e, no início do livro II, Aquiles aparece exclusivamente como guerreiro, tendo renegado a dimensão materna e relegado a desonra de Ciro ao

¹²² Sobre esta questão, cf. Fantham, E., “‘Chironis exemplum’: on teachers and surrogate fathers in Achilleid and Silvae”, *Hermathena* 167, 1999, pp. 59-70.

¹²³ Nomeadamente, Apolónio de Rodes (*Argon.*, IV, 851-881).

¹²⁴ Cf. Mendelsohn, D., “Empty Nest, Abandoned Cave: Maternal Anxiety in ‘Achilleid’ I”, *Cl. Ant.* 9, 1990, p. 306.

esquecimento. Depois de crescer com figuras parentais inadequadas, a figura paterna de Ulisses, ainda que não biológica, leva Aquiles a repudiar a sua situação feminina e desonrosa¹²⁵. Daqui se depreende a importância, para Estácio, da figura paterna, por um lado, enquanto elemento proibitivo para o filho (I, 275-277: quando Tétis propõe a Aquiles o disfarce, é em Quíron e em Peleu que o herói pensa; de igual modo, é o apelo à linhagem paterna que leva Aquiles a repudiar as vestes); por outro, enquanto guia indispensável para a descoberta e conquista do seu lugar no mundo¹²⁶.

¹²⁵ Acerca da figura paterna e da elisão de Peleu na *Aquileida*, cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*, Cambridge, 2005, pp. 286-294.

¹²⁶ Ideia de raiz homérica: também Telémaco carece de uma figura paterna para a obtenção da sua identidade, e tanto na *Odisseia* como na *Aquileida* é Ulisses que desempenha esse papel. Podemos, então, ver em Telémaco um dos modelos usados por Estácio para a caracterização do seu Aquiles.

VII – Conclusão

Por tudo o que foi referido, é legítimo declarar a *Aquileida* uma obra original, que não se resume à mera soma de influências pré-existentes. Confrontado com a vasta tradição épica, Estácio procura adoptar uma posição dialogante perante os seus mais elevados nomes, posição que se traduz numa poética plena de ecos, variações, acenos e recuperações. No panorama da épica flaviana, a *Aquileida* destoa das restantes obras (*Tebaida*, *Púnica*, *Argonáuticas*), na medida em que se distancia do modelo épico romano codificado por Vergílio, de que aquelas obras pouco se afastavam. Esta distância do modelo principal da épica romana reflecte-se, sobretudo, num esmorecimento do conteúdo moral e político da obra, mas também numa redução do patético e da *gravitas* associada ao género – em tudo isto a *Aquileida* diverge das épicas escritas na dinastia flaviana. Ora, um distanciamento implica, também, uma aproximação: ao distanciar-se do padrão épico contemporâneo, Estácio volta-se para outros géneros, numa tentativa espontânea de os absorver no verso épico, da mesma forma que, na *Eneida*, Vergílio assimilara elementos do género trágico. Na *Aquileida*, não é a tragédia que Estácio procura integrar: pelo contrário, encontramos no poema uma forte redução do dramatismo trágico, a par de uma restrição do patético, elementos muito presentes na *Tebaida* – não obstante ter nos *Círios* de Eurípides a sua fonte principal, a *Aquileida* é envolta numa atmosfera de leveza e graça, contrária, portanto, à gravidade trágica. É a comédia e a elegia que o poeta pretende assimilar na sua obra, sem que isso venha, no entanto, pôr em questão o seu estatuto épico. Os acenos cómicos são frequentes, mas sempre comedidos, de modo a não fazer a narrativa cair no cómico total – Estácio procura sempre manter uma medianidade de tom e, em última análise, consegue fazê-lo, atendendo aos eventos caricatos do episódio de Ciro. Por outro lado, o poeta alcança com sucesso a integração da elegia no género épico, tarefa difícil, tendo em conta as posições axiológicas diametralmente opostas que ambos os géneros representam. Tudo isto faz da *Aquileida* um poema original, distante das tendências contemporâneas do género. Estamos, em suma, perante uma épica ética em que estão presentes o modelo odisséico, a técnica vergiliana, a tonalidade alexandrina e o ambiente ovidiano, sem que nenhum destes elementos venha reclamar a originalidade da obra. Estamos, assim, em condições de deixar de ver na *Aquileida* um projecto meramente imitativo, reactivo ou subversivo, e de

passar a ver na última obra de Estácio um projecto ousado e original, uma afirmação para ecoar em toda a tradição épica.

Texto latino e tradução

I

Magnanimum Aeaciden formidatamque Tonanti
progeniem et patrio uetitam succedere caelo,
diua, refer. quamquam acta uiri multum inclita cantu
Maeonio (sed plura uacant), nos ire per omnem—

5 sic amor est—heroa uelis Scyroque latentem
Dulichia proferre tuba nec in Hectore tracto
sistere, sed tota iuuenem deducere Troia.

tu modo, si ueterem digno depleuimus haustu,
da fontes mihi, Phoebe, nouos ac fronde secunda

10 necte comas: neque enim Aonium nemus aduena pulso
nec mea nunc primis augescunt tempora uittis.
scit Dircaeus ager meque inter prisca parentum
nomina cumque suo numerant Amphione Thebae.

Livro I

Fala-me, deusa¹, do magnânimo Eácida² e da prole temida
pelo Tonante³, à qual foi interdito suceder ao pai
no trono celeste⁴. Os ilustres feitos do herói foram profusamente louvados
em verso meónio⁵, mas muitos mais estão ainda por cantar: concede-me
5 – assim o desejo – toda a sua vida percorrer, revelá-lo, escondido em Ciros,
com dulíquia tuba⁶, e que não me detenha em Heitor arrastado,
mas que acompanhe o jovem por toda a guerra de Tróia.
Tu, Febo⁷, se a antiga vazei com digno trago, dá-me novas fontes,
e cinge os meus cabelos com segunda grinalda⁸:
10 pois não é como estranho que chego ao bosque aónio⁹,
nem são as minhas tēmporas agora alargadas com as primeiras faixas.
Sabe-o o campo de Dirce, e Tebas inclui-me entre os veneráveis
nomes dos antepassados, ao lado do seu Anfíon.

¹ Barchiesi sustenta que seja Érato a musa aqui invocada, baseando-se numa correlação com *Silv.*, IV, 7, poema acerca da transição da *Tebaida* para a *Aquileida* e da necessidade de “um plectro diferente” para a composição do seu Aquiles. Nesta Silva, é também Érato a musa invocada. Cf. Barchiesi, A., “La guerra di Troia non avrà luogo: il proemio dell’*Achilleide* di Stazio”, in *Forme della Parodia, Parodia delle Forme nel Mondo Greco e Latino* (ed. Munzi, L.). Napoli, 1996, pp. 45-62.

² *Magnanimum*: calque latino de um composto homérico (*μεγάθυμος*, *Il.*, XXI, 153; XXIII, 168), já utilizado por Vergílio, a propósito de Eneias (*Aen.*, I, 260; V, 17, 407; IX, 204), e por Ovídio, a propósito de Aquiles (*Met.*, XIII, 298). *Aeaciden*: um patronímico propositadamente não-homérico; ao não designar Aquiles por *Pelides*, Estácio distancia-se do modelo homérico, enfatizando, em simultâneo, os temas da sobreprotecção materna e da elisão paterna, presentes ao longo da narrativa.

³ Júpiter, e, segundo Píndaro (*Isthm.*, VIII, 27ss.), também Neptuno, escolhe não casar com Tétis, devido a uma profecia segundo a qual a ninfa geraria um filho superior ao seu pai.

⁴ Note-se o género feminino de *progeniem formidatam...vetitam*, que, certamente, causaria na audiência a sensação de estar a ser introduzida uma figura feminina – uma alusão antecipada ao episódio de Ciros.

⁵ Isto é, por Homero, que, segundo algumas tradições, era natural da Meónia, antígonome para a região da Lídia.

⁶ Isto é, a tuba de Ulisses. Dulíquio, uma ilha de localização incerta no mar jónico, era frequentemente associada a Ulisses, pela sua proximidade a Ítaca.

⁷ É algo inusitada, esta invocação de Apolo, divindade tradicionalmente associada à *recusatio* da épica, e que, além disso, contribuirá para a morte de Aquiles, protagonista do poema para o qual se pede inspiração.

⁸ *Fronde secunda* pode significar, por um lado, “com segunda grinalda”, sendo a *Tebaida* a primeira; por outro, “com grinalda propícia”. Optamos pela primeira interpretação, uma vez que a ideia transmitida pelos versos I, 8-11 não é tanto de inspiração poética quanto da sua renovação. Acresce a menção directa a Tebas, nos versos seguintes.

⁹ Isto é, ao monte Hélicon, consagrado às Musas.

At tu, quem longe primum stupet Itala uirtus
15 Graiaque, cui geminae florent uatumque ducumque
certatim laurus—olim dolet altera uinci—,
da ueniam ac trepidum patere hoc sudare parumper
puluere: te longo necdum fidente paratu
molimur magnusque tibi praeludit Achilles.
20 Soluerat Oebalio classem de litore pastor
Dardanus incautas blande populatus Amyclas
plenaque materni referens praesagia somni
culpatum relegebat iter, qua condita ponto
fluctibus inuisis iam Nereis imperat Helle,
25 cum Thetis Idaeos—heu numquam uana parentum
auguria!—expauit uitreo sub gurgite remos.
nec mora et undosis turba comitante sororum
prosiluit thalamis: feruent coeuntia Phrivi
litora et angustum dominas non explicat aequor.
30 Illa ubi discusso primum subit aera ponto,
'Me petit haec, mihi classis' ait 'funesta minatur,
agnosco monitus et Protea uera locutum.
ecce nouam Priamo facibus de puppe leuatis

E tu¹⁰, de longe o primeiro que a flor itálica e grega admira,
 15 para quem gémeos loureiros de vates e generais
 florescem em disputa – há muito que um deles chora ser vencido –¹¹,
 dá-me o teu favor, e permite que, por um instante, labute sôfrego
 nesta arena. Em ti medito com longo, mas ainda hesitante preparo,
 e o excelso Aquiles não é para ti senão um prelúdio.

20 Já o pastor dardânio desancorara a frota da costa de Ébalo,
 tendo suavemente saqueado Amiclas imprevidente¹²,
 e, cumprindo o presságio do sonho materno¹³,
 percorria de novo o seu culposo caminho, onde Hele,
 agora Nereide velada no mar, comanda as vagas odiosas,

25 quando Tétis – ah, nunca vãos, os augúrios dos genitores! –
 temeu sob o vítreo abismo os remos ideus.
 Sem demora, escoltada por numerosas irmãs,
 precipita-se do leito undoso: fervilham as confluentes orlas
 de Frixo, e as estreitas águas não se alongam¹⁴ para as deusas.

30 Assim que, rasgando as vagas, ela sobe ao ar, diz:
 «É a mim que perseguem, ameça-me esta armada funesta.
 Reconheço os avisos, e que Proteu proferiu verdades¹⁵.
 Eis que Belona, erguendo da popaos seus archotes, leva a Príamo

¹⁰ Domiciano. Nos versos I, 14-19, Estácio promete, novamente (*Theb.*, I, 15-33), escrever um poema épico louvando os feitos militares do imperador, e, novamente, adia a promessa para um futuro indefinido, alegando não estar ainda preparado. Sobre o *topos* da *recusatio/excusa* na poesia flaviana, cf. Nauta, R.R., “The *recusatio* in Flavian poetry”, in *Flavian Poetry* (eds. Smolenaars, J.J.L., van Dam, H., Nauta, R.R.). Leiden, 2006, pp. 21-40.

¹¹ Estácio alude às ambições literárias nutridas por Domiciano, numa fase mais recuada do seu principado. Suplantado pela devoção aos assuntos militares, o seu interesse pela literatura traduziu-se, posteriormente, no patronato. Sobre este assunto, cf. Coleman, K.M., “The Emperor Domitian and Literature”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt II*, 32.5, 1986, pp. 3087-3115.

¹² Isto é, já Páris (*pastor Dardanus*) havia partido das costas da Lacónia (*de litore Oebalio*), após ter raptado Helena, em Esparta (*Amyclae*).

¹³ Antes do nascimento de Páris, Hécuba tivera um sonho em que dava à luz uma tocha que incendiou Tróia, o que levou à exposição da criança, que foi, posteriormente, resgatada e criada por pastores (donde *pastor Dardanus*).

¹⁴ *Explicare* significa, literalmente, “estender”, “alongar”; figurativamente, “expor”, “explicar”, “narrar”. Então, a estreiteza física do Helesponto é apresentada como motivo para a omissão narrativa dos nomes das deusas, uma catalogação típica da tradição épica que Estácio escolhe deixar de lado.

¹⁵ Cf. *Ov.*, *Met.*, XI, 221-223, em que Proteu anuncia a Tétis o destino de Aquiles.

fert Bellona nurum: uideo iam mille carinis
35 Ionium Aegaeumque premi; nec sufficit, omnis
quod plaga Graiugenum tumidis coniurat Atridis:
iam pelago terrisque meus quaeretur Achilles,
et uolet ipse sequi. quid enim cunabula paruo
Pelion et torui commisimus antra magistri?
40 illic, ni fallor, Lapitharum proelia ludit
inprobus et patria iam se metitur in hasta.
o dolor, o seri materno in corde timores!
non potui infelix, cum primum gurgite nostro
Rhoeteae cecidere trabes, attollere magnum
45 aequor et incesti praedonis uela profunda
tempestate sequi cunctasque inferre sorores?
nunc quoque—sed tardum, iam plena iniuria raptae.
ibo tamen pelagique deos dextramque secundi,
quod superest, complexa Iouis per Tethyos annos
50 grandaeuumque patrem supplex miseranda rogabo
unam hiemem.' Dixit magnumque in tempore regem

nova nora¹⁶: vejo já o Jónio e o Egeu serem oprimidos
 35 por quilhas mil; e não bastará que todo o território
 dos Gregos preste juramento aos irados filhos de Atreu:
 em breve será procurado por mar e terra meu Aquiles,
 e ele próprio desejará segui-los. Então, porque confiei¹⁷ ao pequeno
 o Pélion como berço e os antros de um mestre feroz?
 40 Lá, se não me engano, brinca, arrojado, aos combates
 dos Lápitas¹⁸, e já se mede com a hasta paterna.
 Oh, dor! Oh, temores que se demoram num coração de mãe!
 Não pude, infeliz, logo que em nossas águas
 tombaram troncos reteus, erguer o mar pujante
 45 e com profunda tempestade perseguir as velas
 do adúltero corsário, e lançar-lhe todas as irmãs?
 Também agora... – mas é tarde, está consumada a injúria do rapto.
 Contudo, irei – pois é o que me resta – até aos deuses do pélagos
 e, estreitando a dextra do segundo Júpiter¹⁹ como miseranda suplicante,
 50 em nome dos anos de Tétis²⁰ e do grandevo pai, uma só tempestade
 pedirei.» Assim falou, e, em momento oportuno, eis que avista

¹⁶ *Facibus levatis* contém um duplo sentido: por um lado, as tochas nupciais de Páris e Helena; por outro, as tochas incendiárias de Belona.

¹⁷ É interessante notar que é o Pélion e Quíron que são confiados a Aquiles, e não o contrário. Dilke considera esta inversão inadequada e defende que o verbo deve ser entendido como “ligar” (Dilke, O.A.W. (ed.), *Staius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 84). Shackleton Bailey admite o primeiro sentido e refere-se a este passo como “a bold inversion reminiscent of Staius’ earlier style” (Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Staius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, pp. 342-345). Aqui, mantemos a inversão, por contribuir para uma imagem precoce e magnânime de Aquiles, que entendemos ser a pretendida pelo poeta. Note-se, ainda, que, sendo *commisimus*, provavelmente, um plural majestático, Estácio é o primeiro a atribuir unicamente a Tétis a entrega de Aquiles a Quíron: em Homero, o herói é criado por Fénix no palácio de seus pais, e Quíron é apenas responsável pelo ensino da arte medicinal (*Il.*, IX, 485-495; XI, 831s.; XVIII, 57-60); em Apolónio de Rodes, é Peleu a entregar Aquiles ao Centauro (*Argon.*, IV, 851-881). Esta inovação de Estácio alcança o seu propósito de elidir Peleu da vida de Aquiles e de representar Tétis como uma mãe extremosa e sobreprotectora.

¹⁸ Cf. *Ov., Met.*, XII, 210-535, representação dos combates entre os Lápitas e os Centauros.

¹⁹ Aqui se identifica um primeiro prenúncio da inépcia retórica de Tétis. “Segundo Júpiter” refere-se a Neptuno, a quem a ninfa pedirá uma tempestade. No entanto, *secundi Iovis* pode também significar, por metonímia, “tempo favorável”, expressão que se afigura autodestrutiva para quem procura precisamente o oposto de boas condições atmosféricas.

²⁰ *Tethys*, esposa de Oceano e mãe de Nereu – avó de Tétis (*Thetis*), portanto.

aspicit. Oceano ueniebat ab hospite, mensis
laetus et aequoreo diffusus nectare uultus,
unde hiemes uentique silent; cantuque quieto
55 armigeri Tritones eunt scopulosaque cete
Tyrrhenique greges circumque infraque rotantur
rege salutato; placidis ipse arduus undis
eminet et triplici telo iubet ire iugales;
illi spumiferos glomerant a pectore cursus,
60 pone natant delentque pedum uestigia cauda;
cum Thetis: 'O magni genitor rectorque profundi,
aspicis in qualis miserum patefeceris usus
aequor? eunt tutis terrarum crimina uelis,
ex quo iura freti maiestatemque repostam
65 rupit Iasonia puppis Pagasaea rapina.
en aliud furto scelus et spolia hospita portans
nauigat iniustae temerarius arbiter Idae,
eheu quos gemitus terris caeloque daturus,
quos mihi! sic Phrygiae pensamus gaudia palmae,
70 hi Veneris mores, hoc gratae munus alumnae.
has saltem—num semideos nostrumque reportant

o poderoso soberano. Vinha do anfitrião Oceano, satisfeito
 com o banquete e de semblante descontraído pelo néctar marinho,
 motivo por que ventos e tempestades repousam; os seus escudeiros,
 55 os Tritões, marcham com calmo canto, e as rochosas baleias²¹
 e os rebanhos tirrenos²² redemoinham²³ por baixo e em torno,
 saudando o seu senhor. O próprio emerge escarpado por entre
 as ondas plácidas, e com o tríplice dardo ordena o movimento da parelha.
 Na dianteira, as criaturas galopam em espumífero curso;
 60 à retaguarda nadam, e com a cauda dissipam o rasto das patas²⁴.
 Então Tétis: «Ó senhor e criador das imensas profundezas,
 vês para que usos descerraste o desditoso pélagos?
 Em velas seguras se espalham os crimes da terra,
 desde que com a rapina de Jasão a nau de Págasas²⁵
 65 violou do mar as leis e a incorrupta majestade.
 Eis que navega o temerário árbitro do injusto Ida,
 carregando novo crime de furto e despojos do seu anfitrião²⁶.
 Ai, quantos queixumes prepara para a terra e para o céu,
 e quantos para mim! É assim que expiamos os deleites da palma frígia²⁷,
 70 são estes os modos de Vénus, esta a grata retribuição por a haveremos criado²⁸.
 Pelo menos, se às vagas alguma honra ainda resta, destrói estes navios –

²¹ *Cete*, plural de *cetos*, transliteração do grego, designa as baleias ou qualquer animal marinho de grande porte. *Scopulosa*, que traduzimos por “rochosas”, pode referir-se ao seu tamanho, à sua superfície áspera e rugosa, ou à sua proeminência no momento em que saltam à superfície da água.

²² Perífrase para “golfinhos”, proveniente do episódio de Dioniso e dos piratas, contado no *Hino Homérico a Dioniso*.

²³ Literalmente, “giram”. “Redemoinham” afigura-se adequado ao ambiente marinho evocado.

²⁴ O cortejo de Neptuno aqui representado é modelado por Hom., *Il.*, XIII, 23-31, e por Verg., *Aen.*, V, 819-826.

²⁵ AArgo, nau que dá o nome aos Argonautas, fora construída no golfo de Págasas.

²⁶ Dilke defende a ligação objectiva entre *scelus* e *spolia hospita*, e o valor adverbial de *furto*: “carregando despojos de um crime cometido furtivamente” (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 87), mas esta parece uma interpretação intrincada e dispensável para o sentido do texto, pelo que decidimos manter a sintaxe latina.

²⁷ Helena era o prémio prometido por Vénus a Páris, caso o juiz concedesse a vitória à deusa no concurso de beleza, que decorreu no monte Ida. Aqui, Tétis lamenta ter de sofrer as consequências dessa decisão.

²⁸ Vénus nasceu da espuma do mar, após a castração de seu pai Úrano. Por esse motivo, Tétis acusa a deusa de ingratidão, uma vez que foi gerada no seu elemento, o mar.

Thesea?—si quis adhuc undis honor, obrue puppes,
aut permitte fretum! nulla inclementia: fas sit
pro nato timuisse mihi. da pellere luctus,
75 nec tibi de tantis placeat me fluctibus unum
litus et Iliaci scopulos habitare sepulcri.'
Orabat laniata genas et pectore nudo
caeruleis obstabat equis. sed rector aquarum
inuitat curru dictisque ita mulcet amicis:
80 'Ne pete Dardanium frustra, Theti, mergere classem;
fata uetant: ratus ordo deis miscere cruentas
Europamque Asiamque manus, consultaque belli
Iuppiter et tristes edixit caedibus annos.
quem tu illic natum Sigeo in puluere, quanta
85 aspicias uictrix Phrygiarum funera matrum,
cum tuus Aeacides tepido modo sanguine Teucros
undabit campos, modo crassa exire uetabit
flumina et Hectoreo tardabit funere currus
inpelletque manu nostros, opera inrita, muros!
90 Pelea iam desiste queri thalamosque minores:
crederis peperisse Ioui; nec inulta dolebis
cognatisque utere fretis: dabo tollere fluctus,
cum reduces Danaï nocturnaue signa Caphereus

porventura levam semideuses, ou o nosso Teseu? –
ou confia-me o comando das águas! Não me move a crueldade: seja-me
lícito temer pelo meu filho. Concede-me repelir o luto,
75 e que não te agrade que, entre tantas ondas, venha eu a habitar
uma só costa e os rochedos de um sepulcro troiano.»
Suplicava dilacerando as faces, e com peito desnudo
barrava o curso dos cavalos cerúleos. Mas o senhor das águas
convida-a para o seu carro, e assim a reconforta com palavras amigas²⁹:
80 «Não procures em vão, Tétis, afundar a frota dardânia:
os Fados vedam-no³⁰. É decreto firmado pelos deuses que sangrento
conflito abale Europa e Ásia. Júpiter proclamou
o edicto de guerra e sinistros anos de morticínio.
Que valoroso filho tu verás lá³¹, no pó Sigeu, quantas
85 exéquias de mães frígias poderás, vitoriosa, contemplar,
quando o teu Eácida inundar os campos teucros
de sangue tépido, ou impedir dos espessos rios o fluxo,
e quando retardar o seu carro com o cadáver de Heitor,
e derrubar as nossas muralhas, obra vã³²!
90 Agora, cessa de te queixar de Peleu e de esponsais inadequados³³:
acreditar-se-á teres concebido de Júpiter; e não sofrerás inulta,
mas servir-te-ás do pélagos, teu parente: permitir-te-ei erguer as vagas,
quando os Dánaos vierem de regresso e o Cafereu revelar os seus sinais

²⁹ *Dictis amicis*, uma expressão vergiliana (*Aen.*, II, 147; V, 770; VIII, 126; X, 466).

³⁰ *Fata uetant*: Luc., X, 485.

³¹ Nos versos I, 84-89, Neptuno profetiza o destino de Aquiles em Tróia, em termos muitoreminiscentes de Catull., LXIV, 348-360.

³² As muralhas de Tróia haviam sido construídas por Apolo e Neptuno, a pedido de Laomedonte, que, posteriormente, se recusou a pagar a obra. No entanto, *opera inrita* deve referir-se não à falta de pagamento, mas à sua queda inevitável.

³³ Tétis não referiu Peleu, mas, ainda assim, Neptuno repreende-a, o que nos permite inferir a frequência com que a ninfa lamenta com insatisfação o seu casamento com um mortal, motivo da sua preocupação e da sobre-protecção de Aquiles ao longo da narrativa. Esta frustração matrimonial de Tétis é quase unânime ao longo da tradição poética antiga, sendo Catulo a única excepção (LXIV, 19-21).

exseret et dirum pariter quaeremus Ulixem.'
95 Dixerat. illa graui uultum demissa repulsa,
quae iam excire fretum et ratibus bellare parabat
Iliacis, alios animo commenta paratus,
tristis ad Haemonias detorquet bracchia terras.
ter conata manu, liquidum ter gressibus aequor
100 reppulit et niueas feriunt uada Thessala plantas.
laetantur montes et conubialia pandunt
antra sinus lateque deae Sperchios abundat
obuius et dulci uestigia circuit unda.
illa nihil gauisa locis, sed coepta fatigat
105 pectore consilia et sollers pietate magistra
longaeuum Chirona petit. domus ardua montem
perforat et longo suspendit Pelion arcu;
pars exhausta manu, partem sua ruperat aetas.
signa tamen diuumque tori et quem quisque sacrarit
110 accubitu genioque locum monstrantur; at intra
Centauri stabula alta patent, non aequa nefandis
fratribus: hic hominum nullos experta cruores
spicula nec truncae bellis genialibus orni

nocturnos, e ambos procurarmos em conjunto o terrível Ulisses³⁴.»

95 Assim falou. Com expressão abatida devido ao pesado revés,
ela, que já se preparava para excitar as vagas e fazer guerra
às naus ilíacas, concebendo no espírito outros planos,
triste, vira os braços em direcção às terras hemónias.
Três vezes envidou os braços, três vezes apartou as águas límpidas
100 com o seu movimento, e já os vaus tessálios ferem seus níveis pés.
Alegram-se as montanhas, os antros nupciais desvelam
os seus recessos, e o Esperquio³⁵ transborda lautamente em direcção
à deusa, cobrindo com água doce as suas pegadas.
Em nada lhe agrada aquele lugar, mas revolve na mente
105 os planos empreendidos e, com a sagacidade conferida pela devoção materna,
procura o provector Quíron. Escarpada, a sua casa perfura
a montanha, e com extensa abóbada sustém todo o Pélion³⁶;
uma parte foi escavada pela mão; outra, quebrara-a a idade.
Contudo, vêem-se vestígios dos deuses, e os seus leitos, e o lugar que cada um
110 terá consagrado³⁷ com seu nume e sua presença no festim³⁸. No interior,
desdobram-se os altos aposentos do Centauro, em nada semelhantes
aos dos seus execráveis irmãos³⁹: aqui não há dardos
conhecedores do sangue humano, nem freixos truncados

³⁴ Este discurso de Neptuno abunda em prolepses narrativas, algumas em referência a momentos que seriam narrados na continuação do poema: os sucessos de Aquiles em Tróia, incluindo a potamomaquia no Escamandro, a morte de Heitor e a queda das muralhas; a vingança durante os *vóστοι* dos Aqueus; em particular, o naufrágio no Cafereu e a perseguição de Ulisses por Neptuno, após o episódio de Polifemo narrado na *Odisseia*. Alguns destes momentos poderiam ser abordados na narrativa subsequente; outros permaneceriam meramente profetizados.

³⁵ O Esperquio, ou Esperqueu, é um rio da Tessália.

³⁶ A éfrase de uma caverna era já um *topos* épico: Polifemo (Hom., *Od.*, IX, 181-186); Calipso ((Hom., *Od.*, V, 59-75); Caco (Verg., *Aen.*, VIII, 190-197); Anteu (Luc., IV, 601-605); Âmico (Val. Fl., IV, 177-186).

³⁷ Optamos pela lição defendida por Dilke e Shackleton Bailey, *sacrarit*. Méheust, Rosati e Soubiran avançam *sacravit*; Edwards-Hall-Ritchie, *sacrarat*. Apesar de todas estas lições serem possíveis, escolhemos *sacrarit* por dois principais motivos: o perfeito do conjuntivo conota a incerteza do narrador em relação ao lugar que cada deus ocupara, por oposição à descrição inequívoca a esse respeito que as outras lições implicam; além disso, encontramos uma construção semelhante em *Theb.*, IV, 162ss.

³⁸ Isto é, no casamento de Peleu e Tétis.

³⁹ Os Centauros, infames pela sua violência e brutalidade, entre os quais Quíron constitui uma excepção, ideia que nos é transmitida pela descrição da sua gruta.

aut consanguineos fracti crateres in hostes,
115 sed pharetrae insontes et inania terga ferarum.
haec quoque dum uiridis; nam tunc labor unus inermi
nosse salutiferas dubiis animantibus herbas,
aut monstrare lyra ueteres heroas alumno.
et tunc uenatu rediturum in limine primo
120 opperiens properatque dapes largoque serenat
igne domum, cum uisa procul de litore surgens
Nereis; erumpit siluis—dant gaudia uires—
notaque desueto crepuit senis ungula campo.
tunc blandus dextra atque imos demissus in armos
125 pauperibus tectis inducit et admonet antri.
Iamdudum tacito lustrat Thetis omnia uisu
nec perpessa moras: 'Ubinam mea pignora, Chiron,
dic', ait, 'aut cur ulla puer iam tempora ducit
te sine? non merito trepidus sopor atraque matri
130 signa deum et magnos utinam mentita timores?
namque modo infensos utero mihi contuor enses,
nunc planctu liuere manus, modo in ubera saeuas
ire feras; saepe ipsa—nefas!—sub inania natum
Tartara et ad Stygios iterum fero mergere fontes.

em guerras nupciais, ou taças quebradas sobre inimigos consanguíneos,
115 mas aljavas inocentes e vãos couros de feras.
E mesmo estes haveres pertenciam à sua juventude; pois, desde então, inerme,
sua única lida era conhecer as ervas benéficas para os viventes em perigo,
ou, com a lira, narrar ao seu discípulo a gesta dos heróis ancestrais.
Então, à entrada, esperando que Aquiles regressasse
120 da caça, prepara o repasto e alumia a habitação
com farto fogo, até que avista, ao longe, a Nereide subindo
do litoral; precipita-se dos bosques – a alegria dá-lhe forças –
e os afeitos cascos do ancião crepitam nos campos desacostumados.
Então, com dextra afável, curvando-se ao nível das espáduas inferiores⁴⁰,
125 guia-a até à humilde habitação, prevenindo-a de que se trata de uma simples caverna⁴¹.
Por muito tempo Tétis examina todas as coisas com seu olhar silente,
até que, não tolerando a demora, assim fala: «Diz-me, Quíron, onde está
o meu filho? E porque é que o rapaz já passa algum tempo
longe de ti? Será sem motivo que o meu sono se perturba, e que afligem sua mãe
130 portentos dos deuses, funestos e pressagiando – oxalá em falso – grandes horrores?»⁴²
Na verdade, ora vejo espadas ameaçando o meu ventre,
ora minhas mãos arroxeadas pelo pranto, ora feras cruéis atacando
o meu peito; muitas vezes, eu mesma – ó atrocidade! – levo o meu filho
pelas sombras do Tártaro, para novamente o mergulhar nas águas estígias.⁴³

⁴⁰ Para se entender *in imos armos*, há que recordar a natureza dual de Quíron: enquanto centauro, tem dois pares de espáduas. Aqui, Quíron curva-se à altura de Tétis, num gesto de cordial recepção.

⁴¹ *Admonet antri*, lit. “adverte-a em relação à gruta”, ou “relembra-a da gruta”, é de sentido ambíguo. Quíron pode estar a lembrar Tétis do caminho que leva à gruta; pode, também, estar a apelar ao cuidado devido à escassa iluminação no seu interior, ou à baixa altura da soleira, o que explicaria e daria outro sentido a *in imos armos* – o centauro estaria a baixar-se de modo a entrar na gruta. No entanto, como Dilke objecta, Tétis já estava familiarizada com o lugar (Dilke, O.A.W. (ed.), *Staius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 93), e não necessitava de semelhantes advertências, e, como tal, damos preferência à interpretação segundo a qual Quíron está simplesmente a prevenir a ninfa em relação ao estado humilde da habitação, hipótese que permite, ainda, dar conta do meio austero em que Aquiles é criado.

⁴² Na ausência de verbo, deve-se tomar o particípio *mentita* como tendo valor verbal: “fingindo grandes horrores”. Tratando-se de portentos, preferimos “pressagiando em falso grandes horrores”.

⁴³ Estácio é o primeiro poeta extante a referir o banho de Aquiles no Estige. No entanto, outras tentativas levadas a cabo por Tétis para imortalizar o filho são referidas por autores helenísticos, mais notavelmente por Apolónio de Rodes (*Argon.*, IV, 867ss.), cuja versão retrata a ninfa aplicando fogo e ambrósia, noite após noite, no corpo do

135 hos abolere metus magici iubet ordine sacri
Carpathius uates puerumque sub axe peracto
secretis lustrare fretis, ubi litora summa
Oceani et genitor tepet inlabentibus astris
Pontus. ibi ignotis horrenda piacula diuis
140 donaque—sed longum cuncta enumerare uetorque.
trade magis!' sic ficta parens: neque enim ille dedisset,
si molles habitus et tegmina foeda fateri
ausa seni. tunc ipse refert: 'Duc, optima, quaeso,
duc, genetrix, humilique deos infringe precatu.
145 nam superant tua uota modum placandaque multum
inuidia est. non addo metum, sed uera fatebor:
nescio quid magnum—nec me patria omina fallunt—
uis festina parat tenuesque superuenit annos.
olim et ferre minas auideque audire solebat
150 imperia et nostris procul haut discedere ab antris;
nunc illum non Ossa capit, non Pelion ingens

135 Para pôr fim a estes temores, o profeta de Cárpatos⁴⁴ ordena-me a sequência
de um ritual mágico, e que purifique o rapaz em mares remotos, lá,
onde a abóbada se esvai, nas mais longínquas costas do Oceano,
onde meu pai Ponto⁴⁵ amorna com os astros deslizantes⁴⁶.
Aí, atrozos sacrifícios expiatórios a deuses desconhecidos
140 e oferendas...⁴⁷ – mas seria moroso contar-tetudo, e é-me vedado.
Antes dá-mo!» Com estas ficções discorria a mãe: nem ele lho teria devolvido,
na verdade, se ela ousasse falar ao ancião de hábitos efeminados
e vergonhosas vestes. Então ele responde: «Leva-o, ó formidável genetriz,
leva-o, peço-te, e serena os deuses com humilde súplica.
145 Pois os teus votos excedem a medida, e a inveja deve ser aplacada
a qualquer custo⁴⁸. Não pretendo aumentar os teus receios, mas dir-te-ei a verdade:
algo de grandioso⁴⁹ – e não me enganam os presságios paternos⁵⁰ –
seu precoce vigor prenuncia, e supera os tenros anos.
Outrora, costumava ceder a ameaças e observar com zelo
150 as minhas ordens, e não se afastava da nossa caverna;
agora, nem o Ossa consegue contê-lo, nem o ingente Pélion

bebé Aquiles. Estácio não refere directamente o calcanhar como ponto invulnerável, apenas alude ao episódio *en passant*, o que torna improvável a hipótese de ter sido o próprio a inventá-lo. O poeta está, provavelmente, a aludir a uma obra em que consta essa versão do mito (uma possível *Aquileida* helenística, segundo Weitzman, K., *Ancient Book Illumination*. Cambridge, 1959, pp. 54-59). De acordo com Dilke, a antiguidade da versão da invulnerabilidade parcial de Aquiles é, ainda, confirmada pela existência de uma ânfora do século VI a.C. que representa Aquiles morto com uma flecha no calcanhar (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 94).

⁴⁴ Isto é, Proteu, que tinha em Cárpatos uma das suas moradas (Ov., *Met.*, XI, 249).

⁴⁵ Aqui, Ponto equivale a Oceano, pai de Tétis.

⁴⁶ *Sub axe peracto* significa, literalmente, “sob o céu concluído/percorrido”. Atendendo à posição invariavelmente geocêntrica da astronomia antiga, conclui-se que Estácio se refere a Oeste, onde os astros parecem cair no mar, motivo pelo qual se diz que o Ponto amorna com os astros deslizantes.

⁴⁷ As mentiras de Tétis e os falsos ritos mágicos são reminiscentes de Verg., *Aen.*, IV, 480ss., o diálogo entre Dido e Ana.

⁴⁸ Isto é, os desejos de Tétis envolvem o impedimento de um destino já decretado, e isso pode levar à inveja e hostilidade dos restantes deuses.

⁴⁹ *Nescio quid magnum...*, reminiscente da famosa frase de Propércio a propósito da *Ilíada*, *nescio quid maius nascitur Iliade* (Prop., II, 34, 66). Ao passo que Propércio usa o comparativo *maius*, referindo-se à *Eneida*, Quíron usa o grau normal, uma vez que *magnum* se refere a Aquiles e, por extensão, à própria *Ilíada*.

⁵⁰ *Nec me patria omnia fallunt* é de interpretação problemática: trata-se, possivelmente, do dom da profecia que é atribuído a Quíron e que lhe foi transmitido pelo seu pai, Saturno; por outro lado, *patria omnia* pode significar, simplesmente, as profecias que os pais costumam fazer, ou pelas quais os pais frequentemente se iludem.

Pharsaliaeue niues. ipsi mihi saepe queruntur
Centauri raptasque domos abstractaque coram
armenta et semet campis fluuiisque fugari,
155 insidiasque et bella parant tumideque minantur.
olim equidem, Argoos pinus cum Thessala reges
hac ueheret, iuuenem Alciden et Thesea uidi-
-sed taceo.' Figit gelidus Nereida pallor:
ille aderat multo sudore et puluere maior,
160 et tamen arma inter festinatosque labores
dulcis adhuc uisu: niueo natat ignis in ore
purpureus fuluoque nitet coma gratior auro.
necdum prima noua lanugine uertitur aetas,
tranquillaeque faces oculis et plurima uultu
165 mater inest: qualis Lycia uenator Apollo
cum redit et saeuis permutat plectra pharetris.
forte et laetus adest—o quantum gaudia formae
adiciunt!—: fetam Pholoes sub rupe leaenam
perculerat ferro uacuisque reliquerat antris
170 ipsam, sed catulos adportat et incitat unguis.
quos tamen, ut fido genetrix in limine uisa est,
abicit exceptamque auidis circumligat ulnis,
iam grauis amplexu iamque aequus uertice matri.

ou as neves farsálias. Com frequência, os próprios Centauros fazem-me
queixas de que as suas casas são saqueadas, e os rebanhos abertamente
arreatados, e eles mesmos postos em fuga por campos e ribeiros;
155 planeiam combates e ciladas, e fazem ameaças inflamadas⁵¹.
Outrora, quando o pinheiro tessálio por aqui levava
os reis de Argos, vi os jovens Alcides e Teseu... –
mas calo-me.» Uma palidez gélida detém a Nereide:
lá estava Aquiles, avultado por muito pó e suor,
160 e, no entanto, entre armas e precoces labores,
ainda aprazível ao olhar: cintila um brilho purpúreo
na sua nívea face, e o cabelo reluz mais gracioso do que fulvo ouro.
A juventude ainda não é transformada por viçosa lanugem;
nos olhos, um sereno fulgor, e muito de sua mãe
165 no rosto⁵²: tal como o caçador Apolo, quando regressa
da Lícia e troca a feroz aljava pelo plectro.
Por acaso, vinha também exultante (ó, quanto a alegria aumenta
a beleza!): havia trespassado com o ferro uma leoa que dera à luz,
sob um rochedo do Fóloe⁵³, e deixara-a nos antros vazios,
170 mas traz as crias consigo e estimula-lhes as garras.
Contudo, assim que a mãe aparece nos fiéis umbrais, larga-as
para a acolher, e envolve-a com ávidos braços,
já vigoroso no abraço, já igual à mãe em altura.

⁵¹ Não obstante a contestação à lição adoptada por Dilke (*tumideque*), também perfilhada por Méheust e Soubiran, não reconhecemos utilidade às alternativas apresentadas por Rosati (*timideque*) e por Shackleton Bailey (*tumidique*). Quanto à primeira, não é de crer que centauros amedrontados fosse a imagem pretendida por Estácio; em relação à segunda, mais adequada, trata-se de transformar o valor adverbial de *tumide*, aplicado às ameaças, no valor adjectival de *tumidi*, transferido para os próprios centauros, o que, ainda que defensável, não se afigura necessário para o sentido do texto.

⁵² A primeira aparição de Aquiles é, de imediato, conotada com a aparência ambígua do herói: as antíteses *maior/dulcis* e *purpureus/niueo* estabelecem a dicotomia da sua identidade, simultaneamente masculina e feminina, heróica e erótica (para o uso simbólico da cor ao longo da obra, cf. Sfyroeras, P., “Like Purple on Ivory: A Homeric Simile in Statius’ *Achilleid*”, in *Flavian Poetry and its Greek Past* (ed. Augoustakis, A.). Leiden: Brill, 2014, pp. 235-248). Por sua vez, a semelhança física com Tétis, para além de enfatizar a referida ambiguidade, aproximando Aquiles de uma aparência feminina, serve também para reforçar o domínio da mãe na vida do filho.

⁵³ Montanha da Tessália, habitada pelos Centauros.

insequitur magno iam tunc conexus amore
175 Patroclus tantisque extenditur aemulus actis,
par studiis aequique modis, sed robore longe,
et tamen aequali uisurus Pergama fato.
Protinus ille subit rapido quae proxima saltu
flumina fumantisque genas crinemque nouatur
180 fontibus: Eurotae qualis uada Castor anhelus
intrat equo fessumque sui iubar excitat astri.
miratur comitque senex, nunc pectora mulcens
nunc fortis umeros; angunt sua gaudia matrem.
tunc libare dapes Baccheaque munera Chiron
185 orat et attonitae uaria oblectamina nectens
elicit extremo chelyn et solantia curas
fila mouet leuiterque expertas pollice chordas
dat puero. canit ille libens inmania laudum
semina: quot tumidae superarit iussa nouercae
190 Amphitryoniades, crudum quo Bebrycas caestu
obruerit Pollux, quanto circumdata nexu
ruperit Aegides Minoia bracchia tauri,
maternos in fine toros superisque grauatum
Pelion: hic uicto risit Thetis anxia uultu.

Segue-o Pátroclo (já então um profundo amor os unia),
175 que se esforça por imitar os seus grandes feitos⁵⁴;
igual em ambição e no modo de vida, mas muito inferior em força,
e, no entanto, contemplará Pérgamo com destino idêntico.
De imediato, Aquiles acerca-se de um ribeiro próximo,
com rápido salto, e refresca as faces e os cabelos fumegantes
180 em suas águas, qual Castor adentrando os baixios do Eurotas
com cavalo ofegante e despertando o brilho esbatido do seu astro.
O ancião admira-o e recompõe-no, afagando-lhe ora o peito,
ora os fortes ombros; aflige a mãe o seu próprio leite.
Então Quíron roga-lhe que prove a refeição e os dons
185 de Baco⁵⁵, e, preparando várias distrações para o seu aturdimento,
por fim toma a lira e dedilha as cordas apaziguadoras
de inquietações; tendo levemente testado o instrumento como polegar,
entrega-o ao rapaz. Ele canta de bom grado as grandiosas sementes
da glória: quantas ordens de sua irada madrasta terá superado
190 o filho de Anfitríão; com que cesto⁵⁶ terá Pólux derrubado
o cruel Bébrice; com quão forte aperto o filho de Egeu
envolveu e quebrou os membros do touro de Minos;
finalmente, o casamento da mãe e o Pélion sobrecarregado
pelos deuses⁵⁷. Então Tétis, embora angustiada, dominando o rosto, sorriu.

⁵⁴ Estácio segue a versão segundo a qual tanto Aquiles como Pátroclo são criados sob Quíron, no Pélion. Para além da *Aquileida*, a *Argonáutica* de Valério é a única obra a dar conta desta versão (I, 407). Em Homero, os dois rapazes crescem juntos, mas no palácio de Peleu (*Il.*, XXIII, 84-90). A inovação que Estácio segue, possivelmente originada por Valério, pode resultar da célebre amizade que ambos os heróis partilhavam, de tal modo inquebrável que devia remontar a uma infância conjunta no Pélion.

⁵⁵ Note-se que, na refeição junto de Tétis, os vocábulos utilizados (*libare*, *dapes* e *orat*) são providos de uma conotação religiosa literal, a par de um sentido metafórico de uso quotidiano. Tratando-se de uma deusa, ambos os sentidos se unem, e a refeição quotidiana mistura-se com a oferenda divina, o que evoca uma realidade próxima à de um romano antigo, em que as refeições familiares contemplavam um espaço para as figuras divinas do lar (para uma análise a este passo, cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 187-188).

⁵⁶ O cesto era uma luva usada em combates de pugilismo ou em espectáculos de gladiadores, feita de couro e, por vezes, dotada de ferros e picos.

⁵⁷ Estácio procura, de certa forma, constituir este passo como etiologia para a inclinação musical de Aquiles representada na *Ilíada* (IX, 189), onde canta os κλέα ἀνδρῶν, “os feitos gloriosos dos homens”. Aqui, Estácio elabora a cena, assinalando os feitos específicos que Aquiles terá cantado. É de notar, ainda, que o poeta não

195 nox trahit in somnos; saxo collabitur ingens
Centaurus blandusque umeris se innectit Achilles,
quamquam ibi fida parens, adsuetaque pectora mauult.
At Thetis undisonis per noctem in rupibus astans,
quae nato secreta uelit, quibus abdere terris
200 destinet, huc illuc diuisa mente uolutat.
proxima, sed studiis multum Mauortia, Thrace;
nec Macetum gens dura placet laudumque daturi
Cecropidae stimulos; nimium opportuna carinis
Sestos Abydenique sinus. placet ire per artas
205 Cycladas; hic spretae Myconosque humilisque Seriphos
et Lemnos non aequa uiris atque hospita Delos
gentibus. inbelli nuper Lycomedis ab aula
uirgineos coetus et litora persona ludo
audierat, duros laxantem Aegaeona nexus
210 missa sequi centumque dei numerare catenas.

195 A noite arrasta-os para o sono. O enorme Centauro colapsa
numa fraga, e nas suas espáduas se enlaça Aquiles com ternura⁵⁸:
ainda que presente a mãe fiel, prefere o colo acostumado.
Mas Tétis, durante a noite, erguida diante das rochas undíssonas:
que refúgio escolher para o seu filho? em que terras determinar
200 escondê-lo? Em todas as direcções revolve o espírito incerto.
A Trácia é a região mais próxima⁵⁹, mas muito dedicada aos ofícios de Marte;
e a dura gente macedónia não lhe agrada, nem os Cecrópidas,
que dariam incentivo para a glória; Sestos e a baía de Abido,
demasiado convenientes aos navios⁶⁰. Decide percorrer⁶¹
205 as estreitas Cíclades; aqui descarta Míconos e a baixa Serifo⁶²
e Lemnos⁶³ hostil aos homens⁶⁴ e Delos hospitaleira
para todos os povos. Recentemente, ouvira do pacífico palácio
de Licomedes um bando de raparigas e as praias ressoando
com os seus jogos, quando foi enviada para controlar Egéon⁶⁵, que procurava
210 afrouxar as duras amarras, e para contar as cem correntes do deus.

ênfatisa os próprios feitos, mas apenas um detalhe a eles associado: Aquiles não aborda os feitos de Hércules, apenas o seu número; não canta o combate entre Pólux e Bébrice, mas tão-somente o tipo de cesto que terá sido utilizado. O tratamento etiológico de um só pormenor emblemático pode ser associado à adopção, por Estácio, da técnica alexandrina.

⁵⁸ Repare-se na prevalência de espondeus nos versos I, 195-196, efeito expressivo associado à languidez do sono que se aproxima e ao movimento ponderoso do centauro.

⁵⁹ A Trácia é mais distante do Pélion do que Círos ou a Macedónia. Ainda que Estácio revele, também noutros passos, um deficitário conhecimento da topografia grega, é possível que, aqui, tal sirva o propósito de sugerir uma maior distância de Círos (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 183).

⁶⁰ *Nimium opportuna carinis Sestos Abydenique sinus*: Dilke assinala o sentido literal de *opportuna* (*ob-portus*, “que leva ao porto”), atendendo a que Abido e Sestos se situam no Helesponto (Dilke, O.A.W. (ed.), *Stacius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 99).

⁶¹ Isto é, percorrementalmente.

⁶² Podemos ver, aqui, um novo indício do escasso conhecimento geográfico do mundo grego patenteado pelo poeta, uma vez que Serifos se eleva a 585m de altitude (e Míconos, apenas a 372m). No entanto, pode-se também entender, com Ripoll-Soubiran, que *humilis* se refere, neste passo, a superfície, e não a altitude (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 184).

⁶³ Lemnos não pertence às Cíclades.

⁶⁴ Alusão ao crime das mulheres de Lemnos, narrado por Hípsípila, na *Tebaida* (V, 49ss.).

⁶⁵ Egéon (entre os humanos), ou Briareu (entre os deuses), era um gigante, filho de Úrano, por quem fora acorrentado, até ser libertado por Júpiter para combater os Titãs. Segundo Homero (*Il.*, I, 396), a sua liberdade serviu para impedir que o próprio Júpiter fosse posto em correntes pelos restantes deuses olímpicos. Enquanto hecatônquiros/centímanos, Egéon era dotado de cem braços e cinquenta cabeças, donde a referência às “cem correntes”.

haec placet, haec timidae tellus tutissima matri.
qualis uicino uolucris iam sedula partu
iamque timens, qua fronde domum suspendat inanem;
prouidet hic uentos, hic anxia cogitat angues,
215 hic homines: tandem dubiae placet umbra, nouisque
uix stetit in ramis et protinus arbor amatur.
Altera consilio superest tristemque fatigat
cura deam, natum ipsa sinu complexa per undas
an magno Tritone ferat, uentosne uolucres
220 aduocet an pelago solitam Thaumantida pasci.
elicit inde fretis et murice frenat acuto
delphinas biiugos, quos illi maxima Tethys
gurgite Atlanteo pelagi sub ualle sonora
nutrierat—nullis uada per Neptunia glaucae
225 tantus honos formae nandique potentia nec plus
pectoris humani—; iubet hos subsistere pleno
litore, ne nudaе noceant contagia terrae.
ipsa dehinc toto resolutum pectore Achillem,
qui pueris sopor, Haemonii de rupibus antri
230 ad placidas deportat aquas et iussa tacere
litora; monstrat iter totoque effulgurat orbe
Cynthia. prosequitur diuam celeresque recursus
securus pelagi Chiron rogat uadaque celat
lumina et abreptos subito iamiamque latentes
235 erecto prospectat equo, qua cana parumper
spumant signa fugae et liquido perit orbita ponto.

É esta que escolhe, esta a terra mais segura para a receosa mãe.
Tal como uma ave, aproximando-se do parto, já diligente,
já receosa, decide em que galho suspender a sua casa ainda vaga;
aqui, antecipa ventos; ali, afligem-na as cobras;
215 acolá, os homens: por fim, hesitante, opta por uma sombra;
apenas acaba de fixar morada nos novos ramos e eis que já ama a árvore.
Da deliberação, outra inquietação subsiste e atormenta
a triste deusa: se deve ela própria levar o filho através das ondas,
apertando-o ao peito, ou servir-se de umpossante Tritão; recorrer
220 aos ventos alados, ou à filha de Taumante, afeita a nutrir-se do pélogo⁶⁶.
Então, das águas convoca uma parilha de golfinhos e enfreia-os
com conchas aguçadas: para si os criara a grandiosa Tétis⁶⁷
sob o abismo Atlântico, no imo de umretumbante vale marinho –
pelas profundezas de Neptuno, em nenhum outro se encontra
225 a infinda beleza do seu glauco contorno, tão potente nado,
ou mais humana inteligência –; ordena-lhes que se detenham
ao largo da costa, para que os não prejudique o contacto com terra seca.
Em seguida, ela própria carrega Aquiles de corpo exânime,
no sono da mocidade, desde os rochedos dos antros hemónios
230 até às águas plácidas e às praias a que foi ordenado guardar silêncio;
Cíntia esclarece-lhe o caminho e cintila com pleno orbe.
Acompanha a deusa Quíron, tranquilo perante mar⁶⁸,
e pede-lhe célere retorno, escondendo os olhos humedecidos;
erguido em todo o seu porte equino, vê-os ao longe, subitamente arrebatados,
235 e já fora de vista, onde, por um instante, ainda espumam
brancos vestígios da retirada, até que o rasto perece na límpida linfa.

⁶⁶ Acreditava-se que era o arco-íris, personificado pela deusa Íris, que levava a água desde o mar até às nuvens.

⁶⁷ Aqui, novamente, *Thetys*, avó de Tétis (*Thetis*).

⁶⁸ *Securus pelagi* tem duas possíveis interpretações: a) Quíron, enquanto centauro e, portanto, dotado de quatro patas, entranomar sem receio de ser arrastado, quer pela sua altura, quer pelo poder detracção da sua parte equina; b) Quíron está seguro em relação a possíveis perigos que possam surgir durante a viagem de Aquiles, uma vez que está acompanhado por Tétis, uma deusa do elemento marinho. Pendemos para a segunda interpretação.

illum non alias rediturum ad Thessala Tempe
iam tristis Pholoe, iam nubilus ingemit Othrys
et tenuior Sperchios aquis speluncaque docti
240 muta senis; quaerunt puerilia carmina Fauni
et sperata diu plorant conubia Nymphae.
Iam premit astra dies humilique ex aequore Titan
rorantes euoluit equos et ab aethere magno
sublatum curru pelagus cadit, at uada mater
245 Scyria iamdudum fluctus emensa tenebat,
exierantque iugo fessi delphines erili,
cum pueri tremefacta quies oculique patentes
infusum sensere diem. stupet aere primo:
quae loca, qui fluctus, ubi Pelion? omnia uersa
250 atque ignota uidet dubitatque agnoscere matrem.
occupat illa manu blandeque adfata pauentem:
'Si mihi, care puer, thalamos sors aequa tulisset,
quos dabat, aetheriis ego te complexa tenerem
sidus grande plagis, magnique puerpera caeli
255 nil humiles Parcas terrenaque fata uererer.
nunc inpar tibi, nate, genus, praeclosaque leti
tantum a matre uia est; quin et metuenda propinquant
tempora et extremis admota pericula metis.
cedamus, paulumque animos submitte uiriles
260 atque habitus dignare meos. si Lydia dura

Aquele que não mais regressará ao tessálio Tempe,
 chora-o ora a triste Fóloe, ora o Ótris nebuloso;
 o Esperquio, agora mais débil, e a emudecida gruta
 240 do sábio ancião; os Faunos em vão procuram os seus cantos pueris,
 e as Ninfas lamentam esponsais há muito aguardados.
 Já o dia oprime os astros, e o Titã faz emergir
 das profundezas os cavalos orvalhados, e do vasto éter
 escorre a água levantada pelo carro. Mas a mãe, atravessadas
 245 as vagas, já há muito ocupava os vaus de Ciros,
 e os golfinhos fatigados haviam abandonado o jugo da senhora,
 quando o sono do rapaz foi abalado, e os olhos entreabertos
 sentiram derramada a luz do dia. Admira-se com o primeiro vislumbre do ar:
 que lugares, que mares são aqueles? onde está o Pélion? Vê tudo
 250 transformado e desconhecido, e hesita até em reconhecer a mãe.
 Ela toma-lhe a mão e dirige-se ternamente ao rapaz aflito:
 «Querido filho, se uma sorte propícia me tivesse trazido as núpcias
 que prometia⁶⁹, nas regiões celestes eu própria te envolveria com meus braços,
 astro glorioso, e, tendo gerado do amplo firmamento,
 255 em nada temeria as íferas Parcas e os fados terrenos.
 Mas agora, filho, o teu nascimento é desigual⁷⁰, e apenas do lado
 materno te é vedada a via da morte; além disso, avizinham-se tempos
 medonhos, e os perigos acercam-se da meta final⁷¹.
 Renunciemos, então; modera um pouco o teu espírito viril,
 260 e tempor bem usar estas minhas vestes. Se com áspera mão

⁶⁹ Isto é, se a Tétis houvesse cabido Júpiter enquanto marido, e não Peleu. Pode-se, agora, entender o motivo da repreensão que Neptuno dirige à ninfa no verso I, 90. A imagem de Tétis é, claramente, a de uma deusa frustrada em relação à sua posição hierárquica, o que lhe confere um cunho marcadamente humano.

⁷⁰ *Inpar genus*: tal é o termo utilizado para designar um filho ilegítimo, no que diz respeito aos assuntos humanos (e.g., Sall., *Iug.*, XI, 3), ou uma família de menor distinção (Tac., *Hist.*, II, 50). Novamente, Tétis surge como uma aristocrata de orgulho ferido pelo aviltamento do seu estatuto social.

⁷¹ Dirigido a um jovem como Aquiles, sedento de glória e de grandes feitos, o argumento da mortalidade afigura-se inócua, primeira falha retórica neste discurso de Tétis, pelo qual procura persuadir o filho a disfarçar-se de rapariga.

pensa manu mollesque tulit Tirynthius hastas,
si decet aurata Bacchum uestigia palla
uerrere, uirgineos si Iuppiter induit artus,
nec magnum ambigui fregerunt Caenea sexus:
265 hac sine, quaeso, minas nubemque exire malignam.
mox iterum campos, iterum Centaurica reddam
lustra tibi: per ego hoc decus et uentura iuuentae
gaudia, si terras humilemque experta maritum
te propter, si progenitum Stygos amne seuro
270 armaui—totumque utinam!—, cape tuta parumper
tegmina nil nocitura animo. cur ora reducis
quidue parant oculi? pudet hoc mitescere cultu?
per te, care puer, cognata per aequora iuro,
nesciet hoc Chiron.' sic horrida pectora tractat
275 nequiquam mulcens; obstat genitorque roganti
nutritorque ingens et cruda exordia magnae

carregou o Tiríntio⁷² lídia lã e frouxos tirsos,
 se a Baco foi mister dissimular os passos com áureo véu⁷³,
 se Júpiter assumiu um corpo virginal⁷⁴, e um sexo ambíguo
 não rebaixou o grande Ceneu⁷⁵, consente, rogo-te,
 265 desta forma escapar às ameaças e a nuvens malfazejas⁷⁶.
 Logo te devolverei os campos, logo os bosques centáureos:
 isto te imploro, pela tua beleza e pelas vindouras alegrias
 da juventude. Se por ti suportei a terra e um marido inferior,
 se à nascença te fortifiquei com a grave torrente do Estige –
 270 prouvera que todo!⁷⁷ – enverga por um instante traje seguro,
 que em nada lesará o teu espírito. Porque viras o rosto?
 Em que meditam os teus olhos? Envergonha-te amolecer com esta roupa?⁷⁸
 Por ti, querido filho, e pelas águas da minha linhagem o juro:
 Quíron não saberá disto⁷⁹.» Assim, com carícias, em vão procura guiar
 275 seu espírito bravio. À sua súplica obstam os pensamentos no pai
 e no magno preceptor, assim como a primitiva génese de uma índole gloriosa.

⁷² Hércules, que, durante três anos, serviu Ônfale, rainha da Lídia, disfarçado de mulher e realizando trabalhos tipicamente femininos.

⁷³ Além da aparência andrógina tradicionalmente atribuída a Baco, autores como Séneca (*Oed.*, 417ss.) seguem uma versão segundo a qual o deus terá crescido disfarçado de rapariga, de modo a escapar aos ciúmes de Juno.

⁷⁴ Júpiter toma a aparência de Diana, de modo a aproximar-se de Calisto para a seduzir (*Ov.*, *Met.*, II, 425ss.). Ironicamente, é algo de semelhante que sucederá entre Aquiles e Deidamia.

⁷⁵ Depois de ter sido violada por Neptuno, Cénis fora transformada em Ceneu, um homem invulnerável (*Ov.*, *Met.*, XII, 171ss.) – estamos, portanto, perante um exemplo não tanto de travestimento quanto de transexualidade.

⁷⁶ Nos versos I, 260-264, Tétis invoca quatro *exempla* de figuras mitológicas, de modo a persuadir Aquiles. Para uma análise à retórica da ninfa e ao seu insucesso, neste passo, cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 118-125.

⁷⁷ Segunda referência à imersão no Estige e, implicitamente, ao célebre calcanhar de Aquiles.

⁷⁸ Este tipo de perguntas, também frequentes na *Tebaida* (e.g., VIII, 508), conferem ao discurso uma dimensão de *enárgeia*, dispositivo muito apreciado por Estácio, e que permite o colocar em cena de emoções sem que o seu sujeito tome parte activa no diálogo (cf. I, 907). Aqui, por exemplo, tornam palpável a reacção de Aquiles à persuasão, que reflecte a falha retórica de Tétis.

⁷⁹ Segundo Ripoll-Soubiran, a distância afectiva entre Tétis e Aquiles reflecte-se, aqui, num profundo desconhecimento da mãe em relação à índole do filho: ainda que a vergonha e o receio de Quíron sejam uma parte do que demove o herói de ceder à persuasão da mãe, é o seu *ingenium* heróico e a sua sede de glória que o impelem a repudiá-la, como confirmam os versos I, 276-277 (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 193). A isto, acrescentamos que a referência a Quíron constitui um remate final no que toca à inépcia geral de Tétis no domínio da oratória, uma vez que, no verso seguinte, é precisamente na figura paterna que Aquiles pensa, como motivo para rejeitar as vestes – a menção ao centauro é, então, outro momento em que a retórica de Tétis derrota os seus próprios desígnios.

indolis. effrenae tumidum uelut igne iuuentae
si quis equum primis submittere temptet habenis:
ille diu campis fluuiisque et honore superbo
280 gausus non colla iugo, non aspera praebet
ora lupis dominique fremit captiuus inire
imperia atque alios miratur discere cursus.
Quis deus attonitae fraudes astumque parenti
contulit? indocilem quae mens detraxit Achillem?
285 Palladi litoreae celebrabat Scyros honorum
forte diem, placidoque satae Lycomedae sorores
luce sacra patriis, quae rara licentia, muris
exierant dare ueris opes diuaeque seueras
fronde ligare comas et spargere floribus hastam.
290 omnibus eximium formae decus, omnibus idem
cultus et expleto teneri iam fine pudoris
uirginitas matura toris annique tumentes.
sed quantum uirides pelagi Venus addita Nymphas
obruit, aut umeris quantum Diana relinquit
295 Naidas, effulget tantum regina decori
Deidamia chori pulchrisque sororibus obstat.
illius et roseo flammatur purpura uultu
et gemmis lux maior inest et blandius aurum:
atque ipsi par forma deae est, si pectoris angues
300 ponat et exempta pacetur casside uultus.
hanc ubi ducentem longe socia agmina uidit,
trux puer et nullo temeratus pectora motu
deriguit totisque nouum bibit ossibus ignem.

Como se alguém tentasse submeter às primeiras rédeas
umcavalo intumescido pelo fogo da juventude desenfreada:
tendo longamente disfrutado de campos e ribeiros, e de uma graça altiva,
280 não oferece o pescoço ao jugo, nem a fera boca ao freio,
e protesta por ter de seguir, aprisionado, as ordens
de um senhor, e espanta-se ao aprender diferentes andaduras.
Que deus concedeu à receosa mãe tamanho engenho
e ardil? Que desígnio vergou o indomável Aquiles?
285 Por acaso, Ciro celebrava um dia de honras
a Palas Litórea, e as irmãs pelo brando Licomedes geradas
havam, naquela aurora sacra, transposto os muros pátrios— rara liberdade —,
de modo a oferecer à deusa as primícias da Primavera, cingir
de folhas os seus cabelos austeros e espalhar flores na sua lança.
290 Em todas uma excepcional formosura, em todas
o mesmo traje, e, já chegadas ao fim da tenra castidade,
uma virgindade madura para o casamento, em túmida idade.
Mas quanto Vénus, junto das verdes Ninfas marinhas,
as ofusca, ou quanto Diana excede as Náíades
295 em altura, tanto resplandece Deidamia, rainha
do esbelto coro⁸⁰, e eclipsa as belas irmãs.
Do seu róseo semblante cintilam tons de púrpura,
dos seus adornos reluz um clarão mais intenso e ouro mais sedutor:
a sua beleza é igual à da própria deusa, se depusesse do peito
300 as serpentes e, removido o elmo, serenasse o rosto.
No momento em que, ao longe, a viu guiando a fila das suas companheiras,
o rapaz, feroz⁸¹ e ainda inabalado pelos ardores do coração,
petrificou, e um fogo desconhecido invadiu-lhe o âmago.

⁸⁰ Existem duas interpretações possíveis para *regina*: por um lado, “princesa”, “filha do rei”; por outro, “líder”, “aquela que preside”, assim como *rex* é o líder dos jogos dos rapazes. Atendendo ao caso genitivo de *decori chori*, preferimos a segunda interpretação, a única que permite uma ligação determinativa.

⁸¹ *Trux puer*: cf. Sen., *Tro.*, 832, passo em que o mesmo epíteto é aplicado a Aquiles, o que denuncia o influxo de Séneca na *Aquileida*.

nec latet haustus amor, sed fax uibrata medullis
305 in uultus atque ora redit lucemque genarum
tinguit et impulsam tenui sudore pererrat.
lactea Massagetae ueluti cum pocula fuscant
sanguine puniceo uel ebur corrumpitur ostro,
sic uariis manifesta notis palletque rubetque
310 flamma repens. eat atque ultro ferus hospita sacra
disiciat turbae securus et inmemor aeui,
ni pudor et iunctae teneat reuerentia matris.
ut pater armenti quondam ductorque futurus,
cui nondum toto peraguntur cornua gyro,
315 cum sociam pastus niueo candore iuencam
aspicit, ardescunt animi primusque per ora
spumat amor, spectant hilares obstantque magistri.
Occupat arrepto iam conscia tempore mater:
'Hasne inter simulare choros et bracchia ludo
320 nectere, nate, graue est? gelida quid tale sub Ossa
Peliacisque iugis? o si mihi iungere curas
atque alium portare sinu contingat Achillem!'
mulcetur laetumque rubet uisusque proteruos
obliquat uestesque manu leuiore repellit.

E não se esconde o amor sorvido, mas uma chama cintilante
305 vem-lhe das entranhas até ao rosto, e tingem-lhe o brilho
das faces, que, latejando, se derrama em leve suor.

Assim como os Masságetas enegrecem os copos de leite
com rubro sangue⁸², ou como o marfim é manchado pela púrpura⁸³,
assim também aquela chama insinuante se manifesta por vários indícios,
310 ora empalidecendo, ora enrubescendo. Por instinto, teria investido e dispersado,
feroz, o culto dos seus hóspedes, indiferente à multidão e esquecido da sua idade,
se o não contivesse o pudor e a deferência pela mãe presente.

Como um jovem touro, que um dia será pai e chefe do rebanho,
e cujos chifres ainda não perfizeram o círculo completo⁸⁴,
315 quando vê uma jovem companheira de pasto, de um níveo candor,
arde-lhe o peito e pela boca espumeja o seu primeiro amor,
enquanto os pastores o contemplam e exultantes o retêm.

Aproveitando a ocasião, a mãe, já consciente do sucedido, antecipa-se:
«Será tão penoso, filho, imitar danças entre estas raparigas, e unir
320 os braços em brincadeira? O que há de semelhante sob o gélido Ossa
ou nos cumes do Pélion? Ai, se me coubesse em sorte unir
dois amores⁸⁵, e levar ao peito um outro Aquiles!»

Ele acalma-se e enrubesce de exultação; lança olhares impudentes
de través, e repele as vestes com mão menos firme.

⁸² Os Masságetas eram uma tribo cita. O seu costume de beber leite misturado com sangue é também mencionado por Séneca (*Oed.*, 470) e Vergílio (*G.*, III, 463).

⁸³ Homero refere esta prática, também num símile (*Il.*, IV, 141-145). Sobre os ecos intertextuais deste símile homérico na *Aquileida*, cf. Sfyroeras, P., “Like Purple on Ivory: A Homeric Simile in Statius’ *Achilleid*”, in *Flavian Poetry and its Greek Past* (ed. Augoustakis, A.). Leiden: Brill, 2014, pp. 235-248

⁸⁴ *Toto gyro*: os cornos de um touro revelam a sua idade, e são, frequentemente, referidos por meio de uma associação ao ciclo lunar; *cornua lunata*, por exemplo, designa os cornos de um touro adulto (*Stat.*, *Theb.*, VI, 267). Aqui, o touro, tal como Aquiles, ainda não está em idade madura.

⁸⁵ *Cura* é, literalmente, aquilo que causa inquietação, que inspira cuidado, sendo, frequentemente, um vocábulo utilizado para designar o objecto de amor. Então, *iungere curas* tem três interpretações possíveis: unir os amores de Aquiles e Deidamia; unir o amor (de Tétis) por Aquiles e o amor que terá pela sua futura nora; unir o amor (de Tétis) por Aquiles e aquele que terá pelo seu futuro neto, mencionado no verso seguinte. A tradução literal permite-nos dar conta de todas estas possibilidades.

325 aspicit ambiguum genetrix cogique uolentem
iniecitque sinus; tum colla rigentia mollit
submittitque graues umeros et fortia laxat
bracchia et inpexos certo domat ordine crines
ac sua dilecta ceruice monilia transfert;
330 et picturato cohibens uestigia limbo
incessum motumque docet fandique pudorem.
qualiter artifici uicturae pollice cerae
accipiunt formas ignemque manumque sequuntur,
talis erat diuae natum mutantis imago.
335 nec luctata diu; superest nam plurimus illi
inuita uirtute decor, fallitque tuentes
ambiguus tenuique latens discrimine sexus.
Procedunt, iterumque monens iterumque fatigans
blanda Thetis: 'Sic ergo gradum, sic ora manusque,
340 nate, feres comitesque modis imitabere fictis,
ne te suspectum molli non misceat aulae
rector et incepti pereant mendacia furti.'
dicit et admoto non cessat comere tactu.
sic ubi uirgineis Hecate lassata Therapnis
345 ad patrem fratremque redit, comes haeret eunti
mater et ipsa umeros exsertaque bracchia uelat;
ipsa arcum pharetrasque locat uestemque latentem
deducit sparsosque tumet componere crines.
Protinus adgreditur regem atque ibi testibus aris

325 A mãe observa-o indeciso e desejoso de se deixar coagir⁸⁶,
e coloca-lhe o vestido; de seguida, amolece o seu rijo pescoço,
baixa os ombros pesados e afrouxa os fortes braços;
ajeita-lhe em boa ordem os cabelos desgrenhados,
e dispõe as suas jóias naquele pescoço amado;
330 com os passos impedidos pela orla bordada do vestido,
ensina-lhe o modo de andar e de se mover, e a discrição ao falar.
Assim como a cera, que receberá vida do polegar
de um artífice, toma forma e obedece à mão e ao fogo,
talera a imagem evocada pela deusa transformando o filho.
335 E não foi preciso grande esforço, pois, apesar da virilidade constrangida,
um grande encanto ainda lhe resta, e o sexo incerto
engana quem olha, escondendo-se numa ligeira diferença.
Eles avançam, e Tétis, delicada, repetidas vezes exorta
e aconselha: «É assim, então, filho, que afectarás o andar, e assim a face
340 e as mãos, e com falsos modos imitarás as companheiras,
para que o mestre, tendo-te por suspeito, não se recuse a incluir-te
na corte feminina, e não caiam por terra as mentiras do arдил iniciado.»
Assim diz, e não cessa de o pentear com mão reconciliadora.
Como Hécate, quando, cansada, retorna da virgínia Terapne
345 para o pai e o irmão, e a mãe lhe presta auxílio no caminho⁸⁷,
e é ela que lhe vela os ombros e os braços descobertos;
é ela que lhe guarda o arco e a aljava, e lhe distende a veste interior,
e se orgulha de lhe recompor os cabelos desmazelados.
De imediato se acerca do rei, e, aí, tendo os altares como testemunhas,

⁸⁶ O oxímoro *cogique volentem* é reminescente de Ov., *Ars am.*, I 666, 700, obra que constitui um dos mais importantes modelos para o episódio de Ciro representado na *Aquileida*.

⁸⁷ Aqui, Hécate é identificada com Diana, pelo que o referido pai é Júpiter, o irmão é Apolo, e a mãe é Latona (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 109).

350 'Hanc tibi' ait 'nostri germanam, rector, Achillis—
nonne uides ut torua genas aequandaque fratri?—
tradimus. arma umeris arcumque animosa petebat
ferre et Amazonio conubia pellere ritu.
sed mihi curarum satis est pro stirpe uirili;
355 haec calathos et sacra ferat, tu frange regendo
indocilem sexuque tene, dum nubilis aetas
soluendusque pudor; neue exercere proteruas
gymnadas aut lustris nemorum concede uagari.
intus ale et similes inter seclude puellas;
360 litore praecipue portuque arcere memento.
uidisti modo uela Phrygum: iam mutua iura
fallere transmissae pelago didicere carinae.'
Accedit dictis pater ingenioque parentis
occultum Aeaciden—quis diuum fraudibus obstet?—
365 accipit; ultro etiam ueneratur supplice dextra
et grates electus agit: nec turba piarum
Scyriadum cessat nimio defigere uisu
uirginis ora nouae, quantum ceruice comisque
emineat quantumque umeros ac pectora fundat.
370 dehinc sociare choros castisque accedere sacris
hortantur ceduntque loco et contingere gaudent.
qualiter Idaliae uolucres, ubi mollia frangunt

350 diz: «Ó soberano, esta rapariga, irmã de meu Aquiles⁸⁸ –
 não vês como é feroz de rosto e semelhante ao irmão? –,
 entrego-a ao teu cuidado. Destemida, desejava carregar aos ombros as armas
 e o arco, e, segundo o costume amazónio, repelir o casamento.
 Mas de inquietações pela prole masculina já eu tenho o bastante:

355 que ela carregue as cestas e os objectos sagrados, e tu, orientando-a,
 verga a sua rebeldia e mantém-na no seu sexo, até que tenha idade
 para casar e possa depor a modéstia; e não permitas que pratique
 violentos exercícios de luta, ou que erre pelas moitas dos bosques⁸⁹.
 Cria-a dentro de portas, e isola-a junto de raparigas semelhantes.

360 Acima de tudo, lembra-te de a maneres afastada da costa e do porto⁹⁰.
 Não há muito tempo viste as velas dos Frígios: já as naus,
 cruzando os mares, aprenderam a violar os direitos recíprocos.»
 O pai assente àquelas palavras e recebe o Eácida, dissimulado
 pela astúcia materna – quem pode opor-se aos ardis

365 dos deuses? Além disso, ainda a reverencia com súplice dextra
 e agradece ter sido escolhido: e o conjunto das pias jovens
 de Ciro não cessa de fixar o olhar persistente no rosto
 da nova donzela, admirando o quanto sobressai com o pescoço
 e os cabelos, e o quanto se estendem os seus ombros e o peito.

370 Em seguida, encorajam-na a juntar-se às danças e a participar nos ritos
 sagrados, cedem-lhe lugar e alegram-se por estarem juntas.
 Assim como as pombas Idálias, quando rasgam as tenras nuvens,

⁸⁸ De acordo com Homero (*Il.*, XVI, 175), Aquiles tinha uma irmã, Polidora, filha de Peleu e de Antígona (filha de Eurítion). No entanto, segundo Ripoll, não é a ela que Tétis se refere, uma vez que deixa claro, no verso I, 354, que se trata de uma filha da sua linhagem (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 204).

⁸⁹ *Gymnas*, -adas designa, segundo Dilke, os treinos das jovens espartanas, e a nudez aí envolvida é o que Tétis tem em mente, na sua advertência a Licomedes (Dilke, O.A.W. (ed.), *Staius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 109). Por sua vez, a referência aos bosques reflecte o receio de que Aquiles se revele numa actividade tradicionalmente masculina, a caça. Tétis tenta, então, prevenir que Aquiles traia o seu sexo pela sua configuração física ou pelo seu comportamento. Ironicamente, é num bosque que a sua biologia será revelada.

⁹⁰ Note-se, ao longo dos versos I, 355-360, a quantidade de imperativos empregues por Tétis (*frange, tene, concede, ale, seclude memento*), que denotam o seu carácter imperioso e a natureza senhoril da sua oratória.

nubila, iam longum caeloque domoque gregatae,
si iunxit pinnas diuersoque hospita tractu
375 uenit auis, cunctae primum mirantur et horrent;
mox propius propiusque uolant, atque aere in ipso
paulatim fecere suam plausuque secundo
circumeunt hilares et ad alta cubilia ducunt.
Digreditur multum cunctata in limine mater,
380 dum repetit monitus arcanaque murmura figit
auribus et tacito dat uerba nouissima uultu.
tunc excepta freto longe ceruice reflexa
abnatat et blandis adfatur litora uotis:
'Cara mihi tellus, magnae cui pignora curae
385 depositumque ingens timido commisimus astu,
sis felix taceasque, precor, quo more tacebat
Creta Rheae; te longus honos aeternaue cingent
templa nec instabili fama superabere Delo,
et uentis et sacra fretis interque uadosas

há muito unidas no céu e em suas casas, se uma ave forasteira
 chega de uma região longínqua e se junta ao seu voo, primeiro,
 375 todas temem e se admiram, mas, em breve, voam
 cada vez mais próximas, e, a pouco e pouco, em pleno ar,
 integram-na como companheira, e com um auspicioso bater de asas
 envolvem-na exultantes e conduzem-na até aos seus altos ninhos.
 Tendo demorado longo tempo na soleira, a mãe retira-se,
 380 enquanto reitera os avisos e sussurra secretas sentenças
 aos seus ouvidos, e seu semblante silente é a derradeira palavra.
 Então, acolhida pelas ondas, nada⁹¹ para longe, voltando
 o rosto para trás, e dirige às praias afáveis preces:
 «Ó terra por mim amada, a quem com tímido dolo confiei
 385 o objeto das minhas maiores aflições, enorme cedência,
 sê-me propícia e guarda silêncio, rogo-te, do mesmo modo que para Reia
 guardou silêncio Creta⁹²: uma honra duradoura e templos eternos
 te envolverão, e nem pela inconstante Delos⁹³ serás superada emrenome⁹⁴;
 serás para ventos e mares sagrada, e, entre as rasas Cíclades⁹⁵,

⁹¹ *Abnata*: hápax.

⁹² Novo exemplo do uso inadequado de *exempla*, por parte de Tétis, e, em geral, da sua retórica autodestrutiva: literalmente, Creta não guardou silêncio para Reia; pelo contrário, de modo a impedir que o filicida Saturno descobrisse o paradeiro do bebé Júpiter, os Curetes/Coribantes abafavam o som do seu choro batendo as suas armas (Callim., *Hymn 1*, 51-53; Ov., *Fast.*, IV, 203-210).

⁹³ Antes donascimento de Apolo, Delos era uma ilha flutuante (cf. Callim., *Hymn 4*, 191ss.; Ov., *Met.*, VI, 191).

⁹⁴ Uma alusão directa ao *Hino Homérico a Apolo*, em que Leto promete a Delos renome, se a ilha consentir que lá nasça Apolo (*Hom.*, *Hymn Ap.*, 51-60). Aqui, no entanto, Tétis dirige a Ciros promessas que não se cumprirão: Ciros não desfrutará de uma fama imorredoura, uma vez que não guardará silêncio acerca dos desígnios da ninfa. Então, ao passo que as profecias de Leto constituem uma etiologia para a glória de Delos, as de Tétis podem ser consideradas, segundo Heslin, uma etiologia para a obscuridade de Ciros (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 134-135).

⁹⁵ Novamente, uma imprecisão geográfica de Estácio: Ciros não pertence às Cíclades, mas às Espórades (além disso, *vadosas*, “superficiais”, não é um adjectivo bem aplicado às Cíclades, pois que o arquipélago não se situa em águas superficiais). É possível que este erro resulte de uma confusão com Siros, uma das Cíclades. Heslin, no entanto, coloca a seguinte hipótese: num universo mitológico em que o local e a importância das ilhas está ainda em negociação, do mesmo modo que Delos conquistou o seu lugar central nas Cíclades, também Ciros pode ter sido relegada para um local remoto, devido ao seu fracasso em cumprir o desígnio de Tétis. Então, Estácio não estaria a incorrer num erro topográfico, ao colocar Ciros entre as Cíclades: naquele remoto tempo mítico, talvez Ciros estivesse, de facto, localizada nesse arquipélago (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 135-136). Por outro lado, acrescentamos que Tétis pode não estar a designar Ciros como uma das Cíclades, mas apenas a mencionar essa possibilidade futura, como forma de aliciar a ilha com uma posição central no Egeu.

390 Cycladas, Aegaeae frangunt ubi saxa procellae,
 Nereidum tranquilla domus iurandaque nautis
 insula; ne solum Danaas admitte carinas,
 ne, precor! "Hic thiasi tantum et nihil utile bellis:"
 hoc famam narrare doce, dumque arma parantur
 395 Dorica et alternum Mauors interfurit orbem,—
 cedo equidem—sit uirgo pii Lycomedis Achilles.'
 Interea meritos ultrix Europa dolores
 dulcibus armorum furiis et supplice regum
 conquestu flammata mouet; quippe ambit Atrides
 400 ille magis, cui nupta domi, facinusque relatu
 asperat Iliacum: captam sine Marte, sine armis
 progeniem caeli Spartaeeque potentis alumnam,
 iura, fidem, superos una calcata rapina.
 hoc foedus Phrygium, haec geminae commercia terrae?
 405 quid maneat populos, ubi tanta iniuria primos
 degrassata duces?—coeunt gens omnis et aetas:
 nec tantum exciti, bimari quos Isthmia uallo
 claustra nec undisonae quos circuit umbo Maleae,
 sed procul, admotas Phrixi qua semita iungi
 410 Europamque Asiamque uetat, quasque ordine gentes
 litore Abydeno maris alligat unda superni.

390 quando as tormentas do Egeu espedaçam os escolhos,
sereno abrigo para as Nereides, e a ilha pela qual juram
os marinheiros; somente não permitas, imploro-te, o acesso
aos navios dánaos! “Aqui, apenas tíasos, e nada de útil para a guerra”⁹⁶:
ensina a Fama a espalhar estas palavras, e, enquanto armas dóricas
395 são prontadas e Mavorte faz desvairar⁹⁷ ambos os continentes (ao que,
certamente, não me oponho), seja Aquiles uma virgem do pio Licomedes.»
Entretanto, a Europa vingadora, inflamada pelo doce furor
das armas e por súplices queixumes de reis, prepara
legítimos sofrimentos; com efeito, angaria apoio mais avidamente
400 aquele dos Atridas cuja esposa está ainda em casa, e no seu relato
agrava o crime de Ílion: arrebatada sem Marte, sem armas,
a descendência do céu⁹⁸, filha da pujante Esparta;
as leis, a lealdade e os deuses, espezinhados numa só rapina.
É este o pacto frígio, este o trato entre os dois continentes?
405 O que espera os povos, quando tamanha injúria recai
sobre os mais altos chefes? Reúnem-se todas as estirpes e idades:
insurgem-se não apenas aqueles que a barreira ístmica encerra com paliçada
de mar dúplice, e que o promontório Málea, de ondas ressoante, cinge⁹⁹,
mas, longe, até onde a senda de Frixo impede o encontro
410 de Europa e Ásia contíguas, também a sucessão de povos
que as águas do mar superior unem com as costas de Abido¹⁰⁰.

Todavia, ainda que não as possamos descartar totalmente, estas hipóteses afiguram-se pouco plausíveis e, como declara Ripoll, o seu principal problema é o facto de não se apoiarem em qualquer substracto lendário conhecido (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 209).

⁹⁶ Note-se a ironia antecipadora: é precisamente num ritual em honra de Baco que se dará a violação de Deidamia, início do desmoronamento do ardid de Tétis.

⁹⁷ *Interfurit*: hápax

⁹⁸ Helena era filha de Júpiter e, como tal, neta de Úrano.

⁹⁹ Isto é, os habitantes do Peloponeso, aqui definido pelos seus limites superior (o istmo de Corinto) e inferior (o cabo Málea).

¹⁰⁰ Os versos I, 409-411 apresentam um passo dúbio, que alguns editores julgaram dever ser corrigido. Ripoll-Soubiran dedicam-lhe um apêndice, em que expõem os motivos para a adopção de uma lição diferente daquela que aqui seguimos: *sed procul amotas, Phrxi qua semita iungi / Europamque Asiamque uetat, quas ordine gentes / litore ab Edono maris alligat unda superni* (que traduzem como “mais des lointains où la voie de Phrixos interdit

feruet amor belli concussasque erigit urbes.
aera domat Temese, quatitur naualibus ora

Ferve o amor à guerra, e incita as cidades alvoroçadas.

Témese subjuga o cobre¹⁰¹, a orla da Eubeia é sacudida

la jonction entre Asie et Europe, on fait venir la succession des peuples que depuis la côte édonienne enchaîne l'eau de la mer supérieure”). A adopção de *amotas* em detrimento de *admotas* resulta da rejeição da construção *admotas... Europamque Asiamque*, que os editores consideram um hipérbato excessivo, em favor da concordância entre *amotas* e *quas gentes* sendo o primeiro aposto do segundo (*sed procul amotas, ... quas gentes*); tal não se nos afigura, no entanto, necessário, pois que uma vírgula depois de *procul* (a qual, curiosamente, não figura na lição que os editores rebatem) permite distanciar os sentidos antitéticos de *procul* e *admotas*.

Em segundo lugar, a rejeição de *quasque* em favor de *quas* é explicada com base na ausência de um outro pronome relativo que justifique a enclítica *-que*; esta lição parece acertada quando contraposta à interpretação de Dilke, que entende em *admotas Phruxi qua semita iungi Europamque Asiamque uetat* uma outra instância na enumeração dos povos convocados, notando, embora baseado num equívoco, que a transição de povos (do Peloponeso, referidos nos versos anteriores) para regiões (o Helesponto) é feita por uma elipse abrupta. No entanto, tal não nos parece ser o caso, e preferimos ver na referida oração um sentido exclusivamente local (*qua... uetat*), que determina a oração que se segue, e não, como Dilke pretende, um valor objectivo a ser construído com *exciti* (I, 407). Aceitamos, então, com Ripoll-Soubiran, que os versos I, 409-411 se referem a um só conjunto de povos, mas, ainda assim rejeitamos a alteração de *quasque* para *quas*, uma vez que, aceitando o valor exclusivamente local de *admotas... uetat*, fica claro que a enclítica *-que* se refere a *quos... quos* (I, 407-408).

Por último, a adopção de *litore ab Edono* é fundamentada com base na falta de sentido a retirar de *litore Abydeno*. Estácio está a referir-se aos povos aliados dos Aqueus e, como tal, a menção a Abido como pertencente a esse grupo não se afigura adequada. O argumento segundo o qual o poeta veria em Abido um enclave avançado dos Gregos não nos parece suficientemente sólido. Editores como Dilke e Méheust tentaram contornar a dificuldade, traduzindo *litore Abydeno* como ablativo instrumental e dativo, respectivamente; no entanto, mesmo nesse caso, mantêm-se o problema da oração anterior, *admotas... uetat*, uma vez que o seu cariz local está restrito à zona do Helesponto, que não conhecia aliados dos Gregos. Shackleton Bailey confessa traduzir este passo de forma mecânica, visto dele não haver sentido coerente a ser retirado. *Litore ab Edono*, a correcção de Ripoll-Soubiran, implica entender *alligat* como “encerra”: Estácio estaria a referir-se à sucessão de povos, a partir dos Edonos (povo trácio), que o mar superior (i.e., o mar da Trácia) encerra. No entanto, esta interpretação também nos parece problemática, por três principais motivos: nenhum povo aliado dos Aqueus residia na Trácia; a oração anterior, *admotas... uetat*, mantém o seu valor local restritivo, o que se afigura contraditório com a referência posterior a *litore ab Edono*; esta lição não tem suporte manuscrito (sobre as dificuldades inerentes a este passo e possíveis soluções, cf. Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 112. Méheust, J. (ed., tr.), *Stace: Achilléide. Texte établi et traduit*. Paris, 1971, pp. 24, 88s. Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, pp. 342-345. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 307-310).

Perante a aparente irresolubilidade destas dificuldades, apresentamos, nesta tradução, uma interpretação ainda não defendida por qualquer editor ou tradutor, embora cientes estejamos da sua possível inexatidão. A nossa solução consiste em entender o *qua* da oração *admotas... uetat* como direccional, “até onde”; *litore Abydeno*, como ablativo instrumental, com Dilke (embora criticável, a defesa deste uso raro do ablativo afigura-se preferível à adopção de uma lição sem qualquer suporte manuscrito); *maris superni* como referente ao mar da Trácia. Assim, o sentido que damos a este passo é: não são convocados apenas os povos do Peloponeso, mas também aqueles que se sucedem desde o extremo sudoeste da Grécia (i.e., desde o Peloponeso) até ao Helesponto, pontos ligados (em sentido nordeste) pelo mar superior, o mar da Trácia, ou, de forma mais lata, o Egeu superior. Esta interpretação permite, assim, englobar a maior parte dos povos aliados dos Aqueus na Guerra de Tróia (em particular, os povos da Ática e da Tessália), embora tenha como pontos fracos as acepções pouco frequentes da palavra *qua* e do caso ablativo, e o facto de atribuir ao poeta um conhecimento geográfico irrealisticamente sofisticado, principalmente atendendo às imprecisões que Estácio comete nesse domínio.

¹⁰¹ Cidade mencionada na *Odisseia* (I, 184), também com referência à produção de cobre. Tratar-se-á de Tâmaso, em Chipre, ou de Témese, cidade costeira na região de Brútio, actual Calábria. Ambas as cidades eram conhecidas pelas suas minas de cobre (Plin., *HN*, XXXIV, 94: *aes Cyprium*; Ov., *Met.*, XV, 707: *Temeseque metalla*).

Eubois, innumera resonant incude Mycenae,
415 Pisa nouat currus, Nemeae dat terga ferarum,
Cirrha sagittiferas certat stipare pharetras,
Lerna grauis clipeos caesis uestire iuuenis.
dat bello pedites Aetolus et asper Acarnan,
Argos agit turmas, uacuantur pascua ditis
420 Arcadiae, frenat celeres Epiros alumnos,
Phocis et Aoniae iaculis rarescitis umbrae,
murorum tormenta Pylos Messenaeque tendunt.
nulla immunis humus; uelluntur postibus altis
arma olim dimissa patrum, flammisque liquescunt
425 dona deum; ereptum superis Mars efferat aurum.
nusquam umbrae ueteres: minor Othrys et ardua sidunt
Taygeta, exuti uiderunt aera montes.
iam natat omne nemus; caeduntur robora classi,
silua minor remis. ferrum lassatur in usus
430 innumeros, quod rostra liget, quod muniat arma,
belligeros quod frenet equos, quod mille catenis
squalentis nectat tunicas, quod sanguine fumet

pelas suas docas¹⁰², Micenas ressoa com inúmeras bigornas,
415 Pisa¹⁰³ renova seus carros, Nemeia fornece o couro das feras¹⁰⁴,
Cirra empenha-se em rechear as aljavas de flechas¹⁰⁵,
Lerna, emrevestir os pesados escudos com o couro de bois imolados¹⁰⁶;
a Etólia e a áspera Acarnânia cedem infantaria para a guerra,
Argos leva esquadrões de cavalaria¹⁰⁷, esvaziam-se os pastos
420 da abundante Arcádia, o Epiro enfreia os seus céleres corcéis¹⁰⁸,
e vós, sombras fócidas e aónias, escasseais para providenciar os dardos¹⁰⁹,
enquanto Pilos e Messena cedem máquinas de guerra¹¹⁰.
Nenhuma terra fica isenta de contributo; armas há muito depositas
pelos antepassados são retiradas das altas ombreiras, e oferendas aos deuses
425 dissolvem-se nas chamas; o ouro arrebatado aos supernos, Marte vota-o a umuso feroz¹¹¹.
Em parte alguma subsistem as antigas sombras: encolhe o Ótris e afunda
o escarpado Taígeto, e as montanhas, agora despidas, contemplam o ar.
Eis que já nada a floresta inteira: para a armada são abatidos carvalhos;
para os remos, árvores menores. O ferro é fatigado em usos infindos:
430 para unir os esporões aos navios, para fortificar as armas,
para enfrear os cavalos de batalha, para tecer crespas túnicas
com mil correntes, para fumegar de sangue e absorver

Provavelmente, Estácio refere-se a Tâmaso, uma vez que todas as outras cidades mencionadas são localizadas na Grécia continental ou insular, e nenhuma na Magna Grécia.

¹⁰² Possível referência a Áulide.

¹⁰³ Cidade na região da Élide, a leste de Olímpia.

¹⁰⁴ Referência ao leão de Nemeia, morto por Hércules.

¹⁰⁵ Cidade da Fócida, associada a flechas, possivelmente, devido à sua ligação a Apolo.

¹⁰⁶ De acordo com Dilke, a única forma de retirar sentido de uma associação entre Lerna (cidade a sul de Argos) e a produção de escudos ou gado é entender uma metonímia por toda a região da Argólida, que era conhecida pela sua abundância de rebanhos. No entanto, a referência directa a Argos, em I, 419, torna esta hipótese pouco provável (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 113).

¹⁰⁷ Argos era conhecida pela sua criação de cavalos, já mencionada na *Ilíada* (II, 287).

¹⁰⁸ Também a região do Epiro era renomada pela produção de cavalos (Verg., *G.*, I, 57).

¹⁰⁹ Isto é, as árvores da Fócida e da Aónia são utilizadas para fabricar as lanças.

¹¹⁰ Segundo Dilke, a ligação entre máquinas de guerra e a região da Messénia pode constituir uma alusão ao cerco do monte Itome, levada a cabo pelos Espartanos, auxiliados pelos Atenienses, com recurso a máquinas de guerra (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 113).

¹¹¹ Isto é, os metais preciosos outrora depositados nos templos são agora fundidos e transformados em armas.

uulneraque alta bibat, quod conspirante ueneno
inpellat mortes; tenuant umentia saxa
435 attritu et pigris addunt mucronibus iras.
nec modus aut arcus lentare aut fundere glandes
aut torrere sudes galeasque attollere conis.
hos inter motus pigram gemit una quietem
Thessalia et geminis incusat fata querellis,
440 quod senior Peleus nec adhuc maturus Achilles.
Iam Pelopis terras Graiumque exhauserat orbem
praecipitans in transtra uiros insanus equosque
Bellipotens. feruent portus et operta carinis
stagna suasque hiemes classis promota suosque
445 attollit fluctus; ipsum iam puppibus aequor
deficit et totos consumunt carbasa uentos.
Prima ratis Danaas Hecateia congregat Aulis,
rupibus expositis longique crepidine dorsi
Euboicum scandens Aulis mare, litora multum
450 montiuagae dilecta deae, iuxtaque Caphereus
latratum pelago tollens caput. ille Pelasgas
ut uidit tranare rates, ter monte ter undis
intonuit saeuaeque dedit praesagia noctis.
coetus ibi armorum Troiae fatalis, ibi ingens
455 iuratur bellum, donec sol annuus omnes
conficeret metas. tunc primum Graecia uires

as feridas profundas, para provocar a morte
empacto como veneno; húmidas pedras afiam-no
435 pela fricção, e infundem ira nas pontas rombas.
Não há termo para o vergar de arcos¹¹² e o fundir de projecteis,
para o abrasar de dardos¹¹³ e o elevar dos elmos com cimeiras.
Entre todos estes afãs, apenas a Tessália lamenta
seu indolente repouso, e censura os Fados comdupla increpação:
440 Peleu já é velho e Aquiles ainda não está maduro.
Já o Belipotente Marte havia esvaziado as terras de Pélops
e todo o orbe Grego, arrojando, insano, homens e cavalos
para o convés das naus. Agitam-se os portos e os mares cobertos
de quilhas, e a armada, ao avançar, ergue as suas próprias vagas
445 e tempestades. Agora o próprio mar torna-se escasso
para os navios, e as velas devoram os ventos por inteiro.
É Áulide, consagrada a Hécate, a primeira a reunir as embarcações dos Dánaos,
Áulide, que se eleva sobre o mar da Eubeia com seus protuberantes rochedos
e cumeada em longa crista, costas sobremodo caras à deusa
450 que vagueia pelos montes¹¹⁴, e contíguas ao Cafereu¹¹⁵,
que ergue a cabeça contra a qual late o mar. Quando ele viu
passar as naus pelasgas, por três vezes fez ressoar o monte,
por três vezes o mar, e deu presságios à noite cruel.
Aí se reuniram as armas fatais a Tróia; aí uma guerra imensa
455 é decretada sob juramento, até que o Sol de umano complete
o seu percurso¹¹⁶. Então, pela primeira vez, os Gregos contemplaram

¹¹² Aqui, *lentare*, lit. “curvar”, “vergar”, deve referir-se à produção de arcos, e não à sua utilização.

¹¹³ Isto é, para o endurecer das hastes das lanças, por meio do fogo.

¹¹⁴ *Montiuaga*, epíteto de Hécate.

¹¹⁵ Cabo na extremidade sul da Eubeia.

¹¹⁶ Duas interpretações são possíveis: a) a congregação em Áulide terá a duração de um ano, o que parece ser uma invenção de Estácio com vista a salvaguardar a coerência narrativa, uma vez que, entre a violação de Deidamia e o nascimento de Neoptólemo, que acontecerá antes da chegada de Ulisses a Círos, pelo menos nove meses teriam de ter passado; b) o exército jura participar na guerra durante um ano (*sic* Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, p. 347).

contemplata suas; tunc sparsa ac dissona moles
in corpus uultumque coit et rege sub uno
disposita est. sic curua feras indago latentes
460 claudit et admotis paulatim cassibus artat.
illae ignem sonitumque pauent diffusaque linquunt
auiam miranturque suum decrescere montem,
donec in angustam ceciderunt undique uallem;
inque uicem stupuere greges socioque timore
465 mansuescunt: simul hirtus aper, simul ursa lupusque
cogitur et captos contempsit cerua leones.
Sed quamquam et gemini pariter sua bella capessant
Atridae famamque auida uirtute paternam
Tydides Sthenelusque premant, nec cogitet annos
470 Antilochus septemque Ajax umbone coruscet
armenti reges atque aequum moenibus orbem,
consiliisque armisque uigil contendat Ulixes:
omnis in absentem belli manus ardet Achillem,
nomen Achillis amat et in Hectora solus Achilles
475 poscitur; illum unum Teucris Priamoque loquuntur
fatalem. quis enim Haemoniis sub uallibus alter
creuerit effossa reptans niue? cuius adortus

as suas forças; então, aquela massa esparsa e dissonante¹¹⁷
forma um só corpo, um só rosto, e é posta sob o comando
de um único senhor. Do mesmo modo a rede arqueada cerca as feras escondidas,
460 e, fechando-se paulatinamente, confina-as a um espaço exíguo;
aterroriza-as o fogo e o alarido¹¹⁸; abandonam os seus vastos retiros
e espantam-se ao ver o seu monte diminuído, até que,
de todos os lados, vêm cair num estreito vale;
assim reunidos, os animais pasmam à vez, e um terror comum
465 amansa-os; ao mesmo tempo são compelidos o hirsuto javali,
a urso e o lobo, e a cervo desdenha os leões capturados¹¹⁹.
Mas ainda que os dois Atridas se encarreguem da guerra
como igualmente sua, e que Esténelo e o Tidida persigam
com insaciável bravura o renome paterno¹²⁰, e que Antíloco não considere
470 a sua tenra idade¹²¹, e que Ájax, com seu escudo, faça resplandecer
sete chefes de manada, num círculo igual ao de uma muralha,
e que se junte à contenda Ulisses, diligente em armas e em conselho,
todo o corpo de guerreiros arde por Aquiles ausente:
o nome de Aquiles seus corações clamam, e contra Heitor apenas Aquiles
475 é invocado; apenas a ele se referem como fatal aos Teucros
e a Príamo. Com efeito, quem, para além dele, crescera
sob os vales Hemónios, gatinhando por entre a neve sulcada? Quem teve

¹¹⁷ Devido aos diferentes dialectos dos povos helénicos. Na *Iliada*, também se refere que no exército troiano se falam diferentes dialectos (II, 804; IV, 437-438).

¹¹⁸ Pode-se entender *ignis* de duas formas: a) as tochas usadas pelos caçadores; b) os incêndios florestais ateados pelos homens, método de caça primitivo, mencionado por Lucrécio (V, 1249). Quanto a *sonitus*, deverá referir-se aos gritos dos caçadores, como em Verg., *G.*, III, 413 (cf. Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 116).

¹¹⁹ Como nota Ripoll, este símile parece algo gratuito. Os diferentes povos helénicos são comparados às diferentes espécies de animais, mas, no que diz respeito à caça e à fuga, a relação entre comparante e comparado não é clara (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 217). Talvez a ideia pretendida pelo autor seja a de um perigo comum: tal como os animais, aterrorizados pela acção humana, renunciam à sua habitual hostilidade recíproca por medo de uma ameaça colectiva, assim também os Gregos se juntam, não obstante eventuais diferenças e inimizades, para combater um perigo comum, Tróia.

¹²⁰ Esténelo era filho de Capaneu; Diomedes, filho de Tideu.

¹²¹ Na *Iliada*, Antíloco, filho de Nestor, é referido como o mais novo dos Aqueus (XV, 569).

cruda rudimenta et teneros formauerit annos
Centaurus? patrii propior cui linea caeli,
480 quemue alium Stygios tulerit secreta per amnes
Nereis et pulchros ferro praestruxerit artus?
haec Graiae castris iterant traduntque cohortes.
cedit turba ducum uincique haud maesta fatetur.
sic cum pallentes Phlegraea in castra coirent
485 caelicolae iamque Odrysiam Graduius in hastam
surgeret et Libycos Tritonia tolleret angues
ingentemque manu curuaret Delius arcum,
stabat anhela metu solum Natura Tonantem
respiciens, quando ille hiemes tonitrusque uocaret
490 nubibus, igniferam quot fulmina posceret Aetnen.
Atque ibi dum mixta uallati plebe suorum
et maris et belli consultant tempora reges,
inreptans magno uatem Calchanta tumultu
Protesilaus ait—namque huic bellare cupido
495 praecipua et primae iam tunc data gloria mortis—:
'O nimium Phoebi tripodumque oblite tuorum
Thestoride, quando ora deo possessa mouebis
iustius aut quaenam Parcarum occulta recludes?

seus verdes rudimentos dirigidos, e os tenros anos modelados,
pelo Centauro? Quem é de linhagem mais próxima ao céu ancestral,
480 e que outro terá uma Nereide levado em segredo pelas torrentes
Estígias, e tornado os belos membros invulneráveis ao ferro¹²²?
Estas coisas dizem e repetem as coortes gregas, nos seus arraiais.
Cede o conjunto de generais, e sem desalento admite a derrota.
Assim também¹²³, quando os deuses se reuniram apreensivos
485 nos campos de Flegra¹²⁴, e já Gradivo se erguia à altura
da lança odrísia¹²⁵, e a Tritónia brandia serpentes líbias¹²⁶,
e com a mão vergava o Délio seu ingente arco, e a Natureza,
arquejante de medo, permanecia imóvel, de olhos cravados
unicamente no Tonante: quando invocaria das nuvens
490 tempestades e trovões, quantos raios exigiria ao ardente Etna¹²⁷?
Aí, enquanto os reis, rodeados pela turba indistinta dos seus homens,
debatem sobre o tempo para a guerra e para a navegação,
Protesilau toma a palavra, admoestando com grande comoção
o profeta Calcas – com efeito, havia nele um especial desejo
495 de combater, e já então lhe fora concedida a glória da primeira morte –:
«Ó filho de Testor, demasiado esquecido de Febo
e das tuas trípodes, quando moverás mais justamente os lábios
possuídos pelo deus, ou que segredos das Parcas revelarás¹²⁸?

¹²² Terceira e última referência à submersão de Aquiles no Estige, a mais explícita.

¹²³ Os versos I, 484-490 apresentam um símile que compara os chefes aqueus aos deuses olímpicos. A antecipação da acção de Aquiles é comparada à da acção de Júpiter, na Gigantomaquia, o que serve, em parte, para retomar o tema, presente ao longo de toda a obra, da quase divindade de Aquiles, a quem foi arrebatada a descendência de Júpiter.

¹²⁴ Península na Macedónia, local tradicional da vitória dos Olímpicos sobre os Gigantes.

¹²⁵ Isto é, da lança trácia, por metonímia, região associada a Marte (Gradivo).

¹²⁶ Isto é, a égide de Minerva, em que figurava a cabeça de uma das Górgonas.

¹²⁷ Acreditava-se que os raios de Júpiter provinham do Etna, local de residência dos Ciclopes, assistentes de Vulcano.

¹²⁸ Mantemos a *lectio facilior* defendida por Dilke: *quianam...occulta recludes?* (“que segredos revelarás?”). A adopção de *quianam* resulta de duas interpretações possíveis: Méheust e Rosati atribuem a *quianam...recludes* o sentido de “o que é preciso para revelares?”; Shackleton Bailey entende que *recludes* significa “esconder” (sentido raro, embora atestado), e traduz por “why will you hide?”; Soubiran, por sua vez, ainda que adopte a lição *quianam*, omite da tradução deste passo qualquer pronome ou advérbio interrogativo. Consideramos pouco plausível a

cernis ut ignotum cuncti stupeantque fremantque
500 Aeaciden? sordet uolgo Calydonius heros
et magno genitus Telamone Aiaxque secundus;
nos quoque—sed Mauors et Troia arrepta probabunt.
illum neglectis—pudet heu!—ductoribus omnes
belligerum ceu numen amant. dic ocius: aut cur
505 certa comis et multus honos? quibus abditus oris
quaue iubes tellure peti? nam fama nec antris
Chironis patria nec degere Peleos aula.
heia, inrumpe deos et fata latentia uexa,
laurigerosque ignes, si quando, auidissimus hauri!
510 arma horrenda tibi saeuosque remisimus enses,
numquam has inbelles galea uiolabere uittas,
sed felix numeroque ducum praestantior omni,
si magnum Danais pro te dependis Achillem.'
Iamdudum trepido circumfert lumina motu
515 intrantemque deum primo pallore fatetur
Thestorides; mox igne genas et sanguine torquens

Não vês como todos admiram e reclamam o desconhecido
 500 filho de Éaco? Não agrada ao vulgo o herói de Cálidon¹²⁹
 e o grande filho de Télamon e o segundo Ájax;
 nem, tão-pouco, eu – mas Mavorte e Tróia subjugada servirão de prova¹³⁰.
 Desprezando os generais – ah, vergonha! – todos o adoram,
 como a um nume de guerra. Apressa-te a falar: se não,
 505 porquê a grinalda nos cabelos e tantas honras? Em que costas se esconde,
 em que terras ordenas que seja procurado? Pois diz-se que não vive
 nos antros de Quíron, nem no pátrio palácio de Peleu.
 Vamos! Lança-te aos deuses e agita os fados latentes,
 absorve a chama laurígera mais insaciável do que nunca!
 510 Afastámos de ti armas horrendas e espadas cruéis,
 nunca um elmo profanará estas tuas faixas pacíficas,
 mas feliz serás, e o mais notável entre toda a classe dos chefes,
 se, em teu lugar, entregares aos Dánaos o grande Aquiles¹³¹.»
 Já antes o filho de Testor começara a voltear o olhar
 515 em frenética moção, e com o primeiro palor revela
 o deus penetrante¹³²; de imediato, revolvendo os olhos plenos de sangue e fogo,

interpretação de Méheust e Rosati, uma vez que acreditamos que o sentido de *quianam...recludes* não seria outro que não “porque nos revelarás?”. Quanto a Shackleton Bailey, Dilke relembra que o sentido que atribui a *recludere* tem apenas um exemplo em toda a obra de Estácio (*Silv.*, III, 4, 98, o qual pode ser corrupto), tendo, em todos os outros casos, o sentido de “revelar”. A isto acresce que o arcaísmo *quianam* não tem precedente na obra do poeta (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 116).

¹²⁹ Diomedes, cujo avô, Eneu, era rei de Cálidon, cidade da Etólia.

¹³⁰ Esta fala de Protesilau é envolta em ironia, uma vez que (conforme denuncia a etimologia do seu nome, *πρῶτος*, “o primeiro”) o herói será o primeiro a morrer em Tróia, às mãos de Heitor, não podendo, por conseguinte, mostrar o seu valor na guerra.

¹³¹ Segundo Ripoll, Estácio apoia-se na tradição grega, ao representar o vate como isento dos combates; no entanto, apoia-se, também, na tradição épica latina, em que a figura do sacerdote-guerreiro se tornara banal, ao representar essa isenção atribuída a Calcas como um favor individual e excepcional, recompensa para a descoberta de Aquiles (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 223-224).

¹³² Inicia-se a representação do furor profético de Calcas, uma das cenas mais elogiadas pelos críticos da *Aquileida*. Tendo por modelos a Sibila da *Eneida* (VI, 45ss.), a Cassandra de Séneca (*Agamemnon*, 720-774), a matrona romana de Lucano (I, 678-694), o Mopso de Valério Flaco (I, 211-226), Estácio está, aqui, a abordar um tema predilecto da épica e da tragédia, mas, como se verá, vai despojá-lo de qualquer conteúdo trágico ou patético, e ao início dramático e hiperbólico seguir-se-á a desdramatização do seu desfecho, em que são revelados o esconderijo e as acções de Aquiles, particularmente risíveis, atendendo à solenidade do momento.

nec socios nec castra uidet, sed caecus et absens
nunc superum magnos deprendit in aethere coetus,
nunc sagas adfatur aues, nunc dura sororum
520 licia, turiferas modo consulit anxius aras
flammarumque apicem rapit et caligine sacra
pascitur. exsiliunt crines rigidisque laborat
uitta comis, nec colla loco nec in ordine gressus.
tandem fessa tremens longis mugitibus ora
525 soluit, et oppositum uox eluctata furorem est:
'Quo rapis ingentem magni Chironis alumnum
femineis, Nerei, dolis? huc mitte: quid aufers?
non patiar: meus iste, meus. tu diua profundi?
et me Phoebus agit. latebris quibus abdere temptas
530 euersorem Asiae? uideo per Cycladas altas
attonitam et turpi quaerentem litora furto.
occidimus: placuit Lycomedis conscia tellus.
o scelus! en fluxae ueniunt in pectora uestes.
scinde, puer, scinde et timidae ne cede parenti.
535 ei mihi raptus abit! quaenam haec procul improba uirgo?'
Hic nutante gradu stetit amissisque furoris
uiribus ante ipsas tremefactus conruit aras.
tunc haerentem Ithacum Calydonius occupat heros:
'Nos uocat iste labor: neque enim comes ire recusem,
540 si tua cura trahat. licet ille sonantibus antris

não mais vê os companheiros e os arraiais, mas, cego e ausente,
 ora surpreende, nos céus, o sublime consílio dos supernos,
 ora interpela as aves proféticas, ora os austeros fios
 520 das irmãs, ora consulta ansiosamente turíferos altares,
 capta as pontas das chamas¹³³ e nutre-se de sacros
 vapores¹³⁴. Eriçam-se os cabelos, e a faixa estremece
 nos rígidos fios; o pescoço fica distorcido, os passos desordenados.
 Por fim, tremendo, relaxa os lábios extenuados por longos gemidos,
 525 e a voz triunfa sobre o delírio que se lhe opunha:
 «Para onde levas, ó Nereide, comdolos femininos, o formidável discípulo
 do ilustre Quíron? Manda-o para aqui: porque o afastas?
 Não o permitirei: ele é meu, meu¹³⁵! Tu és deusa das profundezas?
 Também a mim Febo inspira. Emque esconderijo tentas ocultar
 530 o destruidor da Ásia? Vejo-te percorrer as altas Cíclades,
 angustiada e procurando um areal para o abjecto ardil.
 Estamos perdidos: aprouve-lhe como cúmplice a terra de Licomedes.
 Oh, desgraça! Eis que frouxas vestes cobrem o seu peito.
 Rasga-as, rapaz, rasga-as, e não cedas perante tua receosa mãe!
 535 Ai, que ele se afasta, arrebatado! Quemé aquela jovem impudente, ali ao longe?»
 Aqui, compasso cambaleante, estacou, e, perdidas as forças
 do êxtase, desaba trémulo diante dos próprios altares.
 Então, o herói de Cálidon dirige-se ao Ítaco hesitante:
 «Esta missão convoca-nos: pois certamente não me recusarei a acompanhar-te,
 540 se a tua diligência a isso te incitar¹³⁶. Ainda que ele esteja retido

¹³³ A piromancia era a adivinhação pelo movimento do fogo.

¹³⁴ *Caligine sacra pascitur*: se o verbo *pascitur* for tomado literalmente, Calcas está a inebriar-se com a inalação de vapores sagrados; se o entendermos metaforicamente, o vate está a captar mentalmente a cor e o movimento do fumo – capnomancia.

¹³⁵ *Meus iste, meus*: cf. Stat., *Silv.*, V, 69 (*meus ille, meus*), em que Estácio reclama a paternidade do seu jovem escravo. Também aqui Calcas está, de certa forma, a reclamar o papel paterno em relação a Aquiles.

¹³⁶ Ou, em alternativa, “se a tua diligência me convocar”. Ainda que o papel central na missão seja atribuído a Ulisses, entendemos que esta alternativa coloca Diomedes numa posição sobremodo subserviente, em desarmonia, portanto, com a representação homérica da dupla.

Tethyos auersae gremioque prematur aquosi
Nereos, inuenies. tu tantum prouidus astu
tende animum uigilem fecundumque erige pectus:
non mihi quis uatum dubiis in casibus ausit
545 fata uidere prior.' subicit gauisus Ulixes:
'Sic deus omnipotens firmet, sic adnuat illa
uirgo paterna tibi! sed me spes lubrica tardat:
grande quidem armatum castris inducere Achillem,
sed si fata negent, quam foedum ac triste reuerti!
550 uota tamen Danaum non intemptata relinquam.
iamque adeo aut aderit mecum Peleius heros,
aut uerum penitus latet et sine Apolline Calchas.'
Conclamant Danai stimulatque Agamemno uolentes.
laxantur coetus resolutaque murmure laeto
555 agmina discedunt, quales iam nocte propinqua
e pastu referuntur aues, uel in antra reuerti
melle nouo grauidas mitis uidet Hybla cateruas.
nec mora, iam dextras Ithacesia carbasus auras
poscit, et in remis hilaris sedere iuuentus.
560 At procul occultum falsi sub imagine sexus
Aeaciden furto iam nouerat una latenti
Deidamia uirum; sed opertae conscia culpae
cuncta pauet tacitasque putat sentire sorores.
namque ut uirgineo stetit in grege durus Achilles

nos ressoantes recessos da distante Tétis¹³⁷, ou no regaço
 do aquoso Nereu, tu encontrá-lo-ás. Tu, com astúcia providente,
 empenha apenas o teu espírito atento, e desperta a tua mente fértil:
 não creio que algum vate ouse, em casos dúbios,
 545 perscrutar os Fados antes de ti.» Exultante, Ulisses acrescenta:
 «Assim determine o deus onnipotente, assim te consinta
 a virgem protectora de teu pai¹³⁸! Mas uma esperança incerta faz-me hesitar:
 é, com efeito, um grande empreendimento trazer ao acampamento Aquiles em armas,
 mas, se os Fados o negarem, quão sombrio e vergonhoso será regressar!
 550 No entanto, não deixarei desprovidos de tentativa os votos dos Dánaos.
 Agora, seguramente, ou virá comigo o herói filho de Peleu,
 ou a verdade se esconde mais fundo, e Calcas não tem Apolo.»
 Conclamam os Dánaos, e Agamémnon encoraja a dupla empenhada.
 A aglomeração separa-se, e os esquadrões dispersos afastam-se
 555 com alegre burburinho, assim como as aves, já iminente
 o cair da noite, retornam do pasto, ou como o ameno Hibla¹³⁹
 vê regressarem ao lar os enxames pejados de fresco mel.
 Sem demora, eis que a vela itacense já exige
 brisas propícias, e a juventude exultante senta-se aos remos.
 560 Mas, longe¹⁴⁰, já Deidamia – e ela apenas – reconhecera, em virtude
 de um amor furtivo¹⁴¹, o Eácida como homem, oculto sob a aparência
 de um sexo enganoso. Mas, ciente da sua culpa secreta,
 tudo teme, e julga que as irmãs silenciosas se apercebem.
 Comefeito, quando na turma virginal se instalou o duro Aquiles,

¹³⁷ *Tethys*.

¹³⁸ Atena, que, na *Ilíada*, é protectora de Diomedes, e, na *Tebaida*, de Tideu (II, 684-690)

¹³⁹ Monte da Sicília, afamado pelo mel das suas abelhas.

¹⁴⁰ O verso I, 560 marca o regresso ao plano narrativo principal, terminada a primeira secção bélica. Os versos I, 560-563 fazem a transição entre as duas secções, e situam a narrativa de modo a acomodar a analepse que será introduzida em I, 564. Todo este passo (I, 560-591) está envolvido por uma atmosfera ovidiana e elegíaca, e, atendendo ao momento de sedução que é aqui narrado, é a *Ars amatoria* que sobressai enquanto principal intertexto.

¹⁴¹ *Furtum* é um vocábulo pertencente à poesia erótica, que designa um amor clandestino (cf. Catull., LXVIII, 136; Tib., I, 2, 36; Prop. II, 30, 28).

565 exsoluitque rudem genetrix digressa pudorem,
protinus elegit comitem, quamquam omnis in illum
turba coit, blandeque nouas nil tale timenti
admouet insidias: illam sequiturque premitque
improbis, illam oculis iterumque iterumque resumit.

570 nunc nimius lateri non euitantis inhaeret,
nunc leuibis sertis, lapsis nunc sponte canistris,
nunc thyrsos parcente ferit, modo dulcia notae
fila lyrae tenuesque modos et carmina monstrat
Chironis ducitque manum digitosque sonanti

575 infringit citharae, nunc occupat ora canentis
et ligat amplexus et mille per oscula laudat.
illa libens discit, quo uertice Pelion, et quis
Aeacides, puerique auditum nomen et actus
adsidue stupet et praesentem cantat Achillem.

580 ipsa quoque et ualidos proferre modestius artus
et tenuare rudes attrito pollice lanas
demonstrat reficitque colos et perdita dura
pensa manu; uocisque sonum pondusque tenentis,

565 e a partida da mãe o fez descurar a sua grosseira modéstia,
de imediato a escolheu para sua companheira, ainda que todo o grupo
dele se acercasse, e galanteadoramente lhe prepara singulares ardis,
sem que ela tema algo de semelhante: segue-a e cerca-a¹⁴²,
impudente, e incessantemente a reveste com seu olhar.

570 Ora se agarra em demasia ao seu flanco, sem que ela o evite¹⁴³,
ora a atinge com as leves grinaldas, ora com cestos que escorregam
de propósito, ora com tirsos inofensivos, ora lhe mostra as doces cordas
da lira costumeira, os ritmos subtis e as canções de Quíron,
e guia sua mão, e impele seus dedos contra a cítara sonante¹⁴⁴,

575 ora se apodera dos seus lábios, enquanto ela canta,
e a entrelaça com os braços, e a elogia com mil beijos¹⁴⁵.
Ela aprende com deleite o quão alto é o Pélion e quem é
o Eácida, e espanta-se uma e outra vez, ao ouvir o nome
e os feitos do rapaz, e canta Aquiles diante do próprio¹⁴⁶.

580 Também ela o ensina, quer a mover mais discretamente
os possantes membros quer a fiar a lã bruta como movimento
do polegar, e restabelece-lhe a roca e as meadas estragadas
pela mão austera¹⁴⁷; admira-se perante o somda sua voz e o peso

¹⁴² Segundo Ripoll, os versos, I, 567-568 testemunham uma metáfora cinegética evocando a natureza “predatória” de Aquiles (acentuada por *in grege*, em I, 564). As expressões *admouet insidias* e *sequiturque premitque* sugerem uma correlação entre a caça e a sedução, já explorada por Propércio (III, 25, 5-6). (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 229).

¹⁴³ Aquiles segue, aqui, ensinamentos do *praeceptor amoris* ovidiano (Ov., *Ars Am.*, I, 140, 494). Ao longo dos versos I, 570-576, a estratégia adoptada por Aquiles é aquela que Ovídio enfatiza: a procura, sob qualquer pretexto, de contacto físico.

¹⁴⁴ As representações de Aquiles em Círos contemplam ocasiões em que o herói toca a lira entre as filhas de Licomedes, mas a ideia, aqui representada, de uma espécie de lição privada a Deidamia, pode ser uma invenção de Estácio, embora subordinada ao momento narrativo presente, em que é a sedução ovidiana o ponto central.

¹⁴⁵ O beijo ambíguo é um *topos* erótico muito explorado por Ovídio (*Met.*, II, 430; XIV, 658). A troca de afectos eróticos sob a aparência de fraternidade encontra ecos em *Met.*, IX, 458-459. Por sua vez, a hipérbole *mille oscula* remonta ao quinto *carmen* de Catulo (7-9) (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 230).

¹⁴⁶ Ecos de Ov., *Met.*, XIV, 678ss., em que também encontramos uma jovem escutando um sedutor fazer o seu próprio elogio, sob uma identidade falsa.

¹⁴⁷ Cf. Ov., *Her.*, IX, 77-80; Prop., IV, 9, 50, representações de Hércules junto de Ônfale, executando tarefas femininas com as suas mãos másculas.

quodque fugit comites, nimio quod lumine sese
585 figat et in uerbis intempestiuus anhelet,
miratur; iam iamque dolos aperire parantem
uirginea leuitate fugit prohibetque fateri.
sic sub matre Rhea iuuenis regnator Olympi
oscula securae dabat insidiosa sorori
590 frater adhuc, medii donec reuerentia cessit
sanguinis et uersos germana expauit amores.
[tandem detecti timidae Nereidos astus.]
Lucus Agenorei sublimis ad orgia Bacchi
stabat et admissum caelo nemus; huius in umbra
595 alternam renouare piae trieterida matres
consuerant scissumque pecus terraque reuulsas
ferre trabes gratosque deo praestare furores.

do seu abraço e – o que escapa às companheiras ¹⁴⁸– que a fite
585 desmesuradamente e que suspire despropositadamente a meio
das suas palavras; assim que ele está prestes a revelar o ardil,
ela foge-lhe com leveza virginal, e impede-o de confessar.
Do mesmo modo, sob a mãe Reia, o jovem soberano do Olimpo
dava beijos insidiosos à serena irmã, ele que, então,
590 era apenas seu irmão, até que a deferência pelo sangue partilhado
se desvaneceu, e a irmã temeu outro tipo de amor¹⁴⁹.

[Por fim foram descobertos os dolos da receosa Nereide.]¹⁵⁰

Erguia-se proeminente um bosque para os mistérios do agenóreo¹⁵¹ Baco,
uma floresta que ascendia aos céus¹⁵²: à sua sombra,
595 as pias matronas usavam celebrar, emanos alternados¹⁵³,
os ritos do deus, e levar gado lacerado e árvores
da terra extirpadas¹⁵⁴, e oferecer delírios aprazíveis ao deus.

¹⁴⁸ Soubiran adopta a lição *quodque fuget comites* (“e que fuja das companheiras”), entendendo esta oração como completiva, objecto de *miratur*, isto é, da admiração de Deidamia, a par da voz e da força de Aquiles. Embora esta interpretação também seja adequada, preferimos a de Dilke, que vê em *quodque fugit comites* uma oração parentética, uma vez que tal enfatiza a dimensão subjectiva do momento narrado. Shackleton Bailey contesta esta interpretação, questionando o porquê de o pormenor que se segue escapar às companheiras (Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, pp. 356s.). Evidentemente, o carácter unidireccional do olhar torna-o exclusivo a duas partes: as companheiras não poderiam aperceber-se de olhares mútuos em que não estão envolvidas.

¹⁴⁹ Um símile a enfatizar, novamente, o tema ovidiano do beijo ambíguo sob a aparência de fraternidade. Aqui, a comparação com Júpiter serve, também, para recordar a quase-filiação de Aquiles ao deus.

¹⁵⁰ Dilke afirma que este verso pode ser uma síntese interpolada, baseada no verso I, 385 (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 123). Shackleton Bailey entende-o como uma introdução autêntica à narrativa subsequente (Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, p. 357).

¹⁵¹ Baco era filho de Sémele, filha de Cadmo, filho de Agenor.

¹⁵² O verso I, 593 introduz outra inovação de Estácio: ao passo que Bón e Ovídio colocam a cena da violação de Deidamia num quarto, o nosso poeta insere-a numa cerimónia em honra de Baco. Entre os motivos para esta alteração, encontramos, certamente, a preocupação com a temática dionisíaca, a vontade de criar uma dupla transgressão (a violação de Deidamia, a par da violação da exclusividade feminina do culto menádico) e o enquadramento da cena da revelação de Aquiles num contexto iniciático (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 232-233. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, caps. V-VI).

¹⁵³ Uma trietéride é um período de três anos, mas, atendendo a que a contagem grega dos anos era inclusiva (isto é, tinha início no ano presente), Estácio deve referir-se, aqui, a um festival que tem lugar de dois em dois anos, donde *alternam*. Ainda assim, este termo também era utilizado, entre os Romanos, para designar festivais que ocorriam de três em três anos (Stat., *Silv.*, II, 6, 72; Verg., *Aen.*, IV, 301ss.; Ov., *Met.*, VI, 587).

¹⁵⁴ Elementos tópicos dos rituais dionisíacos: o *σπαργμός* e o arranque de árvores (cf. Eur., *Bacch.*, 734ss., 1103-1104). Segundo Heslin, Estácio constrói uma amálgama de duas imagens dos ritos báquicos: o menadismo grego,

lex procul ire mares; iterat praecepta uerendus
ductor, inaccessumque uiris edicitur antrum.
600 nec satis est: stat fine dato metuenda sacerdos
exploratque aditus, ne quis temerator oberret
agmine femineo: tacitus sibi risit Achilles.
illum uirgineae ducentem signa cateruae
magnaque difficili soluentem bracchia motu—
605 et sexus pariter decet et mendacia matris—
mirantur comites. nec iam pulcherrima turbae
Deidamia suae tantumque admota superbo
uincitur Aeacidae, quantum premit ipsa sorores.
ut uero e tereti demisit nebrida collo
610 errantesque sinus hedera collegit et alte
cinxit purpureis flauentia tempora uittis
uibrauitque graui redimitum missile dextra,
attonito stat turba metu sacrisque relictis
illum ambire libet pronosque attollere uultus.
615 talis, ubi ad Thebas uultumque animumque remisit
Euhius et patrio satiauit pectora luxu,
serta comis mitramque leuat thyrsusque uirentem

É lei que os homens se mantenham longe; o venerável soberano
reitera os preceitos, e declara o local vedado aos varões.

600 E tal não basta: no limite demarcado, está uma temível sacerdotisa
observando os acessos, para que nenhum transgressor se acerque
da marcha feminina¹⁵⁵. Em silêncio, Aquiles riu para consigo¹⁵⁶.
As companheiras admiram-no, conduzindo a insígnia
da turma virginal e estendendo com movimentos desajeitados

605 os braços robustos – são-lhe igualmente adequados o seu próprio sexo
e as invenções de sua mãe. Já não é Deidamia a mais bela
do seu grupo, e quanto a própria eclipsa as irmãs,
outro tanto é superada quando comparada ao altivo Eácida.
Mas quando ele retirou a nébride do pescoço delicado

610 e as pregas ondulantes com hera atou e, ao alto,
cingiu as fulvas têmporas com faixas purpúreas
e brandiu o tirso ornado com pesada dextra,
então o grupo estacou, paralisado pelo medo, e, abandonado o culto,
aprouve-lhe postar-se em seu redor e elevar os rostos curvados¹⁵⁷.

615 Assim também sucede, quando, em Tebas, o Évio descontraí a face
e o espírito, e sacia o peito com o pátrio fausto;
ele remove dos cabelos a mitra e a grinalda, arma o tirso

marcado pela violência representada por Eurípides, e as suas formas mais civilizadas, familiares à audiência romana do século I d.C., que contemplavam a música e a dança (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, p. 252).

¹⁵⁵ Já foi sugerido pela crítica que Estácio pode ter-se inspirado nos ritos da *Bona Dea*, para a representação do presente ritual báquico, sendo a sacerdotisa um indício dessa inspiração, uma vez que tal figura era estrangeira ao menadismo grego e mais familiar ao costume romano. Considerando, ainda, o célebre escândalo na cerimónia de 62 a.C., surge uma ligação indirecta entre Aquiles e Clódio profanando a exclusividade feminina do ritual (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 234).

¹⁵⁶ A intrusão de Aquiles no ritual menádico surge como uma versão cómica e desdramatizada da intrusão de Penteu, representada nas *Bacantes*. Insiste-se na interdição em que a cerimónia está envolta (*lex, praecepta, verendus, inaccessum, edicatur, metuenda, temerator*), apenas para acentuar a ironia da transgressão de Aquiles, e *tacitus sibi risit Achilles* não é senão um piscar-de-olho à audiência, sinalizando a autoconsciência literária da personagem.

¹⁵⁷ A crescente assimilação a Baco, verificada neste passo e amplificada pelo símile que se segue, é acompanhada pela insinuação de elementos militares (*ducentem signa cateruae, missile*), que aludem à real natureza de Aquiles, ao mesmo tempo que envolvem a cena num ambiente de ironia e duplo sentido.

armat et hostiles inuisit fortior Indos.

Scandebat roseo medii fastigia caeli

- 620 Luna iugo, totis ubi somnus inertior alis
defluit in terras mutumque amplectitur orbem.
consedere chori paulumque exercita pulsu
aera tacent, tenero cum solus ab agmine Achilles
haec secum: 'Quonam timidae commenta parentis
625 usque feres? primumque imbelli carcere perdes
flore[m] animi? non tela licet Mauortia dextra,
non trepidas agitare feras? ubi campus et amnes
Haemonii? quaerisne meos, Sperchie, natatus
promissasque comas? an desertoris alumni
630 nullus honos, Stygiasque procul iam raptus ad umbras
dicor, et orbatus plangit mea funera Chiron?
tu nunc tela manu, nostros tu dirigis arcus
nutritosque mihi scandis, Patrocle, iugales:
ast ego pampineis diffundere bracchia thyrsis
635 et tenuare colus—pudet haec taedetque fateri—
iam scio. quin etiam dilectae uirginis ignem

verdejante e mais aguerrido visita os Indianos hostis¹⁵⁸.
A Lua, com seu róseo carro, ascendia ao cume do médio céu,
620 à hora em que mais inerte o Sono flui sobre a terra
com todas as suas asas, e envolve o orbe silente.
Cessam as danças, e o bronze percutido emudece
por um instante, quando Aquiles, retirado da doce turba,
assim diz para consigo¹⁵⁹: «Até quando, então, irás suportar as invenções
625 da tua temerosa mãe, e delapidar a primeira flor da coragem¹⁶⁰
num cárcere sem guerra? Não te será lícito agitar com a dextra
os dardos de Marte, ou perseguir trépidas feras? Onde estão os campos
e as torrentes hemónias? Em vão esperas, ó Esperquio, ver-me nadar,
ou os meus prometidos cabelos¹⁶¹? ou não tens qualquer estima
630 pelo teu discípulo desertor, e já se diz que fui arrebatado
para as longínquas sombras estíguas, e Quíron enlutado lamenta minha morte?
És tu, Pátroclo, quem agora empunha meus dardos, quem assesta
meus arcos, quem monta os corcéis para mim criados¹⁶²,
ao passo que eu sou já versado em estender os braços
635 com pampanosos tirsos e em fiar na roca – vergonha e fastio,
só de confessá-lo! O que é mais: dissimulas o ardor

¹⁵⁸ Este símile marca o culminar da assimilação de Aquiles a Baco, personagens dotadas de uma natureza dúplice, simultaneamente feminina e marcial. A comparação divide-se em dois momentos: o repouso do deus em Tebas corresponde à estadia de Aquiles em Ciro; a expedição de Baco contra os Indianos, por sua vez, antecipa dramaticamente aquela que será a vida marcial de Aquiles, narrada a partir do livro II.

¹⁵⁹ Em contraste com o *furor* patético da *Tebaida*, surge, na *Aquileida*, a reflexão racional e deliberativa enquanto elemento ético. Este monólogo de Aquiles não é senão uma instância da dimensão psicologizante da obra, em que as acções das personagens nos são apresentadas não como resultado de forças divinas, mas tão-somente da razão humana (cf. Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000, pp. 214-219).

¹⁶⁰ Cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 257-261, para uma análise à relação entre o monólogo de Aquiles e o *carmen* 63 de Catulo. Neste passo, *florem animi* pode ser a única semelhança verbal entre ambos (Catull., LXIII, 64, *ego gymnasei fui flos*), mas os paralelos contextuais são flagrantes: o fundo de um ritual extático e um jovem feminizado lamentando a sua masculinidade comprometida. O Átis de Catulo lamenta ter procedido à sua própria castração; Aquiles, o facto de estar a desperdiçar a sua masculinidade em actividades femininas. Ainda que ecos verbais sejam escassos ou inexistentes, e que não se possa falar de uma alusão deliberada, Estácio deve ter tido em consideração o poema de Catulo para a sua representação de um ritual extático e do desespero da desvirilização.

¹⁶¹ Peleu prometera ao Esperquio uma hecatombe e um cacho dos cabelos de Aquiles, se o herói regressasse vivo de Tróia (Hom., *Il.*, XXIII, 140-151).

¹⁶² Alusão irónica a Hom., *Il.*, XVI, 134, momento em que Pátroclo envergará as armas de Aquiles.

aequaeuamque facem captus noctesque diesque
dissimulas. quonam usque premes urentia pectus
uulnera? teque marem—pudet heu!—nec amore probabis?

640 Sic ait et densa noctis gauisus in umbra
tempestiua suis torpere silentia furtis
ui potitur uotis et toto pectore ueros
admouet amplexus; uidit chorus omnis ab alto
astrorum et tenerae rubuerunt cornua Lunae.

645 illa quidem clamore nemus montemque repleuit;
sed Bacchi comites, discussa nube soporis,
signa choris indicta putant; fragor undique notus
tollitur, et thyrsos iterum uibrabat Achilles,
ante tamen dubiam uerbis solatus amicis:

650 'Ille ego—quid trepidas?—genitum quem caerulea mater
paene Ioui siluis niuibusque inmisit alendum
Thessalicis. nec ego hos cultus aut foeda subissem
tegmina, ni primo te uisa in litore: cessi
te propter, tibi pensa manu, tibi mollia gesto

655 tympana. quid defles magno nurus addita ponto?
quid gemis ingentes caelo paritura nepotes?
"Sed pater—" ante igni ferroque excisa iacebit

pela tua moça amada, teu amor coevo – noite e dia,
umprisioneiro. Até quando reprimirás a chaga que te inflama
o coração? Nem no amor – oh, desonra! – te provarás homem?»

640 Assim diz, e, na espessa sombra da noite, contente
por estar inerte um silêncio propício ao seu amor secreto,
pela força se apodera do objecto do seu desejo¹⁶³, e com todo o ardor
lhe lança um verdadeiro enlace. Todo o coro de astros
assiste das alturas, e enrubescem os cornos da jovem Lua.

645 Ela enche com seus brados o monte e o bosque,
mas as bacantes, dispersando a nuvem do sono,
supõem tratar-se de sinais ordenando a dança. De toda a parte se ergue
o estrépito conhecido, e de novo Aquiles brandia os tirsos;
mas, antes, consolou a rapariga hesitante com palavras amigas:

650 «Eu sou aquele – porque tremes? – que, quase gerado para Júpiter,
a cerúlea mãe enviou para as florestas e neves tessálias,
para ser criado. E nem eu me teria sujeitado a estes costumes
e a trajas indignos, se primeiro não te houvesse contemplado no areal:
foi por tique cedi, por ti levo lã nas mãos, por ti carrego frouxos timbales.

655 Porque choras, tu que és agora elevada a nora do imenso Oceano?
Porque gemes, tu que hás-de gerar ilustres netos para o céu¹⁶⁴?
“Mas meu pai...”¹⁶⁵ Ciroz jazerá, consumida por ferro e fogo,

¹⁶³ Este passo é um empréstimo directo de Ov., *Met.*, XI, 264s. (*potitur votis*), que se refere à violação de Tétis por Peleu, paralelo que Estácio não deixa de salientar, e que denota uma aproximação de Aquiles à esfera paterna, omissa até ao momento presente. Note-se, ainda, em comparação com Ov., *Ars am.*, 700 (*Sed voluit vinci viribus illa tamen*), representação ovidiana da violação de Deidamia, a aliteração da consoante *v*, conservada por Estácio (*vi potitur votis et toto pectore veros admovet amplexus*).

¹⁶⁴ Aquiles refere-se, provavelmente, à sua ascendência materna, pela qual é bisneto de Úrano, e não ao facto de ser filho de Peleu e, portanto, bisneto de Júpiter, uma vez que a figura paterna permanece totalmente elidida neste discurso.

¹⁶⁵ Entendemos, com Dilke, que *sed pater* constitui uma aposiopese feita por Aquiles, exprimindo em antecipação o receio de Deidamia ao pensar na reacção de Licomedes perante a sua violação (Dilke, O.A.W. (ed.), *Staius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 127). No entanto, existem duas alternativas a esta interpretação: segundo Méheust, trata-se de uma fala de Deidamia, que interrompe o discurso de Aquiles invocando a irada reacção de seu pai, objecção que Aquiles rebate de imediato; Heslin, por sua vez, propõe também que se trate de uma fala de Deidamia, mas, desta feita, a questionar Aquiles acerca do seu pai, uma vez que o herói omitiu o nome de Peleu da sua linhagem, questão que Aquiles evade (Heslin, P.J., *The*

Scyros et in tumidas ibunt haec uersa procellas
moenia, quam saeue mea tu conubia pendas
660 funere: non adeo parebimus omnia matri.'
[uade sed ereptum celes taceasque pudorem.]
Obstipuit tantis regina exterrita monstis,
quamquam olim suspecta fides, et cominus ipsum
horruit et facies multum mutata fatentis.
665 quid faciat? casusne suos ferat ipsa parenti
seque simul iuuenemque premat, fortassis acerbis
hausurum poenas? et adhuc in corde manebat
ille diu deceptus amor: silet aegra premitque
iam commune nefas; unam placet addere furtis
670 altricem sociam, precibus quae uicta duorum
adnuit. illa astu tacito raptumque pudorem
surgentemque uterum atque aegros in pondere menses
occuluit, plenis donec stata tempora metis
attulit et partus index Lucina resoluit.
675 Iamque per Aegaeos ibat Laertia flexus
puppis, et innumerae mutabant Cyclades auras;

e, tombadas, estas muralhas esvair-se-ão nas iradas procelas,
antes que tu venhas a expiar a nossa união com uma morte
660 impiedosa: não chegarei ao ponto de em tudo obedecer a minha mãe.
[Vai, mas guarda silêncio sobre teu pudor arrebatado.]¹⁶⁶»
Aprincesa ficou aturdida perante tamanhos portentos,
ainda que há muito desconfiasse dele; arrepiava-se
portê-lo tão perto, e, ao revelar-se, a sua figura estava em tudo alterada.
665 Que faria? Deveria ela própria levar ao pai seus infortúnios,
e simultaneamente arruinar-se a si e ao rapaz, que talvez viesse a sofrer
uma dura punição? No seu coração, perdurava ainda
aquele amor longamente iludido: sofre em silêncio,
e esconde uma culpa agora comum; decide tornar cúmplice
670 naquele segredo apenas a sua ama¹⁶⁷, que consente, vencida
pelas preces de ambos. Com discreta astúcia, ela encobre
a virgindade tomada e o ventre intumesciente e os meses penosos
devido ao peso¹⁶⁸, até que, atingido o termo, Lucina reveladora¹⁶⁹
fez chegar o momento determinado e levou o parto ao seu desfecho.
675 Já a nau de Laertes seguia pelo sinuoso Egeu,
e as inumeráveis Cíclades alteravam os ventos¹⁷⁰.

Transvestite Achilles. Cambridge, 2005, p. 288). Ambas estas interpretações padecem de uma divergência perante os padrões da dicção épica, que dificilmente admitiriam semelhante vivacidade no discurso. Além disso, a interpretação de Heslin afigura-se excessivamente intrincada e desnecessária para o sentido do texto, motivos que nos levam a manter a interpretação de Dilke.

¹⁶⁶ Verso geralmente reconhecido como espúrio.

¹⁶⁷ A referência à ama constitui uma alusão directa aos *Círios* de Eurípides, peça em que essa figura trágica tinha um papel central. Um dos fragmentos conservados desse drama mostra-nos a ama de Deidamia a justificar-se perante Licomedes, invocando uma enfermidade de Deidamia, de modo a ocultar a sua gravidez (Jouan, F., Van Looy, H. (eds.), *Euripide, Tragédies*. vol. 8. Paris, 2002, pp. 72-74). Heslin afirma que a menção à ama surge como uma espécie de nota de rodapé: “for further details on Deidamia’ pregnancy and the method of its concealment, cf. Euripides’ *Scyrians*.” (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, p. 197).

¹⁶⁸ Note-se, no verso I, 672, três elisões sucessivas, que conferem um efeito estilístico adequado à representação de um ventre intumesciente.

¹⁶⁹ Lucina era a deusa que presidia aos partos, identificada com Juno ou, por vezes, com Diana.

¹⁷⁰ Devido à incompreensão do verso I, 676, diferentes lições têm sido adoptadas pelos editores: a) *innumerae mutabant Cyclades auras* corresponde ao texto da tradição manuscrita e, entre os editores aqui contemplados, apenas Ripoll-Soubiran mantém esta lição, interpretando-a como “as inumeráveis Cíclades modificavam os ventos”, isto é, a grande quantidade de massas rochosas influenciava a direcção dos ventos (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 243); b) *innumerae mutabant Cyclades oras* é a lição proposta por

iam Paros Olearosque latent; iam raditur alta
Lemnos et a tergo decrescit Bacchica Naxos,
ante oculos crescente Samo; iam Delos opacat
680 aequor: ibi e celsa libant carchesia puppi
responsique fidem et uerum Calchanta precantur.
audiit Arquitenens Zephyrumque e uertice Cynthi
impulit et dubiis pleno dedit omina uelo.
it pelago segura ratis: quippe alta Tonantis
685 iussa Thetin certas fatorum uertere leges
arcebant aegram lacrimis ac multa gementem,
quod non erueret pontum uentisque fretisque
omnibus inuisum iam tunc sequeretur Ulixem.
Frangebat radios humili iam pronus Olympo
690 Phoebus et Oceani penetrabile litus anhelis
promittebat equis, cum se scopulosa leuauit

Agora escondem-se Paros e Oléaros¹⁷¹; agora é costeada
a alta Lemnos, e à retaguarda diminui a báquica Naxos,
enquanto Samos cresce na dianteira; agora Delos ensombra
680 as águas¹⁷²: aí, da elevada popa, derramam taças em libação
e pedem que o oráculo seja fiável, e Calcas verdadeiro.
Ouviram os Portadores do Arco, que impeliu o Zéfiro desde o cume
de Cíntia, e, enchendo as velas, deu aos incertos um presságio.
Livre de inquietações, o navio avança pelo mar, pois os altos decretos
685 do Tonante não permitiram a Tétis dobrar as firmes leis do destino –
Tétis, enferma de lágrimas e desfeita em prantos,
por não poder excitar o pélagos e partir de imediato
no encaço do odioso Ulisses, com todas as ondas e ventos.
Pendendo do ífero Olimpo, já Febo quebrava os seus raios¹⁷³,
690 e prometia aos cavalos arquejantes a penetrável costa do Oceano,
quando se ergueu a rochosa Círos. Em sua direcção,

Dilke, que traduz por “The countless Cyclades were changing one prospect of their shores for another” (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 128); c) *innumeras mutabant Cycladas auras*, defendida por Méheust, Shackleton Bailey e Edwards-Hall-Ritchie, “os ventos mudavam as inumeráveis Cíclades”, ou, numa forma mais literária, “as inumeráveis Cíclades sucediam-se, por força do vento”; d) *innumerae mutabant Cyclades auras*, lição que apenas Rosati adopta, traduzindo por “le innumerevoli Cicladi scorrevano via, sotto la spinta dei venti” (Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994, pp. 132-133). Excluímos *prima facie* as lições b) e d), uma vez que, na primeira, a eliminação de *aurae/auras*, por oposição a uma mera alteração do caso, se afigura desnecessária e implausível perante as outras lições possíveis, e, na segunda, a ausência de um acusativo ofusca a ligação entre sujeito e objecto (poder-se-ia entender *Cyclades* como acusativo, mas a tradução de Rosati mostra que tal não é o caso). Entre a) e c), a escolha é quase arbitrária e, de um ponto de vista literário, consideramos a lição c) mais apelativa. No entanto, adoptamos, aqui, a lição a), tendo como critério de selecção a conformidade com a tradição manuscrita.

¹⁷¹ Actual Antíparos.

¹⁷² A sequência de ilhas parece provir da *Eneida* (III, 125ss.), em que, na viagem de Tróia para Creta, Delos, Naxos, Oléaros e Paros são mencionadas. Aqui, a ordem é invertida e, se tal já se afigura inapropriado para uma viagem entre Áulide e Círos, é a referência a Samos e a Lemnos que vem denunciar o completo desconhecimento geográfico de Estácio. Certamente, a intenção do poeta não era a precisão topográfica, mas a adequação simbólica dos nomes das ilhas ao contexto narrativo (afirma Ripoll que a menção a Lemnos serve para invocar um nome familiar à imaginação dos leitores de Estácio, na senda do livro V da *Tebaida* [Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 244]), bem como o desenvolvimento de um ambiente remoto envolvendo Círos. Além disso, cumpre reafirmar, com Dilke, que não há qualquer prova de que Estácio tenha alguma vez visitado a Grécia (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 129).

¹⁷³ Acreditava-se que, de manhã e ao fim do dia, Apolo quebrava os seus raios, e que tal explicava as temperaturas mais baixas durante essas partes do dia.

Scyros; in hanc totos emisit puppe rudentes
 dux Laertiades sociisque resumere pontum
 imperat et remis Zephyros supplere cadentes.
 695 accedunt iuxta, et magis indubitata magisque
 Scyros erat placidique super Tritonia custos
 litoris. egressi numen uenerantur amicae
 Aetolusque Ithacusque deae. tunc prouidus heros,
 hospita ne subito terrerent moenia coetu,
 700 puppe iubet remanere suos; ipse ardua fido
 cum Diomede petit. sed iam praeuenerat arcis
 litoreae seruator Abas ignotaque regi
 ediderat, sed Graia tamen, succedere terris
 carbasa. procedunt, gemini ceu foedere iuncto
 705 hiberna sub nocte lupi: licet et sua pulset
 natorumque fames, penitus rabiemque minasque
 dissimulant humilesque meant, ne nuntiet hostes
 cura canum et trepidos moneat uigilare magistros.
 Sic segnes heroes eunt campumque patentem,
 710 qui medius portus celsamque interiacet urbem,
 alterno sermone terunt; prior occupat acer
 Tydides: 'Qua nunc uerum ratione paramus
 scrutari? namque ambiguo sub pectore pridem
 uerso, quid inbelles thyrsos mercatus et aera
 715 urbibus in mediis Baccheaque terga mitrasque
 huc tuleris uarioque aspersas nebridas auro?
 hisne grauem Priamo Phrygibusque armabis Achillem?'
 illi subridens Ithacus paulum ore remisso:
 'Haec tibi, uirginea modo si Lycomedis in aula est
 720 fraude latens, ultro confessum in proelia ducent
 Peliden; tu cuncta citus de puppe memento

o comandante, filho de Laertes, solta da popa todos os cabos,
e dá ordem aos companheiros para que retomem o mar,
compensando com os remos o abrandamento dos Zéfiros.

695 Quanto mais se aproximam, mais indubitável se torna
que é Ciro, e que, nas alturas, está a Tritónia, guardiã
das plácidas praias. Desembarcados, o Etólio e o Ítaco
saúdamo nume da deusa amiga. Então, para não alarmarem
a cidade estrangeira com súbita aglomeração, o herói previdente
700 ordena que os companheiros permaneçam a bordo; ele próprio
dirige-se para a encosta, a par do fiel Diomedes. Mas já Abas,
vigia do baluarte costeiro, se havia antecipado, anunciando ao rei
que velas desconhecidas, ainda que gregas, se acercavam
de terra. Eles avançam como um par de lobos unidos empacto,
705 sob uma noite de inverno; embora os incite a fome, a sua
e a das suas crias, dissimulam interiormente a violência e a raiva,
e circulam mansos, para que a diligência dos cães
não denuncie o inimigo e exorte à vigília os amos alarmados.
Assim caminham os heróis, vagarosos, e com conversa recíproca
710 percorrem o campo aberto que entremeia o porto
e a cidade elevada; o impetuoso Tidida é o primeiro
a falar: «Agora, que plano concebemos para sondar
a verdade? Pois há muito me pergunto, no meu espírito
incerto, porque compraste, nas cidades a caminho,
715 imbeles tirsos e címbalos, e para aqui trouxeste
báquicos tímpanos e mitras e nébrides banhadas de ouro matizado.
É com isto que armarás o possante Aquiles contra Príamo e os Frígios?»
Sorrindo lhe responde o Ítaco, e com rosto um tanto descontraído:
«Estas coisas, digo-te, levarão o Pelida ao combate, voluntariamente
720 revelado, se, comefeito, estiver dolosamente escondido na virgínea corte
de Licomedes. Tu, quando a ocasião chegar, lembra-te de as trazer

ferre, ubi tempus erit, clipeumque his iungere donis,
qui pulcher signis auroque asperrimus astat;
nec sat erit: tecum lituo bonus adsit Agyrtes
725 occultamque tubam tacitos adportet in usus.'
Dixerat, atque ipso portarum in limine regem
cernit et ostensa pacem praefatus oliua:
'Magna, reor, pridemque tuas peruenit ad aures
fama trucis belli, regum placidissime, quod nunc
730 Europamque Asiamque quatit. si nomina forte
huc perlata ducum, fidit quibus ultor Atrides:
hic tibi, quem tanta meliorem stirpe creauit
magnanimus Tydeus, Ithaces ego ductor Ulixes.
causa uiae—metuam quid enim tibi cuncta fateri,
735 cum Graius notaque fide celeberrimus?—: imus
explorare aditus inuisaque litora Troiae,
quidue parent—' medio sermone intercipit ille:
'Adnuerit Fortuna, precor, dextrique secudent
ista dei! nunc hospitio mea tecta piumque
740 inlustrate larem.' simul intra limina ducit.
nec mora, iam mensas famularis turba torosque
instruit. interea uisu perlustrat Ulixes

rapidamente da nau, e de a estes dons acrescentar contiguamente
um escudo, embelezado com insígnias e encrespado por ouro lavrado.
E não bastará¹⁷⁴: que Agirtes, o bom trombetista, esteja contigo,
725 e que traga em sua posse uma tuba oculta para um uso secreto¹⁷⁵.»
Falara, e eis que, precisamente na soleira dos portões,
avista o rei, e, exibindo o ramo de oliveira, anuncia a paz:
«Suponho, ó mais brando dos reis, que há muito tenha chegado
aos teus ouvidos o pesado rumor da guerra cruel
730 que agora abala Europa e Ásia¹⁷⁶. Se, por acaso, são até aqui
chegados os nomes dos chefes em que se fia o Atrida vingador,
aqui tens aquele que o magnânimo Tideu gerou como superior
a tão nobre estirpe; e eu próprio, Ulisses, rei de Ítaca.
O propósito da nossa viagem – pois porque hei-de recear contar-te tudo,
735 a ti, que és grego e ilustre pela tua célebre rectidão? –
é examinar os acessos a Tróia, e as suas costas odiosas,
e que preparativos fazem...» – aquele interrompe-o a meio do discurso:
«Que a Fortuna assim tenha permitido, rogo, e que os deuses propícios
secundem os vossos desígnios! Agora, honrai meu tecto e meu pio lar,
740 sendo meus hóspedes.» Assim dizendo, guia-os para o interior.
Sem demora, uma chusma de servos prepara as mesas
e os leitos. Entretanto, com o olhar, Ulisses explora

¹⁷⁴ Mantemos a lição de Dilke, *astat; nec sat erit*. Méheust, Ripoll-Soubiran e Edwards-Hall-Ritchie adoptam a lição *hasta haec sat erit*, seguindo o manuscrito P. Outros manuscritos têm *ardet* no lugar de *astat*, o que leva Dilke a rejeitar *hasta*, palavra iniciada por *h*. Além disso, a frase *hasta haec sat erit* parece algo fraca, como afirma o editor, que invoca, ainda, a gratuidade no acrescento de *hh* em palavras iniciadas por *a*, característica do manuscrito P (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 131). Contra a lição que aqui adoptamos está, todavia, a necessidade de corrigir, no verso seguinte, *haec* por *nec*, vocábulo que tem fraco suporte manuscrito, assim como o facto de, noutras menções ao escudo, ser feita referência, também, à lança (I, 854, 879) (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 248-249). Shackleton Bailey propõe que esteja em falta um verso após o 723, que faria referência à lança, e que, talvez, a sua queda se devesse ao facto de terminar em *hasta*, o que teria ocasionado uma confusão com *astat* (Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003, pp. 368-369).

¹⁷⁵ Note-se a aliteração da consoante *t*, ilustrativa do som da trombeta.

¹⁷⁶ A tripla aliteração do som *qu* enfatiza a agitação inerente ao próprio sentido do verbo, *quatit*.

scrutaturque domum, si qua uestigia magnae
uirginis aut dubia facies suspecta figura;
745 porticibusque uagis errat totosque penates,
ceu miretur, obit: uelut ille cubilia praedae
indubitata tenens muto legit arua Molosso
uenator, uideat donec sub frondibus hostem
porrectum somno positosque in caespite dentes.
750 Rumor in arcana iamdudum perstrepat aula,
uirginibus qua fida domus, uenisse Pelasgum
ductores Graiamque ratem sociosque receptos.
iure pauent aliae, sed uix noua gaudia celat
Pelides audisusque nouos heroas et arma
755 uel talis uidisse cupit. iamque atria feruent
regali strepitu et picto discumbitur auro,
cum pater ire iubet natas comitesque pudicas
natarum. subeunt, quales Maeotide ripa,
cum Scythicas rapuere domos et capta Getarum
760 moenia, sepositis epulantur Amazones armis.
tum uero intentus uultus ac pectora Ulixes
perlibrat uisu, sed nox inlataque fallunt
lumina et extemplo latuit mensura iacentum.
at tamen erectumque genas oculisque uagantem
765 nullaque uirginei seruantem signa pudoris

e examina a casa, procurando indícios de uma donzela robusta,
ou uma fisionomia suspeita pela sua aparência ambígua;
745 erra pelos pórticos ao acaso e atravessa todo o palácio,
como se estivesse a admirá-lo: assim como aquele caçador que,
certo de ter descoberto a toca da sua presa, percorre os campos
com mudo molosso¹⁷⁷, até que, finalmente, sob a ramagem,
entrevê o inimigo largado em sono, colmilhos pousados no solo.

750 Já corre voz, no discreto recanto do palácio, morada segura
das donzelas, que chegaram os chefes dos Pelasgos,
e que foi acolhido um navio grego e sua tripulação.

Todas se alarmam, e com bom motivo, mas o Pelida a custo esconde
o seu súbito gáudio, e, ávido, deseja ver os extraordinários heróis
755 e as armas, não obstante o seu presente aspecto. Já os átrios fervem
com régio estrépito, e os hóspedes se reclinam sobre ouro recamado,
quando o pai ordena a entrada das filhas e suas castas companheiras.
Elas entram, tal como Amazonas nas margens do Meótis¹⁷⁸,
quando, depois de pilhadas as casas cíticas e tomadas
760 as muralhas dos Getas¹⁷⁹, se banqueteam de armas depostas¹⁸⁰.

Então sim, Ulisses, com olhos atentos, examina os rostos
e os peitos, mas a noite e as lâmpadas que são trazidas atraíam-no,
e as medidas das donzelas dissipam-se logo que se reclinam.

No entanto, fixa o olhar numa de rosto erguido e olhos vagantes,
765 não mantendo qualquer sinal de virginal modéstia,

¹⁷⁷ O molosso era uma raça de cão frequentemente utilizado como guarda (cf. Verg., *G.*, III, 404ss.), mas um símile de Lucano (IV, 437-444) mostra que também tinha valências na caça, em particular, a sua capacidade de se manter em silêncio.

¹⁷⁸ Actual Mar de Azov, região em que habitavam as Amazonas, segundo algumas tradições.

¹⁷⁹ Tribo trácia.

¹⁸⁰ A pertinência deste símile tem sido questionada com base na ausência de ligação entre comparante e comparado. A semelhança entre as Amazonas e as jovens filhas de Licomedes pode residir, no entanto, na virgindade, ou na simples participação num banquete. A aparência sexualmente ambígua de Aquiles e Deidamia pode constituir outro elo. Heslin repara que a presença de mulheres num banquete seria impensável no mundo grego, e, tratando-se de jovens donzelas, também implausível no mundo romano (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 153-154). No entanto, a verosimilhança da cena está, no desígnio de Estácio, evidentemente subordinada às exigências dramáticas.

defigit comitique obliquo lumine monstrat.
 quid nisi praecipitem blando complexa moneret
 Deidamia sinu nudataque pectora semper
 exsertasque manus umerosque in ueste teneret
 770 et prodire toris et poscere uina uetaret
 saepius et fronti crinale reponeret aurum?
 [Argolicis ducibus iam tunc patuisset Achilles.]
 Ut placata fames epulis bis terque repostis,
 rex prior adloquitur paterisque hortatur Achiuos:
 775 'Inuideo uestris, fateor, decora inclita gentis
 Argolicae, coeptis; utinam et mihi fortior aetas,
 quaeque fuit, Dolopas cum Scyria litora adortos
 perdomui, fregique uadis, quae signa triumphi
 uidistis celsa murorum in fronte, carinas!
 780 saltem si suboles, aptum quam mittere bello—
 [possem, plena forent mihi gaudia, namque iuuarem.]
 nunc ipsi uiresque meas et cara uidetis
 pignora: quando nouos dabit haec mihi turba nepotes?'
 dixerat, et sollers arrepto tempore Ulixes:
 785 'Haut spernenda cupis; quis enim non uisere gentes
 innumeras uariosque duces atque agmina regum

e adverte o seu companheiro com um relance de través.

E se Deidamia não acautelasse o imprudente jovem, envolvendo-o em terno abraço, e não mantivesse a todo o momento dentro da veste o seu peito exposto e os braços desnudos e os ombros,

770 e não o impedisse, uma e outra vez, de sair do leito para pedir vinho, e não recompusesse o gancho de ouro na sua frente?

[Então teria Aquiles sido revelado aos chefes argólicos.]¹⁸¹

Quando a fome foi aplacada com iguarias duas e três vezes servidas, o rei é o primeiro a falar, e, de pátera em mãos, dirige-se aos Aqueus:

775 «Invejo os vossos empreendimentos, confesso-o, ó glória ilustre do povo argólico. Prouvera que também eu tivesse uma idade mais potente – aquela que tinha, quando subjuguei os Dólopes¹⁸² que atacavam as costas de Ciro, e no mar derrubei as suas naus, aqueles símbolos de triunfo que vistes na alta fachada das muralhas¹⁸³!

780 Se ao menos tivesse um filho apto para mandar para a guerra...¹⁸⁴

[seria plena a minha alegria, pois poderia ser-vos útil.]¹⁸⁵

Mas agora vós próprios vedes as minhas forças e as minhas queridas filhas: quando é que esta turba me dará novos netos?»

Assim falara, e o astuto Ulisses, aproveitando o momento:

785 «Nada desprezível é o que desejas; quem, na verdade, não arderia por ver inumeráveis povos¹⁸⁶, diversos generais e as hostes

¹⁸¹ Verso espúrio, decorrente da não compreensão de *quid nisi*, que poderia ser pontuado como *quid? nisi...*, tornando *nisi...aurum* na prótase de uma oração condicional, e *Argolicis...Achilles*, na sua apódose.

¹⁸² Povo que habitava a Dolópia, parte da Tessália.

¹⁸³ *Carinas* tem, nesta frase, dois sentidos, ambos metonímicos: designa, por um lado, as naus, objecto de *fregi*, e, por outro, os *rostra* afixados à muralha como troféus de guerra, à maneira romana.

¹⁸⁴ Este verso confere à cena um toque de realismo quotidiano: um idoso preocupado com a sua descendência, desejoso de ter um neto, insinua aos dois homens a possibilidade de casamento com as suas filhas. Por outro lado, aproxima-se do cómico, pois que, no momento em que exprime o seu desejo por um neto, não está consciente de que, na verdade, já o tem (I, 908-910).

¹⁸⁵ Verso interpolado, presente em alguns *codices deteriores*, com vista a completar com uma apódose a oração precedente, uma aposiopese desiderativa não compreendida pelo escriba.

¹⁸⁶ Como nota Ripoll, *innumeras gentes* é, provavelmente, uma alusão ao verso I, 3 da *Odisseia*, aos *πολλῶν ἀνθρώπων ἄστεα* vistos pelo próprio Ulisses (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 257).

ardeat? omne simul roburque decusque potentis
 Europae meritos ultro iurauit in enses.
 rura urbesque uacant, montes spoliauimus altos,
 790 omne fretum longa uelorum obtexitur umbra;
 tradunt arma patres, rapit inreuocata iuuentus.
 non alias umquam tantae data copia famae
 fortibus aut campo maiore exercita uirtus.'
 aspicit intentum uigilique haec aure trahentem,
 795 cum paueant aliae demissaque lumina flectant,
 atque iterat: 'Quisquis proauis et gente superba,
 quisquis equo iaculoque potens, qui praeualet arcu,
 omnis honos illic, illic ingentia certant
 nomina: uix timidae matres aut agmina cessant
 800 uirginea; o multum steriles damnatus in annos
 inuisusque deis, si quem haec noua gloria segnem
 praeterit.' exisset stratis, ni prouida signo
 Deidamia dato cunctas hortata sorores
 liquisset mensas ipsum complexa. sed haeret
 805 respiciens Ithacum coetuque nouissimus exit.
 ille quoque incepto paulum ex sermone remittit,
 pauca tamen iungens: 'At tu tranquillus in alta
 pace mane carisque para conubia natis,
 quas tibi sidereis diuarum uoltibus aequas
 810 fors dedit. ut me olim tacitum reuerentia tangit!
 is decor et formae species permixta uirili.'
 occurrit genitor: 'Quid si aut Bacchea ferentes

dos reis? À uma, toda a glória e vigor da pujante Europa
prestou livre juramento às nossas armas justas.

Campos e cidades estão vazios, despojámos os altos montes,
790 todo o mar é coberto pela imensa sombra das velas;
os pais cedem as armas, os jovens arrebatam-nas, irredutíveis.
Em nenhuma outra ocasião foi dada aos corajosos a oportunidade
de tamanha glória, nem o valor exercido em tão vasto campo.»
Vê-o atento e sorvendo as suas palavras com ouvido vigoil,
795 enquanto as outras se afligem e desviam os olhos para baixo,
e continua: «Quem quer que provenha de estirpe e antepassados ilustres,
quem seja hábil com cavalo e dardo, quem domine o arco,
todas as glórias estão lá¹⁸⁷, lá os grandes nomes contendem;
a custo se abstêm as mães temerosas ou bandos de raparigas¹⁸⁸;
800 ah! condenado a anos estéreis e muito odiado pelos deuses,
aquele que, indolente, esta nova oportunidade de glória
postergar.» Teria Aquiles saltado do leito, não houvesse Deidamia,
previdente, advertindo todas as irmãs com um sinal,
saído da mesa, cingindo-o em seus braços. Mas ele detém-se,
805 volvendo os olhos para o Ítaco, e é o último a abandonar a reunião.
Também Ulisses deixa de lado parte do discurso iniciado,
acrescentando, contudo, algumas palavras: «Mas tu, mantém-te
sereno em paz profunda, e prepara casamento para as filhas amadas,
que a sorte te concedeu, iguais às deusas em seu semblante celeste.
810 Como me impressiona já há algum tempo, e me mantém em silêncio,
a reverência por tanta graça, e uma aparência que se une a uma beleza viril!»
Responde o pai: «E se as visses levando a cabo

¹⁸⁷ Ou, tomando o sentido concreto, “todas as patentes estão lá” (*sic* Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 135).

¹⁸⁸ Ripoll nota, aqui, dois níveis de leitura: ênfase na unanimidade do ardor guerreiro dos Aqueus; uma condenação à intromissão de Tétis e Deidamia no destino heróico de Aquiles (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 258).

orgia, Palladias aut circum uideris aras?
et dabimus, si forte nouus cunctabitur auster.'

815 excipiunt cupidi et tacitis spes addita uotis.
cetera depositis Lycomedis regia curis
tranquilla sub pace silet, sed longa sagaci
nox Ithaco, lucemque cupit somnumque grauatur.
Vixdum exorta dies et iam comitatus Agyrte

820 Tydides aderat praedictaque dona ferebat.
nec minus egressae thalamo Scyreides ibant
ostentare choros promissaque sacra uerendis
hospitibus. nitet ante alias regina comesque
Pelides: qualis Siculae sub rupibus Aetnae

825 Naidas Hennaes inter Diana feroxque
Pallas et Elysii lucebat sponsa tyranni.
iamque mouent gressus thiasisque Ismenia buxus
signa dedit, quater aera Rheae, quater enthea pulsant
terga manu uariosque quater legere recursus.

830 tunc thyrsos pariterque leuant pariterque reponunt

os ritos de Baco, ou em torno dos altares de Palas?¹⁸⁹
 Concedê-lo-ei, se, por acaso, um novo Austro tardar¹⁹⁰.»

815 Ávidos, eles aceitam, e a esperança junta-se aos seus votos silentes.
 Depostos os cuidados, todo o palácio de Licomedes
 repousa em paz serena, mas longa é a noite,
 para o Ítaco sagaz, que anseia pela aurora e desdenha o sono.
 A luz do dia mal despontara, e já era chegado o Tidida,
 820 acompanhado por Agirtes, carregando os presentes indicados.
 As raparigas de Ciros, também elas retiradas do leito,
 iam apresentar as suas danças e os ritos prometidos aos veneráveis
 hóspedes. À frente das restantes, brilham a filha do rei
 e o Pelida, seu companheiro: assim como, sob os penedos
 825 do sículo Etna, entre as Náíades de Ena¹⁹¹, reluziam Diana
 e Palas indomável e a esposa do senhor do Elísio.
 Eis que já movem os pés, e a flauta isménia¹⁹² dá sinais ao tíaso:
 quatro vezes percutem com as mãos os címbalos de Reia¹⁹³, quatro vezes
 os tambores extasiantes¹⁹⁴, quatro vezes recolhem com movimentos diversos.
 830 Então, à uma elevam os tirsos; à uma os fazem descer,

¹⁸⁹ Apercebendo-se do interesse de Ulisses, o rei propõe exibir as suas filhas numa nova ocasião, fazendo-se, assim, inconscientemente, cúmplice dos desígnios do herói. Como nota Heslin, o contexto em que Licomedes pretende proceder a tal exibição é algo desconcertante, atendendo à ênfase colocada na exclusividade feminina do culto báquico, nos versos I, 598-602. Novamente, devemos explicar esta incongruência com a primazia das exigências dramáticas sobre a verosimilhança da acção (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 147-150).

¹⁹⁰ Isto é, se um vento favorável à navegação não se proporcionar. Não devemos ver em *novus Auster* uma direcção precisa a ser seguida pelos heróis, visto que foi o Zéfiro que os trouxe a Ciros. Trata-se do carácter intercambiável dos nomes dos ventos, comum na poesia (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 260).

¹⁹¹ Local do rapto de Prosérpina, no centro da Sicília.

¹⁹² Várias camadas de metonímia: “isménia” (adjectivo relativo ao rio Ismeno, que atravessava Tebas) está por “tebana” e, conseqüentemente, por “báquica”; por sua vez, *buxus*, “buxo”, está pelo instrumento a que essa planta dava origem, a flauta.

¹⁹³ Tal como no culto de Baco, também no de Reia/Cíbele figuravam os címbalos. Devido à sua afinidade, ambos os cultos eram associados pelos poetas.

¹⁹⁴ Os tambores pertencentes ao culto de Baco.

multiplicantque gradum, modo quo Curetes in actu
quoque pii Samothraces eunt, nunc obuia uersae
pectine Amazonio, modo quo citat orbe Lacaenas
Delia plaudentesque suis intorquet Amyclis.

835 tunc uero, tunc praecipue manifestus Achilles
nec seruare uices nec bracchia iungere curat;
tunc molles gressus, tunc aspernatur amictus
plus solito rumpitque choros et plurima turbat.
sic indignantem thyrsos acceptaque matris

840 tympana iam tristes spectabant Penthea Thebae.
Soluuntur laudata cohors repetuntque paterna
limina, ubi in mediae iamdudum sedibus aulae
munera uirgineos uisus tractura locarat
Tydides, signum hospitii pretiumque laboris,

845 hortaturque legant, nec rex placidissimus arcet.
heu simplex nimiumque rudis, qui callida dona
Graiorumque dolos uariumque ignoret Ulixem!
hic aliae, qua sexus iners naturaque ducit,

aut teretes thyrsos aut respondentia temptant
850 tympana, gemmatis aut nectunt tempora limbis;
arma uident magnoque putant donata parenti.

e aceleram os passos¹⁹⁵, ora com o movimento que fazem os Curetes
e os pios Samotrácios¹⁹⁶, ora, voltadas frente a frente, empente amazónio¹⁹⁷,
ora na roda com que a deusa de Delos¹⁹⁸ põe em movimento as mulheres lacónias
e as faz girar, batendo a cadência, na estimada Amiclas.

835 E então, sobretudo então, é reconhecido Aquiles, que não cuida
de observar as alternâncias e de entrelaçar os braços;
então, mais do que nunca, despreza frouxos movimentos
e trajés, e interrompe as danças e causa grande desordem.

Assim Tebas, já em lamentos, via Penteu desdenhando
840 os tirsos e os tambores recebidos de sua mãe.¹⁹⁹
O grupo separa-se em aplausos, e torna à paterna morada,
onde, num compartimento no centro do palácio, o Tidida
já dispusera os presentes, que haviam de atrair o olhar das raparigas,
como sinal de hospitalidade e recompensa pela solicitude.

845 Ele exorta a que escolham, e não se opõe o plácido rei.
Ah, simples e demasiado ingénuo, aquele que desconhece
as ardilosas oferendas e as insídias dos Gregos e o engenhoso Ulisses!
Então, todas as outras, conforme as move o seu tímido sexo
e a natureza, experimentam tirsos bem torneados, ou tambores reverberantes,
850 ou cingem as têmporas com faixas ornadas de jóias;²⁰⁰
vêm as armas e supõem-nas destinadas ao ilustre pai.

¹⁹⁵ *Multiplicant gradum*: possivelmente, “variam os passos”, uma vez que são descritos, de seguida, diversos tipos de dança; preferimos, no entanto, atendendo à coloração dionisíaca da cena, “aceleram os passos”, no ritmo progressivamente acelerado característico das bacantes.

¹⁹⁶ Na Samotrácia, celebravam-se os mistérios dos Cabiros.

¹⁹⁷ Tendo em conta *pecten*, podemos apenas deduzir que se trata de uma dança em que duas ou mais filas se entrecruzam.

¹⁹⁸ Diana.

¹⁹⁹ *Thyrso acceptaque matris tympana* tem três interpretações possíveis: a) “os tirsos e os tambores de sua mãe, que havia aceitado”; b) “os tirsos e os tambores que sua mãe havia acolhido”; c) “os tirsos e os tambores recebidos de sua mãe”. Shackleton Bailey defende a primeira; Rosati dá preferência à segunda. Preferimos, no entanto, com Soubiran, a terceira, uma vez que, no contexto de um símile comparando Aquiles a Penteu, a proveniência materna dos objectos femininos é uma das correspondências entre ambas as figuras, que se perde nas interpretações a) e b).

²⁰⁰ Note-se, nos versos I, 849-850, a aliteração da consoante *t*, novamente associada ao som dos tambores.

at ferus Aeacides, radiantem ut comminus orbem
caelatum pugnās—saeuis et forte rubebat
bellorum maculis—adclinem conspicit hastae,
855 infremuit torsitque genas, et fronte relictā
surrexere comae; nusquam mandata parentis,
nusquam occultus amor, totoque in pectore Troia est.
ut leo, materno cum raptus ab ubere mores
accepit pectique iubas hominemque uereri
860 edidicit nullasque rapi nisi iussus in iras,
si semel aduerso radiauit lumine ferrum,
eiurata fides domitorque inimicus, in illum
prima fames, timidoque pudet seruisse magistro.
ut uero accessit propius luxque aemula uultum
865 reddidit et simili talem se uidit in auro,
horruit erubuitque simul. tunc acer Ulixes
admotus lateri summissa uoce: 'Quid haeres?
scimus' ait, 'tu semiferi Chironis alumnus,
tu caeli pelagique nepos, te Dorica classis,
870 te tua suspensis exspectat Graecia signis,
ipsaque iam dubiis nutant tibi Pergama muris.

Mas o feroz Eácida, assim que viu de perto o escudo reluzente,
apoiado à lança e cinzelado com cenas de batalha (por acaso,
encontrava-se rubro devido às cruéis máculas da guerra²⁰¹),
855 soltou um rugido e volteou os olhos, e os cabelos eriçaram-se,
abandonando a frente; esquecidos estão os preceitos da mãe,
esquecido o amor secreto – lateja Tróia em todo o seu peito.
Assim como um leão que, arrebatado ao seio materno²⁰²,
se submeteu a regras, e aprendeu a dar a juba à carda
860 e a temer o homem²⁰³, e a não ser tomado pela fúria sem ordem para tal,
se alguma vez o ferro reluz diante de seus olhos, logo repudia a deferência,
e o domador se torna inimigo, e é contra ele que primeiro dirige
a sua avidez, e envergonha-se de ter obedecido a um débil mestre.
Mas quando Aquiles se aproximou, e o émulo clarão lhe devolveu
865 a sua figura, e se viu no ouro espelhante²⁰⁴ tal como estava²⁰⁵,
emsimultâneo estremeceu e enrubesceu. Então, dele se abeira
o feroso Ulisses, e com voz suave lhe diz: «Porque hesitas?
Nós sabemos. Tu és o discípulo do semífero Quíron,
o neto do céu e do mar²⁰⁶; é por tique a armada dórica
870 espera, e a tua Grécia, com estandartes suspensos,
e a própria Pérgamo diante de ti vacila com muralhas indecisas²⁰⁷.

²⁰¹ Isto é, o escudo já havia sido usado, e encontrava-se manchado de sangue.

²⁰² *Raptus ab ubere materno* pode estar relacionado com uma etimologia para o nome de Aquiles: *ἀ-χιλός* “sem pasto”, ou *ἀ-χεῖλος*, “sem lábios”, que pode ser entendido como “aquele que não bebeu de leite materno”.

²⁰³ Entendemos *hominem* como o homem genérico, embora possa tratar-se de um homem específico, o domador.

²⁰⁴ É de salientar a ambiguidade do objecto que despoleta a revelação de Aquiles: um escudo, elemento masculino que é, em simultâneo, feminino, por ter, aqui, a função de um espelho.

²⁰⁵ Isto é, em traje feminino.

²⁰⁶ Aqui, ao contrário do que sucede em I, 656, a referência ao céu deve estar relacionada com Júpiter, e já não com Úrano, atendendo à estratégia de menorização da influência materna seguida por Ulisses. Ainda assim, a referência ao mar mantém-se associada a Oceano, avô de Tétis. A menção a Quíron serve para apelar aos valores que Aquiles dele recebera. Ulisses concebe, então, uma linhagem de Aquiles em que os antepassados divinos e o centauro estão ao centro, a par da figura paterna, que emerge progressivamente, à medida que Aquiles vai tomando posse da sua identidade guerreira; Tétis, por sua vez, é relegada para segundo plano, como um pormenor de função negativa.

²⁰⁷ Repare-se na abundância de pronomes pessoais, nos versos I, 868-871, que salienta a predestinação da ida de Aquiles para Tróia.

heia, abrumpe moras! sine perfida palleat Ide,
 et iuuet haec audire patrem, pudeatque dolosam
 sic pro te timuisse Thetin.' iam pectus amictu
 875 laxabat, cum grande tuba sic iussus Agyrtas
 insonuit; fugiunt disiectis undique donis
 inplorantque patrem commotaque proelia credunt.
 illius intactae cecidere a pectore uestes,
 iam clipeus breuiorque manu consumitur hasta—
 880 mira fides—Ithacumque umeris excedere uisus
 Aetolumque ducem: tantum subita arma calorque
 Martius horrenda confundit luce penates.
 inmanisque gradu, ceu protinus Hectora poscens,
 stat medius trepidante domo, Peleaque uirgo
 885 quaeritur. Ast alia plangebant parte reiectos
 Deidamia dolos, cuius cum grandia primum
 lamenta et notas accepit pectore uoces,
 haesit et occulto uirtus infracta calore est.
 demittit clipeum regisque ad limina uersus
 890 attonitum factis inopinaque monstra pauentem,
 sicut erat, nudis Lycomedem adfatur in armis:
 'Me tibi, care pater—dubium dimitte pauorem—,
 me dedit alma Thetis: te pridem tanta manebat
 gloria; quaesitum Danais tu mittis Achillem,

Vamos, acaba com a demora! Permite que empalideça o pérfido Ida,
e que teu pai se compraza ao ouvir os relatos, e que a dolosa Tétis
se envergonhe de ter temido por ti a este ponto.» Do peito já soltava
875 o manto, quando Agirtes, conforme ordenado, fez soar a tuba
a bom som. Todas fogem, dispersando por toda a parte os presentes,
e fazem súplicas ao pai, acreditando estar iniciado um combate²⁰⁸.
As vestes caíram intactas do peito de Aquiles,
o escudo e a lança, agora pequena, mirram em suas mãos²⁰⁹ –
880 admirável portento! – e ele parece exceder em estatura o Ítaco
e o chefe etólio: a tal ponto as armas súbitas e o ardor
de Marte conturbam aquele lar com luz horrenda²¹⁰.
Em medonha pose, como se fosse combater Heitor naquele momento,
está fixo no centro do palácio alvoroçado, e em vão se procura
885 a filha de Peleu. Mas, noutra parte, pranteava Deidamia
o ardil desvendado, e assim que Aquiles ouviu
o seu profundo plangor e reconheceu no coração a voz familiar,
hesitou, e a bravura foi quebrada pelo ardor oculto²¹¹.
Larga o escudo e, encaminhando-se para os aposentos do rei,
890 que estava atordoado pelo sucedido e assombrado perante os súbitos prodígios,
dirige a palavra a Licomedes tal como estava, trajando apenas armas:
«Sou eu, ó paiamado – afasta os teus medos e anseios –,
eu, quema mãe Tétis te confiou. Há muito que te estava reservada
uma glória imensa: és tu quem envia aos Dánaos o tão procurado Aquiles,

²⁰⁸ O estratagema da tuba serve para que Aquiles, pensando ser anunciado um ataque, tome armas e se prepare para o combate, traindo a sua verdadeira identidade.

²⁰⁹ A lança parece, agora, pequena, na mão robusta de Aquiles. Heslin propõe que *breviorque manu consumitur hasta* seja uma “piada fálca”: “a lança mais curta é coberta pela sua mão”, visto que, caídas as vestes, Aquiles terá ficado nu (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, p. 241).

²¹⁰ Aquiles sofre uma metamorfose que inverte as transformações que Tétis nele operara, em I, 325-331. No entanto, Estácio apresenta-a como simultaneamente objectiva e subjectiva: de facto, as vestes caem intactas e as armas tornam-se curtas em comparação com o tamanho dos membros do herói, acontecimentos decorrentes do seu crescimento físico; no entanto, as transformações são também representadas como mera aparência (*uisus*) e atribuídas a uma espécie de ilusão de óptica resultante da iluminação do local.

²¹¹ O conflito interno de Aquiles, que opõe *uirtus* e *calor/ardor*, tornará a manifestar-se em II, 29-30.

895 gratior et magno, si fas dixisse, parente
et dulci Chirone mihi. sed corda parumper
huc aduerte libens atque has bonus accipe uoces:
Peleus te nato socerum et Thetis hospita iungunt
adlegantque suos utroque a sanguine diuos.
900 unam uirgineo natarum ex agmine poscunt:
dasne? an gens humilis tibi degeneresque uidemur?
non renuis? iunge ergo manus et concipe foedus
atque ignosce tuis. tacito iam cognita furto
Deidamia mihi; quid enim his obstare lacertis,
905 qua potuit nostras possessa repellere uires?
me luere ista iube; pono arma et reddo Pelasgis
et maneo. quid triste fremis? quid lumina mutas?
iam socer es'—natum ante pedes prostrauit et addit—
'iamque auus. inmitis quotiens iterabitur ensis,
910 turba sumus.' tunc et Danai per sacra fidemque
hospitii blandusque precum compellit Ulixes.
ille, etsi carae conperta iniuria natae
et Thetidis mandata mouent prodique uidetur
depositum tam grande deae, tamen obuius ire
915 tot metuit fatis Argiuaque bella morari;
fac uelit: ipsam illic matrem spreuisset Achilles.
nec tamen abnuerit genero se iungere tali:

895 tu, que me és mais caro – se lícito é dizê-lo – do que meu grande pai
e o doce Quíron. Mas, por um instante, volve para mim
o coração propício, e ouve benévolo estas palavras:
Peleu e Tétis, tua hóspede, unem-te, enquanto sogro, a seu filho,
e asseveram a sua ascendência divina de ambos os lados²¹².

900 Do virgíneo conjunto das tuas filhas, pedem-te uma:
concede-la? Ou parecemos-te estirpe baixa e indigna?
Não recusas? Junta, então, as nossas mãos, firma a união,
e perdoa aos teus. Deidamia já é para mim conhecida²¹³, em virtude
de um amor secreto. Pois o que poderia conter estes braços?

905 Uma vez em minha posse, como poderia repelir a minha força?
Ordena-me que expie os meus actos. Deponho as armas, devolvo-as
aos Pelasgos e aqui fico²¹⁴. Porque brames, taciturno? Porque muda teu olhar?
Já és meu sogro» – pausa o filho aos seus pés, e acrescenta –
«E já és avô. Quantas vezes será usada a espada cruel!

910 Já somos um grupo!»²¹⁵ Agora também os Dánaos, apelando ao sacro dever
da hospitalidade, e Ulisses, com brandas súplicas, tentam impelir o rei.
Ele, embora movido pela descoberta do agravo à filha amada
e pelos preceitos de Tétis, embora lhe pareça ser traído
o tão grande penhor da deusa, teme, contudo, opor-se

915 a tantos decretos do destino, e retardar a guerra dos Argivos.
Suponha-se que o quisesse: então Aquiles teria desprezado a própria mãe;²¹⁶
e, afinal, não recusaria unir-se a semelhante genro:

²¹² Recuperada a sua vocação heróica, Aquiles identifica-se, pela primeira vez, pelonome do seu pai, apresentação que convém a um herói épico.

²¹³ *Cognita*, sentido bíblico.

²¹⁴ Não se trata de uma decisão, apenas de uma fórmula oratória não comprometedora, com vista a estabelecer que, a ter lugar uma punição, deve ser ele, e não Deidamia, a sofrê-la.

²¹⁵ Duas interpretações plausíveis: a) se Licomedes decidir punir os infractores com a morte, terá de usar a espada três vezes (Aquiles, Deidamia e Neoptólemo); b) Aquiles está a referir-se ao desejo de prole masculina expresso por Licomedes em I, 780 – nascido Neoptólemo, será uma *turba* a honrar pela espada a casa de Licomedes. Pendemos para a segunda interpretação, embora a tradução aqui apresentada dê conta de ambas as possibilidades.

²¹⁶ Embora presente em todos os manuscritos, este verso tem sido questionado por certos editores (cf. Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 140). A ser autêntico, trata-se da continuação da linha de raciocínio de Licomedes.

uincitur. arcanis effert pudibunda tenebris
Deidamia gradum, ueniae nec protinus amens
920 credit et opposito genitorem placat Achille.
Mittitur Haemoniam, magnis qui Pelea factis
impleat et classem comitesque in proelia poscat.
nec non et geminas regnator Scyrius alnos
deducit genero uiresque excusat Achiuis.
925 tunc epulis consumpta dies, tandemque resectum
foedus et intrepidus nox conscia iungit amantes.
Illius ante oculos noua bella et Xanthus et Ide
Argolicaeque rates, atque ipsas cogitat undas
auroramque timet. cara ceruice mariti
930 fusa noui lacrimas iam soluit et occupat artus:
'Aspiciamne iterum meque hoc in pectore ponam,
Aeacide? rursusque tuos dignabere portus,
an tumidus Teucrosque lares et capta reportans
Pergama uirgineae noles meminisse latebrae?
935 quid precer, heu! timeamue prius? quidue anxia mandem,
cui uix flere uacat? modo te nox una deditque
inuiditque mihi. thalamis haec tempora nostris?
hicne est liber hymen? o dulcia furta dolique,

dá-se por vencido. Da recôndita escuridão, sai Deidamia,
 com o rubor da vergonha, e, fora de si, não crê de imediato
 920 no perdão, e tenta aplacar o pai, escondendo-se atrás de Aquiles²¹⁷.
 É enviado para a Hemónia um mensageiro que anuncie a Peleu
 estes notáveis acontecimentos e peça naus e homens para a guerra.
 Além disso, também o rei de Ciro lança ao mar dois navios
 para o genro, desculpando-se aos Aqueus pelas suas débeis forças.
 925 O restante dia foi consumido em banquetes; por fim, foi oficializado
 o enlace, e a noite confidente une os amantes serenos.
 Diante de seus olhos estão novas guerras, o Xanto,
 o Ida e as naus argólicas; imagina as próprias ondas
 e teme a aurora²¹⁸. Derramada em torno do pescoço amado
 930 do novo marido, já verte lágrimas, e aperta o seu corpo²¹⁹:
 «Voltarei a ver-te, e a deitar-me no teu peito,
 ó Eácida? Tornarás a julgar digno este teu abrigo, ou,
 quando, altivo, trouxeres como troféu os lares teucros
 e Pérgamo subjugada, quererás esquecer o refúgio virginal?
 935 Ai! o que devo pedir, outemer, primeiro? O que devo aconselhar, na minha angústia,
 quando mal tenho tempo para chorar? Agora mesmo, uma só noite
 te me deu, e já te me recusa. É esta a duração do nosso casamento?
 É este um livre matrimónio? Oh, doce amor secreto, doces ardis!

²¹⁷ Pode-se entender *opposito Achille* literalmente (Deidamia esconde-se atrás de Aquiles, com receio do pai), metaforicamente (Deidamia coloca em Aquiles a responsabilidade dos acontecimentos), ou de ambas as formas, visto não serem exclusivas.

²¹⁸ A ambiguidade de *illius* impede o leitor de identificar o sujeito dos versos I, 927-928, até que *auroramque timet* denuncia que se trata de Deidamia. É possível que Estácio tenha concebido esta ambiguidade deliberadamente, atribuindo uma mesma antecipação a dois sujeitos e, portanto, a dois estados de espírito – a guerra surge a Aquiles como uma perspectiva estimulante, e a Deidamia, como causa de receio e inquietação. Então, por corresponder, possivelmente, ao desígnio do poeta, decidimos conservar a ambiguidade na tradução.

²¹⁹ O *propempticon* de Deidamia segue uma tradição com longas raízes na tradição épica, desde a despedida de Heitor e Andrómaca, representada em Hom., *Il.*, VI, 369-502. Estácio renuncia, no entanto, ao tom patético-trágico característicos desta cena-tipo, em favor de uma coloração elegíaca. Com efeito, são abundantes os paralelos verbais e contextuais entre este discurso de Deidamia e as *Heroides* de Ovídio, de tal modo que a personagem de Estácio não nos surge como outra coisa que não uma *herois* ovidiana.

o timor! abripitur miserae permissus Achilles.

940 i—neque enim tantos ausim reuocare paratus—,
i cautus, nec uana Thetin timuisse memento,
i felix nosterque redi! nimis improba posco:
iam te sperabunt lacrimis planctuque decorae
Troades optabuntque tuis dare colla catenis
945 et patriam pensare toris, aut ipsa placebit
Tyndaris, incesta nimium laudata rapina.
ast egomet primae puerilis fabula culpae
narrabor famulis aut dissimulata latebo.
quin age, duc comitem; cur non ego Martia tecum

Oh, medo! Agora que me é concedido, infeliz que sou, eis que me é arrebatado Aquiles²²⁰.
 940 Vai, pois não ousarei retardar tão grandes preparações;
 vai com cuidado, e lembra-te de que Tétis não temeu em vão;
 vai ditoso²²¹, e volta para nós²²²! Mas, atrevida, peço-te em demasia²²³:
 em breve as formosas Troianas, entre lágrimas e queixumes,
 terão esperança em ti²²⁴, e desejarão entregar o pescoço às tuas correntes,
 945 e remir no leito a pátria perdida²²⁵, ou agradecer-te-á a própria
 filha de Tíndaro²²⁶, demasiado afamada por seu ímpio rapto²²⁷.
 Mas eu própria serei referida às tuas servas como uma história
 das primeiras faltas da juventude, ou, negligenciada, cairei no esquecimento²²⁸.
 Então vamos, leva-me como companheira! Porque não haverei eu

²²⁰ A partida do amado é uma causa comum para a aflição que caracteriza a *relicta* elegíaca (cf., em particular, Laodamia, em *Ov., Her., 7ss.*, e Aretusa, em *Prop., IV, 3, 11ss.*). Ao contrário de outras *heroides*, Deidamia não repreende Aquiles pelos acontecimentos, apenas desdenha as circunstâncias, mostrando vontade de regressar aos tempos do seu amor clandestino, já que o casamento, embora tenha oficializado o amor, apenas ocasionou a separação dos amantes.

²²¹ A tripla anáfora dos versos I, 940-942 (*i...i...i...*) é um dispositivo catuliano (cf. *Catull., LXIV, 19-21, 39-41, 63-65, 257-259*). Estácio aprofunda o efeito estilístico, terminando a frase com *redi*.

²²² *Nosterque redi*: embora *noster* possa ser lido como um plural majestático, preferimos ver, aqui, uma referência à colectividade de que Aquiles faz, agora, parte (juntamente com Deidamia e Neoptólemo).

²²³ Baseando-se em *Stat., Theb., XI, 505s. (non improba posco uota)*, Dilke entende, aqui, *improba* como ac. pl. (Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 142). Preferimos, no entanto, ver nessa palavra um nom. sg. fem., aposto do sujeito, Deidamia.

²²⁴ Ou, em alternativa, “em breve as Troianas, formosas devido às lágrimas e queixumes, terão esperança em ti”, tradução que permite recuperar o tema tipicamente ovidiano das manifestações de dor como fonte de charme feminino (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 278).

²²⁵ O ciúme, também demonstrado por Deidamia, é um traço típico das *heroides* ovidianas (cf. *Ov., Her., I, 75-78; II, 103-106; XII, 175-177; Penélope, Fílis e Medeia, respectivamente*), e a hipótese aqui receada por Deidamia está envolta numa ironia antecipadora que também não é alheia a Ovídio, na representação das suas *relictae* (cf. *Ov., Her., I, 75-76*). Será, mais notavelmente, Briseida, a confirmar as preocupações de Deidamia.

²²⁶ A *uituperatio* de Helena, motivo frequente nas *Heroides* de Ovídio (V, 125-132; XIII, 45-47). Aqui, é possível ver uma alusão proléptica ao encontro de Aquiles e Helena nos Campos Elísios, representado em algumas tradições (e.g., *Eur., Andr., I, 945-946*), e, ainda, sinal de que a narrativa da *Aquileida* se estenderia até esse momento, embora tal não se afigure estritamente forçoso.

²²⁷ Deidamia alude anacronicamente à fama literária de Helena, um indício de consciência meta-literária, segundo Ripoll (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 278), dispositivo recorrente nas *Heroides* (cf. I, 84).

²²⁸ Novo sinal da consciência meta-literária de Deidamia: a confirmação dos seus receios é feita pelo silêncio homérico a seu propósito.

950 signa feram? tu thyrsa manu Baccheaque mecum
sacra, quod infelix non credet Troia, tulisti.
attamen hunc, quem maesta mihi solacia linquis,
hunc saltem sub corde tene et concede precanti
hoc solum, pariat ne quid tibi barbara coniunx,
955 ne qua det indignos Thetidi captiua nepotes.'
taliam dicentem non ipse inmotus Achilles
solatur iuratque fidem iurataque fletu
spondet et ingentis famulas captumque reuersus
Ilion et Phrygiae promittit munera gazae.
960 irrita uentosae rapiebant uerba procellae.

950 de conduzir os estandartes de Marte, a teu lado?²²⁹ Comigo tu empunhaste tirsos²³⁰
e os sacros objectos de Baco, algo em que Tróia desventurada não poderá crer.
Mas este, que deixas nos meus braços como triste consolo,
pelo menos este, leva-o no teu coração, e concede à que te suplica
isto apenas: que nenhuma esposa bárbara gere para ti filhos,
955 que nenhuma cativa dê a Tétis netos indignos.»
Assim dizendo, Aquiles, ele próprio comovido,
consola-a e jura-lhe fidelidade, afiançando com lágrimas
os seus juramentos, e promete-lhe, no regresso, servas distintas,
Ílion capturada e dádivas do tesouro da Frígia.
960 Palavras vãs, levadas pelas ventosas procelas²³¹.

²²⁹ Esta proposta de Deidamia tem raízes em Prop., IV, 3, 43-48, poema que constitui o mais imediato precursor das *Heroides* de Ovídio.

²³⁰ Depois de oito utilizações de *thyrsus*, *-i*, ao longo da obra, Estácio usa, aqui, o aparentemente heteróclito *thyrsus*, *-a*, um hápax latino, embora decorrente da forma grega atestada θύρσα. Acreditamos que o intuito do poeta seja a contraposição com *signum*, *-a*, palavra também neutra. Os epítetos *Martia* e *Bacchea* permitem, também, elucidar este desígnio: *Martia signa* e *Bacchea thyrsa* simbolizam a dicotomia entre o mundo feminino e erótico e o mundo masculino e bélico.

²³¹ Frase de inspiração evidentemente catuliana: cf. Catull., LXIV, 59, *irrita uentosae linquens primissa procellae*, a propósito de Teseu e do abandono de Ariadne. As promessas de Aquiles, como as de Teseu, ficarão por cumprir, como confirma a tradição literária.

II

Exiit implicitum tenebris umentibus orbem
Oceano prolata dies, genitorque coruscae
lucis adhuc hebetem uicina nocte leuabat
et nondum excusso rorantem lampada ponto.

5 et iam punicea nudatum pectora palla
insignemque ipsis, quae prima inuaserat, armis
Aeaciden--quippe aura uocat cognataque suadent
aequora--prospectant cuncti iuuenemque ducemque
nil ausi meminisse pauent; sic omnia uisu

10 mutatus rediit, ceu numquam Scyria passus
litora Peliacoque rates escendat ab antro.
tunc ex more deis--ita namque monebat Ulixes--
aequoribusque austrisque litat fluctuque sub ipso
caeruleum regem tauro ueneratur auumque

15 Nerea: uittata genetrix placata iuuenca.
hic spumante salo iaciens tumida exta profatur:
'Paruimus, genetrix, quamquam haut toleranda iuberes,
paruimus nimium: bella ad Troiana ratesque
Argolicas quaesitus eo.' sic orsus et alno

20 insiluit penitusque Noto stridente propinquis
abripitur terris: et iam ardua ducere nubes
incipit et longo Scyros discedere ponto.
Turre procul summa lacrimis comitata sororum

II

Ascendendo do Oceano, o dia vem despir o orbe das trevas húmidas
em que estava envolto, e o pai da luz cintilante
ergue o seu archote, ainda lânguido pela proximidade da noite
e orvalhado por água do mar que ainda não havia sacudido.

- 5 E o Eácida todos contemplam, agora com o peito liberto do manto purpúreo
e eminente nas mesmas armas de que antes se apoderara –
pois o vento o invoca, e o mar, seu parente, o impele –,
e temem-no como mancebo e como chefe,
nada ousando relembrar; de tal modo regressou, em tudo
10 diferente ao olhar, como se nunca houvesse suportado
as costas de Ciros, como se embarcasse do antro do Pélion²³².
Então, segundo o costume, sacrifica aos deuses – pois assim
aconselhava Ulisses –, às águas e aos ventos austrais, e, à beira das ondas,
honra com um touro o senhor do reino cerúleo e o seu avô,
15 Nereu; sua mãe é aplacada com uma novilha ornada de faixas.
Aqui, toma a palavra, lançando às espumosas vagas as vísceras intumescidas:
«Obedeci-te, ó mãe, ainda que me impusesses ordens intoleráveis,
obedeci-te em demasia: solicitado, parto para a guerra de Tróia
e para as naus argólicas.» Tendo assim falado, dá um salto
20 para o navio, e é arrebatado para longe da costa propínqua
pelo Noto sibilante²³³; já as montanhas começam a cobrir-se
de nuvens, e Ciros a desaparecer na imensidão do mar²³⁴.
Ao longe, do alto da torre, rodeada pelas lágrimas das irmãs,

²³² Os primeiros versos do livro II surgem como um encerrar de parêntesis a propósito da estadia de Aquiles em Ciros. Tal como o Sol se ergue das trevas, assim também Aquiles emerge da fase tenebrosa e de olvido heróico narrada no primeiro livro.

²³³ Novamente, os nomes dos ventos são utilizados sem referência à sua direcção: o Noto e o Austro (II, 13) levariam as naus até Tróia, mas sabe-se, no entanto, que seria Áulide a seguinte paragem de Aquiles e dos Aqueus.

²³⁴ Preferimos, em discordância com a generalidade dos editores e tradutores, ler *ardua* como substantivo, e não como adjectivo construído com *Scyros*.

commissumque tenens et habentem nomina Pyrrhum
25 pendebat coniunx oculisque in carbasa fixis
ibat et ipsa freto, et puppem iam sola uidebat.
ille quoque obliquos dilecta ad moenia uultus
declinat uiduamque domum gemitusque relictæ
cogitat: occultus sub corde renascitur ardor
30 datque locum uirtus. sentit Laertius heros
maerentem et placidis adgressus flectere dictis:
'Tene' inquit, 'magnæ uastator debite Troiæ,
quem Danaæ classes, quem diuum oracula poscunt,
erectumque manet reserato in limine Bellum,
35 callida femineo genetrix uiolauit amictu
commisitque illis tam grandia furta latebris
sperauitque fidem? nimis o suspensa nimisque
mater! an hæc tacita uirtus torperet in umbra,
quæ uix audito litui clangore refugit
40 et Thetin et comites et quos suppresserat ignes?
nec nostrum est, quod in arma uenis sequerisque precantis;
uenisses--' dixit; quem talibus occupat heros
Aeacius: 'Longum resides exponere causas
maternumque nefas; hoc excusabitur ense
45 Scyros et indecores, fatorum crimina, cultus.

segurando o penhor que lhe fora afiançado, de nome Pirro²³⁵,
25 pendia a esposa; com olhos fixos nas velas,
ela própria navegava sobre o mar, e já só ela via o navio.
Também ele volta o rosto para as amadas muralhas,
furtivamente, e pensa no lar deserto e nos prantos daquela
que abandonou: a chama oculta renasce em seu coração,
30 e o valor esmorece²³⁶. O herói laércio percebe-o lamentoso,
e procura elevar-lhe o ânimo com palavras brandas:
«És tu, ó destinado assolador da magna Tróia²³⁷,
reclamado pela armada dos Dánaos e por divinos oráculos,
por quema Guerra instigada aguarda, na soleira do seu templo²³⁸,
35 és tu aquele que uma mãe astuta ultrajou com fêmeo traje,
e confiou àquele esconderijo um tão grande segredo,
esperando que secreto se mantivesse? Oh, demasiado inquieta,
demasiado mãe! Acaso poderia entorpecer, no silêncio do esquecimento,
este valor, que, mal tendo ouvido o clangor da trombeta, logo fugiu
40 de Tétis e das companheiras, e da chama que havia ocultado?
Não é obra nossa que venhas em armas e anuas às nossas súplicas:
terias vindo, inevitavelmente—» Assim falava, mas o herói eácio interrompe-o
com estas palavras: «Seria moroso expor as causas da minha delonga
e a ilícita conduta de minha mãe; por esta espada será Ciros justificada,
45 e a indignidade daquelas vestimentas, atentados contra os Fados.

²³⁵ Única menção ao nome do filho de Aquiles e Deidamia: Estácio usa Pirro, ainda que Neoptólemo seja o nome mais frequente na tradição. O nome Pirro pode provir de *πυρρός*, devido à cor de cabelo tradicionalmente atribuída a Aquiles. Em alternativa, pode dever-se ao nome adoptado por Aquiles enquanto rapariga, Pirra (versão avançada por Pausânias, X, 26, 1, e por Higino, XCVI, 1, *et al.*) No entanto, é provável que, inversamente, o nome Pirra seja uma invenção posterior, baseada em Pirro.

²³⁶ Os versos II, 23-30 retomam, num curto espaço, a tonalidade elegíaca característica do livro anterior. O motivo da *relict*a que observa a nau do amado partindo remonta à Ariadne de Catulo (LXIV, 126-127) e à Dido de Vergílio (*Aen.*, IV, 586-587), e a sua reapropriação pela elegia dá-se, sobretudo, nas *Heroides* de Ovídio (II, 91s.; V, 55s.; VI, 65-72; X, 25-46; XII, 55-56; XIII, 17-24), de onde Estácio retira, também, o motivo da amante que, pelo seu amor, é a última a conseguir discernir o navio desaparecendo no horizonte.

²³⁷ Ulisses apela a uma possível etimologia para o nome de Aquiles: *ἄχος Ἰλιεῦσιν*, “sofrimento para os Troianos” (Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 175-181).

²³⁸ Referência implícita ao templo de Jano.

tu potius, dum lene fretum Zephyroque fruuntur
carbasa, quae Danais tanti primordia belli,
ede: libet iustas hinc sumere protinus iras.'

Hic Ithacus paulum repetito longius orsu:

50 'Fertur in Hectorea, si talia credimus, Ida
electus formae certamina soluere pastor
sollicitas tenuisse deas, nec torua Mineruae
ora nec aetherii sociam rectoris amico
lumine, sed solam nimium uidisse Dionen.

55 atque adeo lis illa tuis exorta sub antris
concilio superum, dum Pelea dulce maritat
Pelion, et nostris iam tunc promitteris armis.
ira quatit uictas; petit exitialia iudex
praemia; raptori faciles monstrantur Amyclae.

60 ille Phrygas lucos, matris penetralia caedit
turrigerae uetitasque solo procumbere pinus
praecipitat terrasque freto delatus Achaeas
hospitis Atridae--pudet heu miseretque potentis
Europae!--spoliat thalamos, Helenaque superbus

65 nauigat et captos ad Pergama deuehit Argos.
inde dato passim uarias rumore per urbes,

Antes dá-me tu a conhecer, enquanto o mar está sereno e as velas
se regalam com o Zéfiro, a origem de tamanha guerra
para os Dánaos: agradar-me-ia, agora, daí retirar uma justa ira.»
Aqui, o Ítaco, voltando um pouco atrás na história:

50 «Diz-se que, no Ida de Heitor, se em tal podemos acreditar,
um pastor, escolhido para resolver um concurso de beleza,
inquietou as deusas, e que não olhou com olhos favoráveis
para o severo semblante de Minerva, nem para a companheira
do etéreo soberano, mas que só tinha olhos para Dione²³⁹.

55 E, na verdade, aquela disputa teve origem nos teus antros,
numa reunião dos supernos, enquanto o grato Pélion dava Peleu
em casamento, e tu já eras prometido às nossas armas²⁴⁰.

A ira agita as derrotadas; o juiz reclama a sua funesta
recompensa; ao raptor é indicada Amiclas indefesa.

60 Ele abate os bosques frígios, santuários da deusa-mãe
coroadada de torres²⁴¹, pinheiros de abate interdito²⁴²
deita por terra e, levado pelo pélagos às terras aqueias,
despoja o leito do Atrida, seu anfitrião – ai, vergonha
e compaixão pela potente Europa! –; navega orgulhoso

65 por ter Helena, e até Pérgamo conduz Argos capturada.
Então, espalhado o rumor em todas as direcções, pelas várias cidades,

²³⁹ Vénus, cuja mãe era Dione.

²⁴⁰ Depois de fazer as causas da guerra remontarem ao concurso das deusas, Ulisses faz o concurso remontar ao casamento de Peleu e Tétis (Éris, a Discórdia, por não ter sido convidada, lançou a sua maçã dourada para a mais bela das deusas, o que deu origem à querela, conforme Hyg., *Fab.*, 92). Isto permite a Ulisses colocar em paralelo as géneses da guerra e do próprio Aquiles – ambos têm origem nas núpcias de Peleu e Tétis e, como tal, ambos os destinos se entrecruzam.

²⁴¹ Cíbele.

²⁴² Duas lições possíveis: a) *ueritas procumbere* “receosos de se prostrarem”, defendida por Dilke, Rosati e Shackleton Bailey; b) *uetitas procumbere* “impedidos de serem prostrados” (Méheust, Ripoll-Soubiran, Edwards-Hall-Ritchie). Dilke adopta a lição a), mas não apresenta qualquer argumento a seu favor, a não ser o facto de *ueritas* ser “mais poético”; apresenta, pelo contrário, um argumento contra a sua adopção: o manuscrito P, o único em que se lê *ueritas* substitui, erroneamente, *uet-* por *uer-* em duas ocasiões (Dilke, O.A.W. (ed.), *Staius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954, p. 145). Entendemos, com Ripoll-Soubiran, que *uetitas* reforça a ideia de sacrilégio já presente em *lucos e penetralia* (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 288), motivo por que divergimos, neste ponto, da edição de Dilke.

undique inexciti sibi quisque et sponte coimus
ultores: quis enim inlicitis genialia rumpi
pacta dolis facilique trahi conubia raptu
70 ceu pecus armentumue aut uilis messis aceruos
perferat? haec etiam fortes iactura moueret.
non tulit insidias diuum imperiosus Agenor
mugitusque sacros et magno numine uectam
quaesiit Europen aspernatusque Tonantem est
75 ut generum; raptam Scythico de litore prolem
non tulit Aetes ferroque et classe secutus
semideos reges et ituram in sidera puppim:
nos Phryga semiuirum portus et litora circum
Argolica incesta uolitantem puppe feremus?
80 usque adeo nusquam arma et equi, fretaque inuia Grais?
quid si nunc aliquis patriis rapturus ab oris
Deidamian eat uiduaque e sede reuerrat
attonitam et magni clamantem nomen Achillis?
illius ad capulum rediit manus ac simul ingens
85 inpulit ora rubor; tacuit contentus Ulixes.

de todas as partes, não incitados, mas cada um por si e de sua própria vontade,
 nos reunimos como vingadores²⁴³: pois quem aceitaria
 que o contrato nupcial fosse violado por insídias ilícitas, e que esposas
 70 fossem arrastadas em fácil rapto, como gado ou rebanhos
 ou meras pilhas de trigo? Mesmo essa perda agitaria homens fortes²⁴⁴.
 O imperioso Agenor não tolerou divinos ardis
 e os sacros mugidos, e procurou Europa, levada
 pelo poderoso nume, recusando o Tonante
 75 como genro²⁴⁵; Eetes não admitiu uma filha raptada
 das costas da Cítia, e em armas perseguiu com a armada
 os chefes semidivinos²⁴⁶ e a nau às estrelas destinada²⁴⁷:
 consentiremos nós que um semi-homem frígio²⁴⁸ vagueie
 em torno dos portos e das costas argólicas, com sua ímpia nau?
 80 Estaremos tão desprovidos de armas e cavalos? Será o mar impenetrável aos Gregos?²⁴⁹
 E se, agora, alguém viesse raptar Deidamia
 das costas paternas, e a arrancasse do seu lar vazio,
 apavorada, e clamando o nome do grande Aquiles?»
 Aquele leva a mão ao punho da espada e, ao mesmo tempo,
 85 um intenso rubor lhe invade o rosto. Ulisses, satisfeito, nada mais diz.

²⁴³ O juramento de Tíndaro, segundo o qual todos os pretendentes de Helena teriam de prestar auxílio ao marido escolhido, no caso de um agravo ao casamento, não é aqui mencionado, e a reacção dos Aqueus surge como indignação moral.

²⁴⁴ O referente de *haec iactura* é incerto: pode tratar-se do rapto de Helena (“semelhante perda agitaria até os homens fortes”); ou, pelo contrário, da comparação hipotética dos versos anteriores (“até essa perda [de gado e trigo] agitaria os fortes”). Pendemos para a segunda hipótese, uma vez que condiz com a estratégia de agravamento retórico visada por Ulisses. Além disso, o conjuntivo imperfeito de *moueret* sugere uma acção conjectural, como a do roubo de gado e alimentos, e não efectiva, como é o rapto de Helena.

²⁴⁵ Disfarçado de touro, Júpiter rapta Europa, e seu pai, Agenor, envia os filhos à sua procura (cf. *Ov., Met., I*, 833ss.).

²⁴⁶ Segundo Apolónio de Rodes, Eetes, rei da Cólquida, ordena a perseguição dos Argonautas, após a fuga de Jasão e Medeia, sua filha (cf. *Ap. Rhod., Argon., IV*, 212ss.).

²⁴⁷ AArgo, nau dos Argonautas, foi transformada numa constelação, após a expedição (cf. *Val. Fl., I*, 4).

²⁴⁸ Os homens asiáticos eram proverbialmente efeminados. Aqui, *semiuirum* forma uma forte antítese com *semideos*, quereforça o propósito retórico de Ulisses.

²⁴⁹ Note-se as quatro elisões presentes neste verso, que reforçam o carácter veemente e exasperado do discurso de Ulisses.

Excipit Oenides: 'Quin, o dignissima caeli
progenies, ritusque tuos elementaque primae
indolis et, ualida mox accedente iuuenta,
quae solitus laudum tibi semina pandere Chiron
90 uirtutisque aditus, quas membra augere per artes,
quas animum, sociis multumque fauentibus edis?
sit pretium longas penitus quaesisse per undas
Scyron et his primum me arma ostendisse lacertis.'
Quem pigeat sua facta loqui? tamen ille modeste
95 incohat, ambiguus paulum propiorque coacto:
'Dicor et in teneris et adhuc reptantibus annis,
Thessalus ut rigido senior me monte recepit,
non ullos ex more cibos hausisse nec almis
uberibus satiasset famem, sed spissa leonum
100 uiscera semianimis lupae traxisse medullas.
haec mihi prima Ceres, haec laeti munera Bacchi,
sic dabat ille pater. mox ire per inuia secum
lustra gradu maiore trahens uisisque docebat

Prossegue o Enida²⁵⁰: «Porque não expões, ó mais valoroso descendente do céu, aos teus benquerentes companheiros, os teus costumes e os rudimentos da tua natureza original, e, depois, aproximando-se o vigor da juventude, que sementes de glória usava Quíron mostrar-te, que via para o valor, e com que artes te fortalecia os membros e o espírito? Seja essa a minha recompensa por haver procurado Ciros de tão longe, por longas vagas, e por ter sido o primeiro a mostrar armas a esses braços.»²⁵¹

A quem pesaria narrar os próprios feitos? No entanto, ele começa modestamente, um pouco hesitante e como que coagido²⁵²:

«De mim se diz que, até nos tenros anos em que ainda gatinhava, quando o téssalo ancião me acolheu no monte austero, não consumia alimento costumeiro, nem saciava a fome em seios fecundos²⁵³, mas sorvia espessas entranhas de leões e a medula de lobas semiânimes²⁵⁴.

Foi este o meu primeiro pão, estes os dons do ledó Baco²⁵⁵, assim me alimentava aquele pai. Logo me ensinou a ir consigo pelos bosques impenetráveis, arrastando-me com seu largo passo,

²⁵⁰ Diomedes, neto de Eneu.

²⁵¹ Depois de uma narração sintética acerca das causas da guerra (*primordia belli*), Diomedes pede a Aquiles uma resenha autobiográfica (*ritus elementaque indolis*). Segundo Ripoll, devemos ver nesta sequência um sinal da dualidade vergiliana expressa em *arma uirumque*, isto é, da dualidade de registos abarcada pela *Eneida*, entre épica ética e patética (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 284, 291).

²⁵² Os versos II, 96-167 constituem o mais completo relato acerca da educação de Aquiles que nos chegou. Embora consista numa amálgama de elementos de diferentes autores, Estácio parece ter-se inspirado, sobretudo, na III *Nemeia* de Píndaro. É de sublinhar, também, uma vontade de estabelecer ligações intertextuais com a *Ilíada*, verificável, em particular, nas referências à proverbial velocidade de Aquiles, ao treino no rio, que antecipa a potamomaquia da *Ilíada*, às suas capacidades medicinais e musicais, também mencionadas por Homero.

²⁵³ Aqui, Estácio joga com duas etimologias alexandrinas para o nome de Aquiles: *non ullos ex more cibos hausisse* refere-se a ἄ-χιλός, “sem pasto”; por sua vez, *nec almis uberibus satiasset famem* apela à etimologia ἄ-χεῖλος, “sem lábios”, isto é, “aquele que não bebeu de leite materno” (cf. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 175-181).

²⁵⁴ Sobre a alimentação de Aquiles, cf. Robertson, D.S., “The Food of Achilles”, *The Classical Review* 54, 1940, pp. 177-180. Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005, pp. 173-175. Segundo Robertson, a alimentação de Aquiles, baseada em entranhas de animais, tem raízes na ideia, partilhada por vários povos históricos, segundo a qual as qualidades dos animais eram transferidas para o humano que consumisse as suas entranhas.

²⁵⁵ Pão e vinho, alimentos civilizados, contrapostos, aqui, à alimentação selvagem de Aquiles.

adridere feris nec fracta ruentibus undis
105 saxa nec ad uastae trepidare silentia siluae.
iam tunc arma manu, iam tunc ceruice pharetrae,
et ferri properatus amor durataque multo
sole geluque cutis; tenero nec fluxa cubili
membra, sed ingenti saxum commune magistro.
110 uix mihi bisenos annorum torserat orbes
uita rudis, uolucris cum iam praeuere ceruos
et Lapithas cogebat equos praemissaque cursu
tela sequi; saepe ipse gradu me praepete Chiron,
dum uelox aetas, campis admissus agebat
115 omnibus, exhaustumque uago per gramina passu
laudabat gaudens atque in sua terga leuabat.
saepe etiam primo fluuii torpore iubebar
ire supra glaciemque leui non frangere planta.
hoc puerile decus. quid nunc tibi proelia dicam
120 siluarum et saeuo uacuos iam murmure saltus?
numquam ille inbelles Ossaea per auia dammas
sectari aut timidas passus me cuspide lyncas
sternere, sed tristes turbare cubilibus ursos
fulmineosque sues, et sicubi maxima tigris
125 aut seducta iugis fetae spelunca leaenae.
ipse sedens uasto facta exspectabat in antro,
si sparsus nigro remearem sanguine; nec me
ante nisi inspectis admisit ad oscula telis.
iamque et ad ensiferos uicina pube tumultus
130 aptabar, nec me ulla feri Mauortis imago

e a sorrir ao ver as feras, e a não recear as rochas quebradas
105 pela violência das águas ou o silêncio da floresta profunda.
Já então de armas em mão, já então de aljava ao pescoço,
um precoce amor ao ferro, e a pele empedernida
por sole gelo em abundância; membros não amolecidos
por um leito macio, mas uma fraga em comum com meu ingente mestre.
110 A minha rude vida mal havia completado as doze
revoluções anuais, e já ele me fazia ultrapassar céleres cervos
e cavalos lápitas, e perseguir em corrida dardos arremessados;
frequentes vezes, era o próprio Quíron, com seu passo alado,
quando ainda era de idade veloz, que me perseguia por todo o campo
115 a galope, e, quando eu ficava exausto pela longa corrida nos prados,
louvava-me, exultante, e elevava-me ao seu dorso.
Frequentes vezes, também, no primeiro congelar do rio, era eu ordenado
a andar sobre o gelo sem o quebrar, com pés ligeiros²⁵⁶.
Eram estas as glórias da minha infância. Que te direi agora
120 sobre batalhas na floresta²⁵⁷ e desfiladeiros agora faltos de feros ruídos?
Nunca ele consentiu que, pelos recessos do Ossa, perseguisse
imbeles gamos²⁵⁸, ou que, com a lança, tímidos lince
abatesse, mas apenas que acozasse irascíveis ursos em seus covis
e fulmíneos javalis, e, certas vezes, era uma enorme tigresa²⁵⁹,
125 ou a recôndita gruta, no alto da serra, de uma leoa e suas crias.
Ele próprio, sentado no seu vasto antro, aguardava os meus feitos:
regressaria coberto de negro sangue? E não me admitia
ao seu beijo sem antes inspeccionar as minhas armas.
Preparava-me já para altercações armadas coma juventude
130 da vizinhança, e nenhum aspecto do fero Mavorte

²⁵⁶ *Leui planta*: alusão a um dos epítetos homéricos de Aquiles, *πόδας ὀκύς*, “de pés ligeiros”.

²⁵⁷ *Proelia siluarum*, metáfora para caça.

²⁵⁸ O que contradiz Pind., *Nem.*, III, 52.

²⁵⁹ A existência de tigres na Grécia é, evidentemente, fantasiosa.

praeteriit. didici, quo Paeones arma rotatu,
quo Macetae sua gaesa citent, quo turbine contum
Sauromates falcemque Getes arcumque Gelonus
tenderet et flexae Balearicus actor habenae
135 quo suspensa trahens libraret uulnera tortu
inclusumque suo distingueret aera gyro.
uix memorem cunctos, etsi bene gessimus, actus.
nunc docet ingentes saltu me iungere fossas,
nunc caput aerii scandentem prendere montis,
140 quo fugitur per plana gradu, simulacraque pugnae
excipere inmissos curuato umbone molares
ardentesque intrare casas peditemque uolantis
sistere quadriugos. memini, rapidissimus ibat
imbribus adsiduis pastus niuibusque solutis
145 Sperchios uiuasque trabes et saxa ferebat,

me escapava. Aprendi de que modo os Péones brandem a sua arma²⁶⁰,
 como os Macedónios arremessam o dardo²⁶¹, que rotação
 os Sármatas aplicam ao chuço²⁶², e os Getas à foice²⁶³, e como os Gelonos
 retesam o arco²⁶⁴, e de que modo o guerreiro balear, armado
 135 com ágil funda, balanceando-a ao alto, dispara o aéreo golpe²⁶⁵,
 e separa com o seu círculo o ar que o envolve²⁶⁶.
 Acusto lembro todos os meus feitos, embora bem os tenha realizado.
 Ensina-me ora a transpor com um salto ingentes fossas,
 ora a alcançar, escalando, o cume de uma aérea montanha,
 140 no mesmo andamento com que se corre na planície; em combate simulado,
 a suster com o escudo recurvo o arremesso de lajes,
 a atravessar casebres em chamas, e a travar, estando a pé,
 céleres quadrigas. Recordo-me: corria com o seu mais impetuoso fluxo
 o Esperquio, alimentado por incessante chuva e neve liquefeita,
 145 e arrastava consigo penedos e árvores ainda vivas,

²⁶⁰ A Peónia é uma região no norte da Macedónia. Segundo Ripoll, Estácio refere-se, aqui, à *sybina*, a lança dos povos ilírios (Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, pp. 299s.).

²⁶¹ O *gaesum* era um longo dardo de ferro usado pelos Gauleses e pelos povos alpinos. Uma vez utilizada por Vergílio (*Aen.*, VIII, 622), a palavra é assimilada pela tradição épica romana e destituída do seu valor étnico-regional, passando a designar, apenas, um dardo (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 300).

²⁶² Os Sármatas eram um povo das estepes. A arma invocada por Estácio (*contum*, nome comum para “lança”, “vara”, bastão”) refere-se a uma lança utilizada por cavaleiros, que a fixavam horizontalmente. Ainda que, desta vez, o contexto étnico da arma seja respeitado por Estácio, a palavra *turbine*, que designa um movimento rotativo e/ou de arremesso, denuncia o desconhecimento técnico do poeta a propósito da sua função, uma vez que a arma não era arremessada (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 300).

²⁶³ Os Getas eram um povo de origem trácia, que habitava a região do baixo Danúbio. A *falx*, lit. “foice”, era uma espada curta e recurva, típica do armamento trácio. Novamente, *turbine* é inapropriado para o manuseamento desta arma.

²⁶⁴ Os Gelonos eram um povo cita e, como todas as tribos da Cítia, eram célebres pela sua habilidade no arco (a própria palavra *Σκύθιοι* deriva de um endónimo cítico que significa “arqueiro”).

²⁶⁵ Os fundibulários das Baleares eram célebres na Antiguidade (o próprio nome “balear” deriva do verbo grego *βάλλειν*, “lançar”). *Habena*, literalmente, a correia da arma, está por funda, por metonímia. Aqui, a verosimilhança da presença dos povos baleares no contexto homérico é, evidentemente, preterida em favor do elemento pitoresco e exótico (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 300).

²⁶⁶ Os versos II, 131-136, descrição das formas de combate de diferentes povos, pertencem a um motivo épico, aqui também inspirado pela III *Nemeia* de Píndaro (60-63). Envolto em anacronismo, este passo reflecte um gosto, crescente na épica romana, pelas armas exóticas e modos de combate de povos estrangeiros, gosto influenciado, porventura, pelos combates de gladiadores, que privilegiavam semelhante exotismo (cf. Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008, p. 299).

cum me ille immissum, qua saeuior impetus undae,
stare iubet contra tumidosque repellere fluctus,
quos uix ipse gradu totiens obstante tulisset.
stabam equidem, sed me referebat concitus amnis
150 et latae caligo fugae; feros ille minari
desuper incumbens uerbisque urgere pudorem.
nec nisi iussus abi: sic me sublimis agebat
gloria, nec duri tanto sub teste labores.
nam procul Oebalios in nubila condere discos
155 et liquidam nodare palen et spargere caestus,
ludus erat requiesque mihi; nec maior in istis
sudor, Apollineo quam fila sonantia plectro
cum quaterem priscosque uirum mirarer honores.
quin etiam sucos atque auxiliantia morbis
160 gramina, quo nimius staret medicamine sanguis,
quid faciat somnos, quid hiantia uulnera claudat,
quae ferro cohibenda lues, quae cederet herbis,
edocuit monitusque sacrae sub pectore fixit
iustitiae, qua Peliacis dare iura uerenda
165 gentibus atque suos solitus pacare biformes.
hactenus annorum, comites, elementa meorum
et memini et meminisse iuuat: scit cetera mater.'

quando ele me ordena que entre, onde mais violento era o ímpeto
da corrente, e que a enfrente, rechaçando túmidas vagas,
que ele próprio mal poderia suportar, resistindo com tantos pés.
Eu tentava persistir, é certo, mas arrastava-me o buliçoso caudal
150 e a vertigem do fluxo torrencial; de cima, ele tratava de me dirigir
ferozes ameaças e de estimular a minha honra, com palavras.
E de lá não saísem antes receber ordem: de tal modo me impelia
a excelsa glória, e, diante de tão notável testemunha, não eram penosos os trabalhos.
Pois esconder discos ebálios²⁶⁷ nas nuvens longínquas
155 e aplicar as pegas em untuosa luta²⁶⁸ e desferir golpes com o cesto,
tudo isso era, para mim, repouso e divertimento; nem nestas actividades
havia maior esforço do que quando eu tocava com apolíneo plectro
as cordas sonantes e cantava com admiração as glórias dos homens de outrora.
Além disso, também me instruiu sobre seivas e ervas que curam
160 as enfermidades²⁶⁹, com que remédio fazer estancar o sangue,
o que causa o sono, o que faz sarar as feridas abertas,
que infecções devem ser contidas pelo ferro, quais cedem às ervas;
infundiu-me no coração os preceitos da sacra justiça,
pela qual usava dar leis veneráveis às gentes do Pélion²⁷⁰,
165 e domar a dúplice natureza dos seus semelhantes.
Até este ponto, companheiros, eis os primórdios dos meus anos
que recordo e me apraz recordar: o resto, sabe-o minha mãe²⁷¹.»

²⁶⁷ Possível referência ao episódio de Apolo e Jacinto, morto acidentalmente por um disco arremessado pelo deus. Jacinto era, segundo algumas tradições, filho de Ébalo, rei de Esparta (cf. *Ov., Met.*, 192-219). Em alternativa, pode tratar-se apenas de uma alusão à difusão do lançamento do disco em Esparta.

²⁶⁸ *Pale*, transliteração latina da palavra grega *πάλη*, designa a luta livre. *Liquida* refere-se aos corpos untados dos lutadores. O verbo *nodare* alude, por sua vez, à utilização de pegas/chaves, na referida luta.

²⁶⁹ Referência ao conhecimento medicinal atribuído a Aquiles na *Ilíada* (XI, 831s., 846s.), de onde provém uma possível etimologia para o seu nome: *ἄχος λύνειν*, “aliviador de sofrimentos”.

²⁷⁰ A representação de Quíron como o único centauro justo e civilizado remonta à *Ilíada* (XI, 832).

²⁷¹ Em *scit cetera mater*, *cetera* está contraposto ao que Aquiles acaba de narrar. Apraz-lhe recordar a sua formação sob Quíron, mas não o que sucedeu à sua partida para Ciro. A frase final reflecte o silêncio que o protagonista pretende manter acerca dos acontecimentos narrados no primeiro livro. A referência à mãe permite ao herói atribuir-lhe total responsabilidade sobre um episódio que é vergonhoso para o seu decoro épico, e, em simultâneo,

confere ao texto extante a coerência de uma estrutura circular, uma vez que Aquiles remete novamente para o início da narrativa.

Bibliografia

1 – Edições, traduções e comentários da *Aquileida*

- Dilke, O.A.W. (ed.), *Statius, Achilleid: edited with introduction, apparatus criticus and notes*. Cambridge, 1954.
- Edwards, M.J., Hall, J.B., Ritchie, A.L. (eds.), *P. Papinius Statius. Achilleid and Thebaid*, 3 vols. Cambridge, 2007.
- Jannaccone, S. (ed.), *Statius, L’Achilleide*. Florença, 1950.
- Lombardo, S. (tr.), *Statius: Achilleid*. Indianapolis, 2015.
- Marastoni, A. (ed.), *P. Papini Stati Achilleis*. Leipzig, 1974.
- Méheust, J. (ed., tr.), *Stace: Achilléide. Texte établi et traduit*. Paris, 1971.
- Mozley, J.H. (tr.), *Statius with an English translation*, 2 vols. Harvard, 1928.
- Ripoll, F., Soubiran, J. (ed., tr.), *Stace. Achilléide*. Louvain, 2008.
- Rosati, G. (tr.), *Stazio: Achilleide. Introduzione, traduzione e note*. Milano, 1994.
- Rupprecht, H. (ed., tr.), *Achilleis. Das Lied von Achilles*. Mitterfels, 1984.
- Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Thebaid and Achilleid*, 2 vols. Harvard, 2003.
- Traglia, A., Aricò, G., *Opere di Publio Papinio Stazio*. Turim, 1980.

2 – Estudos críticos

- Albrecht, M., “Statius: The Futility of Rhetoric. Achilles under the Spell of Beauty (Achilleid I. 242-396)”, in *Roman Epic: an interpretative introduction*. Leiden, 1999, pp. 277-290.
- Aricò, G., “L’Achilleide di Stazio: tradizione letteraria e invenzione narrativa”, *ANRW II*, 32.5, 1986, pp. 2925-2964.

- Barchiesi, A., “La guerra di Troia non avrà luogo: il proemio dell'*Achilleide* di Stazio”, in *Forme della Parodia, Parodia delle Forme nel Mondo Greco e Latino* (ed. Munzi, L.). Napoli, 1996, pp. 45-62.
- Basile, A., “Alcune riflessioni sul mito di Achille: per un’interpretazione del proemio dell’*Achilleide* di Stazio”, *Giornale Italiano di Filologia* 66, 2014, pp. 195-213.
- Benker, M., *Achill und Domitian: Herrscherkritik in der “Achilleis” des Statius*. Erlangen, 1987.
- Bernabé, A. (ed.), *Poetarum epicorum graecorum testimonia et fragmenta*. Leipzig, 1987.
- Bessone, F., “*Polis, Court, Empire: Greek Culture, Roman Society, and the System of Genres in Statius’ Poetry*”, in *Flavian Poetry and its Greek Past* (ed. Augoustakis, A.). Leiden: Brill, 2014, pp. 215-233.
- Biagio Conte, G., *The Rhetoric of Imitation: Genre and Poetic Memory in Vergil and Other Latin Poets*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.
- Boyle, A.J. (ed.), *Roman Epic*. London: Routledge, 1993.
- Cameron, A., “Young Achilles in the Roman World”, *JRS* 99, 2009, pp. 1-22.
- Chinn, C., “Intertext, Metapoetry, and Visuality in the *Achilleid*”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 173-188.
- Coleman, K.M., “The Emperor Domitian and Literature”, *ANRW II*, 32.5, 1986, pp. 3087-3115.
- Coleman, K.M., “Recent Scholarship on the ‘Thebaid’ and ‘Achilleid’: An Overview”, in *Statius. Thebaid, Books 1-7* (ed., tr. Shackleton Bailey, D.R.). Harvard, 2003, pp. 9-37.
- Davis, P.J., “Allusion to Ovid and others in Statius’ *Achilleid*”, *Ramus* 35, 2006, pp. 129-143.
- Davis, P.J., “Statius’ *Achilleid*: The Paradoxical Epic”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 157-172.
- Delarue, F., *Stace, poète épique. Originalité et cohérence*. Paris, 2000.

Dilke, O.A.W., “‘Magnus Achilles’ and Statian Baroque”, *Latomus* 22, 1963, pp. 498-503.

Dindorf, W. (ed.), *Scholia graeca in Homeri Iliadem*. Oxford, (1875–88).

Fantham, E., “‘Staius’ Achilles and his Trojan Model”, *CQ* 29, 1979, pp. 457-462.

Fantham, E., “‘Chironis exemplum’: on teachers and surrogate fathers in *Achilleid* and *Silvae*”, *Hermathena* 167, 1999, pp. 59-70.

Fantuzzi, M., *Achilles in Love: Intertextual Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

Feeney, D., “*Tenui...Latens Discrimine*: Spotting the Differences in Statius' *Achilleid*”, *MD* 52, 2004, pp. 85-105.

Ganiban, R.T., “The Beginnings of the ‘*Achilleid*’”, in *Brill’s Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 73-87.

Hardie, P., *The epic successors of Vergil: a study in the dynamics of a tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

Heslin, P.J., *The Transvestite Achilles*. Cambridge, 2005.

Heslin, P.J., “Lemmatizing Latin and Quantifying the *Achilleid*”, in *Intertextuality in Flavian Epic Poetry* (eds. Coffee, N., Forstall, C., Galli Milić, L., Nelis, D.). Berlin: De Gruyter, 2020, pp. 389-407.

Hinds, S., “Do-it-yourself literary tradition: Statius, Martial and others”, *MD* 39, 1997, pp. 187-207.

Hinds, S., *Allusion and Intertext. Dynamics of Appropriation in Roman Poetry*. Cambridge, 1998.

Hinds, S., “Essential epic: genre and gender from Macer to Statius”, in Depew, M., Obbink, D. (eds.), *Matrices of Genre: Authors, Canons, and Society*. Cambridge, 2000, pp. 221–244.

- Johnson, W.R., "Information and form: Homer, Achilles and Statius", in Oberhelman, S., Kelly, V., Golsan, R.J. (eds.), *Epic and Epoch. Essays on the Interpretation and History of a Genre*. Lubbock, 1994, pp. 25-39.
- Jouan, F., *Euripide et les légendes des Chants Cypriens, des origines de la guerre de Troie à l' Iliade*. Paris, 1966.
- Jouan, F., Van Looy, H. (eds.), *Euripide, Tragédies*. vol. 8, parte 3. Paris, 2002.
- Konstan, D., "Afterword", in Slavitt, D.R. (tr.), *Broken Columns. Two Roman Epic Fragments: "The Achilleid" of Publius Papinius Statius and "The Rape of Proserpine" of Claudius Claudianus*. Philadelphia, 1997, pp 79-96.
- Koster, S., "Liebe und Krieg in der *Achilleis* des Statius", *WJA* 5, 1979, pp. 189-208.
- McNelis, C., "Similes and Gender in the *Achilleid*", in *Brill's Companion to Statius* (ed. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden, 2015, pp. 189-204.
- Mendelsohn, D., "Empty Nest, Abandoned Cave: Maternal Anxiety in 'Achilleid' 1", *Cl. Ant.* 9, 1990, pp. 295-308.
- Micozzi, L. "Statius' Epic Poetry: A Challenge to the Literary Past", in *Brill's Companion to Statius* (eds. Dominik, W.J., Newlands, C.E., Gervais, K.). Leiden: Brill, 2015, pp. 325-342.
- Moles, F., "Archaic Heroism in Euripides' *Scyrians*", in *Fragmented Memory: Omission, Selection, and Loss in Ancient and Medieval Literature and History* (eds. Bruno, N., Filosa, M., Marinelli, G.). Berlin: De Gruyter, 2022, pp. 235-254.
- Myers, K.S., "*Ambiguus vultus*: Horatian echoes in Statius' *Achilleid*", *MD* 75, 2015, pp. 179-188.
- Nauta, R.R., "The *recusatio* in Flavian poetry", in *Flavian Poetry* (eds. Smolenaars, J.J.L., van Dam, H., Nauta, R.R.). Leiden, 2006, pp. 21-40.
- Panoussi, V., "Dancing in Scyros: Masculinity and Young Women's Rituals in the *Achilleid*", in *Ritual and Religion in Flavian Epic* (ed. Augoustakis, A.). Oxford: Oxford University Press, 2013, pp. 335-351.

- Parkes, R., “The Return of the Seven: Allusion to the ‘Thebaid’ in Statius’ ‘Achilleid’”, *AJPhil.* 129, 2008, pp. 381-402.
- Robertson, D.S., “The Food of Achilles”, *CR* 54, 1940, pp. 177-180.
- Rosati, G., “L’*Achilleide* di Stazio, un epica dell’ambiguità”, *Maia* 44, 1992, pp. 233-266.
- Roussel, M., *Biographie légendaire d’Achille*. Amesterdão, 1991.
- Russell, C.M., “The Most Unkindest Cut: Gender, Genre, and Castration in Statius’ *Achilleid* and *Silvae* 3.4”, *AJPhil.* 135, 2014, pp. 87-121.
- Sanna, L., “Achilles, the Wise Lover and His Seductive Strategies (Statius, *Achilleid* 1.560-92)”, *CQ* 57, 2007, pp. 207-215.
- Sanna, L., “Dust, water and sweat: the Statian *puer* between charm and weakness, play and war”, in *The Poetry of Statius* (eds. Smolenaars, J.J.L., van Dam, H., Nauta, R.R.). Leiden: Brill, 2008, pp. 195-214.
- Schetter, W., *Untersuchungen sur epischen Kunst des Statius*. Wiesbaden: Harrassowitz, 1960.
- Sfyroeras, P., “Like Purple on Ivory: A Homeric Simile in Statius’ *Achilleid*”, in *Flavian Poetry and its Greek Past* (ed. Augoustakis, A.). Leiden: Brill, 2014, pp. 235-248.
- Taisne, A., *L’esthétique de Stace*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.
- Toohey, P., *Reading Epic: An introduction to ancient narratives*. London: Routledge, 1992.

3 – Edições e traduções de outras obras

- Cronish, F.W., Mackail, J.W., Postgate, J.P (trs.), *Catullus. Tibullus. Pervigilium Veneris*. Harvard, 1913.
- Ehwald, R. (ed.), *P. Ovidius Naso. Amores, Epistulae, Medicamina faciei femineae, Ars amatoria, Remedia amoris*. Leipzig, 1907.

- Frazer, J.G. (ed.), *P. Ovidius Naso. Ovid's Fasti*. Harvard, 1933.
- Grant, M. (ed., tr.), *The Myths of Hyginus*. Lawrence, 1960.
- Greenough, J.B. (ed.), *Bucolics, Aeneid, and Georgics of Vergil*. Boston, 1900.
- Holden, A. (tr.), *Greek Pastoral Poetry. Theocritus. Bion. Moschus. The Pattern Poems*. London, 1974.
- Homer, *Homeri Opera in five volumes*. Oxford, 1920.
- Jones, W. H. S., Omerod, H. A. (tr.), *Pausanias. Description of Greece*. London, 1918.
- Kassel, R. (ed.), *Aristotle's Ars Poetica*. Oxford, 1966.
- Katz, V. (tr.), *Propertius*. Los Angeles, 1995.
- Kramer, O. (ed.), *C. Valeri Flacci Setini Balbi Argonauticon Libri Octo*. Leipzig, 1913.
- Laing, G.J., Shorey, P. (eds.), *Horace, Odes and Epodes*. Chicago, 1919.
- Lourenço, F. (tr.), *Homero, Ilíada*. Lisboa, 2005.
- Lourenço, F. (tr.), *Homero, Odisseia*. Lisboa, 2006.
- Mair, A.W., Mair, G.R. (trs.), *Callimachus, Lycophron, Aratus, Hymns and Epigrams. Lycophron: Alexandra. Aratus: Phaenomena*. Cambridge, 1921.
- Merrill, E.T. (ed.), *Catullus*. Toronto, 1893.
- Peiper, R., Richter, G. (eds.), *L. Annaeus Seneca. Tragoediae*. Leipzig, 1921.
- Race, William H. (ed., tr.), *Pindar. Nemean Odes. Isthmian Odes. Fragments*. Harvard, 1997.
- Ramsay, G. G., *Juvenal and Persius: With An English Translation*. London, New York, 1918.
- Seaton, R.C. (tr.), *Apollonius Rhodius. Argonautica*. London, 1912.
- Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Lucanus. De bello civili*. Leipzig, 1997.
- Shackleton Bailey, D.R. (ed., tr.), *Statius, Silvae*. Harvard, 2003.
- Showerman, G. (tr.), *Ovid. Heroides. Amores*. Harvard, 1914.
- Smyth, H.W. (ed., tr.), *Aeschylus, with an English translation, 2 vols*. Cambridge, 1926.

Tarrant, R.J. (ed.), *P. Ovidi Nasonis Metamorphoses*. Oxford, 2004.

Trypanis, C.A., Gelzer, T., Whitman, C.H. (eds., trs.), *Callimachus, Musaeus. Aetia, Iambi, Hecale and Other Fragments. Hero and Leander*. Cambridge, 1973.

Way, A.S. (ed., tr.), *Euripides*, 4 vols. Harvard, 1920.

West, M. (ed., tr.), *Homeric Hymns. Homeric Apocrypha. Lives of Homer*. Harvard, 2003.